



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO



DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES
COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS: ANÁLISE DA
REDE PARAIBANA DE BANCOS COMUNITÁRIOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LEONARDO FERREIRA BATISTA

CAMPINA GRANDE-PB, 2020



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

LEONARDO FERREIRA BATISTA

**DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES
COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS: ANÁLISE DA
REDE PARAIBANA DE BANCOS COMUNITÁRIOS**

Orientador: Profa. Dra. Suzanne Érica Nóbrega Correia

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Campina Grande.

CAMPINA GRANDE-PB, 2020

B333d Batista, Leonardo Ferreira.
Desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais: análise da Rede Paraibana de Bancos Comunitários / Leonardo Ferreira Batista. - Campina Grande, 2020.
104f. : il. Color.

Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação: Profa. Dra. Suzanne Érica Nóbrega Correia".
Referências.

1. Inovação Social. 2. Abordagem das Capacidades. 3. Inovação de Base. 4. Modelo 3C. 5. Habilidade Social. 6. Ciclo 5C. 7. Bancos Comunitários de Desenvolvimento. 8. Desenvolvimento Local. I. Correia, Suzanne Érica Nóbrega. II. Título.

CDU 005.591.6(043)

LEONARDO FERREIRA BATISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Campina Grande como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Administração. Área de Concentração: Gestão Social e Ambiental, e aprovada em 02 de outubro de 2020.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Suzanne Érica Nóbrega Correia (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Profª. Dra. Verônica Macário de Oliveira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho (Examinador Externo)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Obs.: Folha de aprovação assinada eletronicamente pelos membros da banca no processo 23096.034150/2020-52.

Campina Grande, 02 de outubro de 2020.

*A liberdade tem mil encantos a mostrar,
que os escravos, por mais satisfeitos, nunca hão de provar.*

Amartya Kumar Sen

AGRADECIMENTOS

Vários sentimentos acadêmicos e pessoais conduziram-me neste percurso, que terminou atipicamente em uma pandemia viral. Nesse cenário, registro meu sincero sentimento de solidariedade às famílias que perderam vidas. Do universo sempre ecoam grandes recados.

Participar deste programa, com área de concentração em Gestão Social e Ambiental, ampliou em minha mente diversas perspectivas de vida. Concluo esta fase, agradecendo a Deus por estar comigo sempre, neste e em outros percursos. O caminho não termina aqui.

Agradeço a minha família, em especial, minha mãe, minha avó e minha bisavó, por terem contribuído com meu processo de desenvolvimento pessoal, cada uma a seu modo. E ao meu pai (*in memoriam*), por ter me gerado e visto em vida tão pouco do meu desenvolvimento.

A minha orientadora, Profa. Dra. Suzanne Correia, ou simplesmente Su, nome mais apropriado para recorrer ao seu auxílio nas centenas de mensagens trocadas. O apoio e a praticidade dela foram fundamentais. Competente, humana e correta.

À banca, pelas contribuições com conhecimento e experiência: Dra. Verônica Oliveira, atual coordenadora do programa, sempre simpática e acessível, e Dr. Lázaro Silva Filho, membro externo que qualificou ainda mais o processo.

Aos laços construídos na turma. Em especial, nos grupos de *whatsapp* “Os Qualificados” (Karina, Valéria, Rodrigo e Lucas), com anseios, vinhos e risadas; e “Uber Mestre” (Juliana e Stephanie), nas idas animadas pra UFCG. Nas defesas, tivemos as melhores plateias. Aqui, menciono Angélica e Amanda (da turma anterior), pelo auxílio prestado.

Às pessoas especiais de fora do mundo acadêmico que me incentivaram, com suas presenças e palavras: Geraldo, Roberta, Catusca e Zuleica.

Aos professores do PPGA/UFCG, em especial, Adriana Miki, pelos incentivos constantes. Ao professor Edvan Aguiar, com seu conhecimento e dedicação inspiradora ao ofício. E à professora Petruska Machado, com quem tive contato alegre e agradável. À Mery, secretária do programa, pelo atendimento das solicitações durante o curso.

Aos atores sociais da Rede Paraibana de Bancos Comunitários, pertencentes aos bancos comunitários de desenvolvimento (BCD's), pela participação amistosa no estudo.

Por fim, à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar a pesquisa por meio de bolsa.

BATISTA, LEONARDO FERREIRA. **DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS: ANÁLISE DA REDE PARAIBANA DE BANCOS COMUNITÁRIOS**. 104 folhas. Dissertação de Mestrado em Administração - Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2020.

RESUMO

Este trabalho tem a seguinte questão norteadora: “Como ocorre o desenvolvimento de capacidades coletivas em iniciativas de inovação social?”. Para explorar esta problemática, foi realizado um estudo qualitativo com distintas fases metodológicas: revisão sistemática da literatura, ensaio teórico com proposição de *framework* e estudo de múltiplos casos, por meio de três artigos. O primeiro artigo realizou uma revisão sistemática sobre a congruência entre a inovação social e a abordagem das capacidades (*Capabilities Approach*) de Amartya Sen (1990, 2001), a partir de estudos emblemáticos eleitos pelo número de citações, ano de publicação e fator de impacto. O segundo artigo, inspirado no modelo 3C para inovações sociais lideradas pela base de Solava Ibrahim (2017), propôs um *framework* intitulado Ciclo 5C. Partindo da perspectiva de capacidades humanas, essa construção teórica discute as categorias previstas pelo modelo 3C para o desenvolvimento de inovações sociais a partir de suas bases (*bottom-up*), “conscientização”, “conciliação” e “colaboração”, e acrescenta as categorias “confluência” e “capital”, amparadas pelos conceitos seminais de capital de Bourdieu (1986) e de habilidade social de Fligstein (2007), no sentido de suprir as limitações do modelo anterior e permitir o avanço do tema. Por fim, o artigo 3 realiza uma análise desse *framework* junto à Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD), por meio de atores sociais dos bancos Jardim Botânico (João Pessoa/PB), Cinco Lagoas (Remígio/PB), Lagoa (Lagoa de Dentro/PB) e Maringá (Pombal/PB), por meio de triangulação de dados (revisão da literatura, entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental) e análise de conteúdo. Resultados evidenciam que a congruência abordada permite o avanço teórico da inovação social em três ênfases: atores, processos e ações de política pública e cidadania. E ainda propicia o desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais, processo evidenciado junto aos bancos comunitários de desenvolvimento paraibanos.

Palavras-chaves: Inovação Social. Abordagem das Capacidades. Inovação de Base. Modelo 3C. Habilidade Social. Ciclo 5C. Bancos Comunitários de Desenvolvimento. Desenvolvimento Local.

BATISTA, LEONARDO FERREIRA. DEVELOPMENT OF COLLECTIVE CAPABILITIES IN SOCIAL INNOVATIONS: ANALYSIS OF THE PARAIBANA NETWORK OF COMMUNITY BANKS. 104 pages. Master Dissertation in Management – Federal University of Campina Grande, Paraíba, 2020.

ABSTRACT

This work has the following guiding question: "How are collective capabilities developed in social innovation initiatives?" To explore this problem, a qualitative study was carried out with different methodological phases: a systematic review of the literature, a theoretical essay with a framework proposal, and a study of multiple cases, through three articles. The first article carried out a systematic review on the congruence between social innovation and the Capabilities Approach approach by Amartya Sen (1990, 2001), based on emblematic studies elected by the number of citations, year of publication, and impact factor. The second article, inspired by the 3C model for social innovations led by Solava Ibrahim (2017), proposed a framework called Ciclo 5C. From the perspective of human capabilities, this theoretical construction discusses the categories provided by the 3C model for the development of social innovations from its bottom-up, "conscientization", "conciliation" and "collaboration", and adds the categories "confluence" and "capital", supported by the seminal concepts of capital of Bourdieu (1986) and social skill of Fligstein (2007), in order to overcome the limitations of the previous model and allow the advance of the theme. Finally, article 3 performs an analysis of this framework with the Paraíba Network of Community Development Banks (BCD), through social actors from the banks Jardim Botânico (João Pessoa/PB), Cinco Lagoas (Remígio/PB), Lagoa (Lagoa de Dentro/PB) and Maringá (Pombal/PB), through data triangulation (literature review, semi-structured interviews and documentary research) and content analysis. Results show that the congruence addressed allows the theoretical advance of social innovation in three emphases: actors, processes, and actions of public policy and citizenship. It also promotes the development of collective capacities in social innovations, a process evidenced by the community development banks in Paraíba.

Keywords: Social Innovation. Capabilities Approach. Grassroots Innovation. 3C-Model. Social Skill. 5C-Cycle. Community Development Banks. Local Development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Descrição das Categorias do Modelo 3C.....	14
Figura 2 – Contribuições do Estudo.....	17
Figura 3 – Matriz de Percuro Metodológico da Pesquisa.....	21
<u>Artigo 1</u>	
Figura 1 – Síntese Sistemática de Seleção dos Estudos	33
Figura 2 – Percursos Principais da Abordagem das Capacidades para Inovação Social.....	39
Figura 3 – Sugestões de Estudos Futuros - Inovações de Base	40
Figura 4 – Sugestões de Estudos Futuros - Ênfase em Processos de IS.....	41
Figura 5 – Sugestões de Estudos Futuros - Ações de Cidadania e Políticas Públicas.....	42
<u>Artigo 2</u>	
Figura 1 – The 3C-model for GLD.....	52
Figura 2 – Descriptive and Explanatory Framework of 5C Cycle.....	58
Figura 3 – 5C-Cycle of Collective Capabilities Development in IS Initiatives.....	59
Figura 4 – Variables Influencing the Dynamics of 5C Cycle.....	60
<u>Artigo 3</u>	
Figura 1 – Descritores do Ciclo 5C.....	69
Figura 2 – Ciclo 5C.....	70
Figura 3 – Identidades Visuais dos BCD's Paraibanos.....	73
Figura 4 – Moedas Sociais Paraibanas.....	74
Figura 5 – Rede Gerada sobre a Categoria Capital.....	75
Figura 6 – Rede Gerada sobre a Categoria Conscientização.....	78
Figura 7 – Rede Gerada sobre a Categoria Conciliação.....	80
Figura 8 – Rede Gerada sobre a Categoria Colaboração.....	82
Figura 9 – Rede Gerada sobre a Categoria Confluência.....	84

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Tabela 1 – Recorte de estudos dos últimos 10 anos que utilizam abordagem das capacidades no campo da inovação social ranqueados pela *Methodi Ordinatio*.....34

Artigo 3

Tabela 1 – Dados das Entrevistas.....71

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

IS – Inovação Social.....	12
BCD's – Bancos Comunitários de Desenvolvimento.....	15
ONG's – Organizações Não Governamentais.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Contextualização do Problema de Pesquisa.....	12
1.2 Objetivos da Pesquisa.....	15
1.2.1 Objetivo geral.....	15
1.2.2 Objetivos específicos.....	16
1.3 Justificativa da Pesquisa.....	16
1.4 Procedimentos Metodológicos.....	18
1.4.1 Artigo 1.....	18
1.4.2 Artigo 2.....	19
1.4.3 Artigo 3.....	19
1.4.4 Estrutura da Dissertação.....	20
CAPÍTULO 1.....	23
Artigo 1 - A ABORDAGEM DAS CAPACIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE INOVAÇÕES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	24
1 Introdução.....	25
2 Inovação Social e o Enfoque de Capacidades.....	27
2.1 Capacidades Coletivas.....	29
3 Procedimentos Metodológicos.....	31
4 Perspectivas de Estudos sobre Inovação Social e o Desenvolvimento de Capacidades.....	34
4.1 Criação do Portfólio Teórico.....	34
4.2 Frentes de Pesquisa sobre a Abordagem das Capacidades para Inovação Social.....	39
4.2.1 Inovações de Base.....	40
4.2.2 Processos para Inovação Social.....	40
4.2.3 Ações de Cidadania e Políticas Públicas.....	42
5 Considerações Finais.....	43
CAPÍTULO 2.....	45
Artigo 2 - DEVELOPMENT OF COLLECTIVE CAPABILITIES IN SOCIAL INNOVATIONS: THE 5C CYCLE.....	46
1 Introduction.....	46
2 Capabilities Approach.....	48

3 Contribution by Ibrahim (2017): 3C Model and Its Limitations.....	51
4 Capabilities Building in Social Innovation Initiatives: The 5C Cycle.....	54
5 Final Considerations.....	61
CAPÍTULO 3.....	63
Artigo 3 - CAPACIDADES COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS À LUZ DO CICLO 5C: UMA ANÁLISE DA REDE PARAIBANA DE BANCOS COMUNITÁRIOS.....	64
1 Introdução.....	65
2 Abordagem das Capacidades para Inovação Social.....	66
2.1 O Ciclo 5C.....	67
3 Procedimentos Metodológicos.....	71
4 Resultados e Discussões.....	72
4.1 Caracterização do objeto de estudo.....	72
4.2 Evidências do ciclo 5C na Rede Paraibana de Bancos Comunitários.....	74
4.2.1 Capital.....	75
4.2.2 Conscientização.....	78
4.2.3 Conciliação.....	79
4.2.4 Colaboração.....	82
4.2.5 Confluência.....	83
5 Considerações Finais.....	86
CAPÍTULO 4.....	88
CONCLUSÕES.....	89
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICES.....	99
APÊNDICE I – Roteiro de Entrevista.....	99
APÊNDICE II – Comprovante de Submissão do Artigo 1.....	102
APÊNDICE III – Comprovante de Submissão do Artigo 2.....	103
APÊNDICE IV – Comprovante de Submissão do Artigo 3.....	104

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do Problema de Pesquisa

O desenvolvimento de capacidades humanas, na perspectiva do economista indiano Amartya Sen (1990, 2001), premiado pelo Nobel de Economia em 1998, contempla a inter-relação dos elementos constitutivos da vida humana, enxergando-os como a interação de várias efetivações, denominadas de capacidades. Devido a necessidade de entendimento dos esforços sociais coletivos e a ideia de liberdade e de expansão de capacidades, as discussões de Sen (1990, 2001) frutificaram a chamada Abordagem das Capacidades (*capabilities approach*).

Sen formulou o conceito de capacidades (ou capacidades humanas) a partir da década de 1980, considerando um contexto de pobreza de países em desenvolvimento (Deneulin & McGregor, 2010). Partindo, em sua gênese, de uma concepção meramente econômica, a abordagem suscitada tornou-se uma alternativa ao aporte de base utilitarista da economia do bem-estar e ao pensamento político liberal (Burchardt 2004; Orton, 2011). Isto porque o desenvolvimento social passou a ser considerado também como lócus considerável e significativo de pesquisas.

Em sentido amplo, a abordagem de Sen (1990, 2001) apresenta a desigualdade social e explicita as barreiras econômicas, sociais e ambientais que impedem a plenitude da igualdade entre atores sociais (Burchardt, 2004; Orton, 2011; Sen, 1990, 2001), estes que podem ter suas capacidades fortalecidas e desenvolvidas quando elas se combinam (Ziegler, 2010).

O enfoque norteador dessa abordagem é uma reflexão que pode ser sintetizada na busca pelo bem-estar e pela mudança social (Robeyns, 2005) em uma estrutura de pensamento, por vezes considerada como um paradigma – mesmo que ainda vagamente definido –, aplicável em vários contextos (Robeyns, 2005; Ziegler, 2010), como por exemplo, estudos sobre desenvolvimento, política social e filosofia política.

Nesse ensejo de discussões sobre o desenvolvimento de cunho social na perspectiva de capacidades, a inovação social (IS) ganha destaque. Por meio de uma rede de atores sociais e com o apoio de várias esferas, como a comunitária, a pública e a privada, esse fenômeno é refletido no emprego de várias ações para a melhoria irrestrita de vida em sociedade, como apontam pesquisas ao longo da evolução da temática (Cajaíba-Santana, 2014; Phillips, Lee, Ghobadian, O'Regan, & James, 2015; Portales, 2019; Schubert, 2018; van der Have & Rubalcaba, 2016).

Embora exista grande amplitude no conceito de inovação social, há um risco em se considerar tudo que gera mudança social ou que ofereça benefícios à sociedade como inovação social (Portales, 2019). Comparando-a com a inovação econômica, a IS difere pela proposta de valor (Phillips et al., 2015), uma vez que aquela busca benefício comercial ou financeiro, por meio da competição entre atores, e esta busca mudança social, preponderantemente por meio da cooperação (Portales, 2019).

Trata-se de um conceito amplo que reflete a capacidade de criação de alternativas por meio de atores sociais com foco na mudança social em várias dimensões (Cajaíba-Santana, 2014; Gerometta, Haussermann, & Longo, 2005; Moulaert, Martinelli, González, & Swyngedouw, 2007; Souza, Lessa, & Silva Filho, 2019; van der Have & Rubalcaba, 2016). Isto porque, quando uma rede de atores sociais é formada, com a modificação de suas reflexões e ações (Schubert, 2018), o papel da sociedade é essencial, com vista à satisfação das necessidades humanas, às mudanças nas relações sociais, ao acesso a recursos e ao aumento na capacidade sócio-política (Correia, Melo, & Oliveira, 2016; Hillier, Moulaert, & Nussbaumer, 2004), trazendo bem-estar social local ou global (Gerometta et al., 2005).

Diante dessa discussão, contudo, é necessário considerar que as relações com o mercado não são totalmente extintas pela inovação social, podendo esta atuar como reguladora dessas relações, com uma visão que integra necessidades não levadas em consideração pelo mercado competitivo, por meio de mecanismos de solidariedade e reciprocidade em nível local, para garantir a satisfação das necessidades sociais presentes no contexto (Hillier et al., 2004; Souza et al., 2019). Com efeito, tem-se uma alteração nas relações da sociedade e um aumento do capital social (Portales, 2019), um recurso traduzido em uma rede de confiança e de reciprocidade entre atores sociais (Bourdieu, 1986), um dos produtos mais significativos desse tipo de inovação.

Como resultados, a inovação social pode alcançar alternativamente a alteração da estrutura de sistemas econômicos e apresentar novos desafios políticos e de estratégias de gestão (van der Have & Rubalcaba, 2016), sendo, por este motivo, tão significativas e contributivas as pesquisas sobre o tema (Cajaíba-Santana, 2014; Neumeier, 2012; van der Have & Rubalcaba, 2016; Ziegler, 2017b).

Há que se refletir também que o envolvimento e as relações entre os atores de inovação social estão diretamente ligados à satisfação das necessidades não atendidas, tendo como critérios, portanto, os mecanismos de governança, nível de articulação dos sujeitos,

aprendizagem, empoderamento e realidade do contexto social como fatores fundamentais para o engajamento de esforços empreendidos (Correia, Batista, & Motta, 2019).

Esses fatores corroboram o entendimento sobre a Abordagem das Capacidades e a Teoria da Inovação Social, congruência que inspirou Ibrahim (2017) na formulação do Modelo 3C, um *framework* que evidencia como os atos individuais e coletivos dos atores sociais, inclusive dentro de organizações, podem gerar novas capacidades específicas em iniciativas de inovação social (IS), uma vez que elas são capazes de promover uma reflexão sobre as alternativas de desenvolvimento social em objetos com este fim. Emerge, então, a necessidade de se aprofundar a discussão sobre as capacidades coletivas em tais tipos de iniciativas.

Ao propor o modelo 3C, Ibrahim (2017) defende três categorias (ou papéis superiores) de capacidades nas iniciativas de IS: 1) Conscientização; 2) Conciliação; e 3) Colaboração, que promovem a mudança em três níveis interdependentes (individual, coletivo e institucional). Vide Figura 1.

Categoria	Descrição
Conscientização	Age no próprio indivíduo, dirigindo sua estrutura cognitiva, de tal forma que desperta o pensamento crítico necessário para sua inquietação, com o objetivo de melhoria de vida e do mundo, resultando na criação de estratégias para este fim.
Conciliação	Está diretamente ligada aos interesses coletivos e ao compartilhamento de ações voltadas ao bem comum. A palavra-chave é consenso, cuja ausência impossibilita a visão compartilhada, necessária à transformação social.
Colaboração	Envolvimento dos atores com características desiguais que pode provocar mudanças significativas, a partir de capacidades e papéis fortalecidos entre si.

Figura 1. Descrição das Categorias do Modelo 3C.

Fonte: Ibrahim (2017).

Entende-se, então, que na Abordagem das Capacidades, é a combinação de efetivações, capacidade e agência (individual, coletiva e relacional) que facilita a realização da dimensão desejada do desenvolvimento humano (Tiwari, 2011). E, assim, o modelo de Ibrahim (2017) enfatiza a importância das inovações sociais no apoio à agência coletiva e nos desafios das relações desiguais de poder dentro das comunidades locais e entre os atores do desenvolvimento (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015), fortalecidas nas ações de planejamento, implementação e apoio em projetos sustentáveis, escaláveis nas bases (*bottom-up*) (Correia et al., 2019; Correia, Oliveira, & Gomez, 2016; Portales, 2019).

A discussão sobre o desenvolvimento de capacidades, principalmente aplicada aos estudos econômicos e organizacionais, trazem em seu escopo muitas possibilidades de adaptação, dado seu caráter multidisciplinar e de múltiplas perspectivas desde sua concepção

(Sen, 1990, 2001). Nesse sentido, o estudo de capacidades torna-se congruente com o desenvolvimento de inovações sociais, a exemplo da sua utilização com enfoque processual no Modelo 3C de Ibrahim (2017).

Por esse motivo, o escopo da abordagem das capacidades para o desenvolvimento de inovações sociais possui lacunas para contribuições científicas importantes, que devem objetivar maior exploração do contexto de desenvolvimento das inovações sociais e suas interligações com a abordagem das capacidades e teorias explicativas adicionais. A partir disso, a passagem das discussões teóricas à implementação de inovações sociais mais otimizadas e realizadas por atores mais capacitados pode ser favorecida.

Com essa perspectiva, este trabalho aborda o desenvolvimento de capacidades humanas em iniciativas de inovação social e contribui com o avanço teórico-empírico dessa discussão, em que se parte da Teoria da Inovação Social e dos postulados de Sen (1990, 2001) e concebe-se novos entendimentos acerca da expansão dessa temática.

Quando os objetivos deste estudo forem atingidos, surgirá a resposta da pergunta principal da pesquisa, “**Como ocorre o desenvolvimento de capacidades coletivas em iniciativas de inovação social?**”, a partir de um encadeamento metodológico cujo percurso teórico origina-se na Abordagem das Capacidades e segue até a proposição teórica de um *framework*, intitulado Ciclo 5C e posterior análise empírica junto aos bancos da Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento, uma iniciativa de inovação social que congrega os BCD’s: Jardim Botânico, de João Pessoa/PB; Lagoa, de Lagoa de Dentro/PB; Cinco Lagoas, de Remígio/PB; e o Maringá, de Pombal/PB.

1.2 Objetivos da Pesquisa

1.2.1 Objetivo geral

- Compreender o processo de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais.

1.2.2 Objetivos específicos

- Mapear a congruência entre Inovação Social e a Abordagem das Capacidades para a construção de uma agenda de pesquisas.
- Propor um *framework* com as variáveis de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais.
- Analisar empiricamente o *framework* de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais.

1.3 Justificativa da Pesquisa

Esta pesquisa discute o processo de desenvolvimento de capacidades humanas e os papéis dos atores de iniciativas de inovação social, revelando uma melhor compreensão de seus processos a partir das bases dessas iniciativas. Esse enfoque apresenta escassez na literatura (Howaldt & Schwarz, 2017; Ibrahim, 2017) e necessita de estudos multidisciplinares, que conduzem a uma compreensão abrangente sobre as inovações sociais, seus atores e as relações entre estes (Portales, 2019; Scoppetta, Butzin, & Rehfeld, 2014; Ziegler, 2017b).

Nessa perspectiva, o modelo 3C (Ibrahim, 2017), inspirado na abordagem das capacidades humanas de Sen (1990, 2001), fornece um suporte relevante a este estudo por propor articulações teóricas que demonstram o caráter coletivo do desenvolvimento de capacidades coletivas, a descrição das categorias relacionadas ao processo e a reflexão do bem comum objetivado pelo fenômeno (van Der Have & Rubalcaba, 2016). Complementarmente, motiva novas explorações teóricas e abordagens empíricas para o seu aperfeiçoamento e robustecimento.

Nesse sentido, justifica-se a escolha dessa base teórica como inspiração dos objetivos já elencados, que se complementam e que geram três artigos científicos correlacionados para responder ao questionamento central desta dissertação.

As contribuições deste trabalho estão sintetizadas conforme as informações seguintes. Vide Figura 2.

Aspecto norteador	Contribuições da pesquisa
<i>Do que se fala?</i>	Inovação Social é um tema emergente no campo científico e, nesta pesquisa, utiliza a abordagem das capacidades e o Modelo 3C (Ibrahim, 2017) como viabilizadores de aplicação para desenvolvimento do tema e nova proposição. Parte-se de uma perspectiva humana para o desenvolvimento total de iniciativas de inovação social. Um <i>framework</i> é apresentado com a síntese teórica das discussões.
<i>Por que desse modo?</i>	A pergunta central, o problema de pesquisa, busca compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades coletivas em iniciativas de inovação social. Sob visão metodológica, busca-se representar isso em um <i>framework</i> , o que indica pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Com este percurso, os objetivos são preenchidos e fornecem contribuição teórico-empírica sobre a temática.
<i>É o melhor momento?</i>	É um tema atual e de impacto na sociedade, tanto sob a perspectiva econômica quanto sob a perspectiva social. A pesquisa evidencia que o campo da inovação social é emergente e precisa ser abordado teoricamente, no sentido de desenvolver seu escopo conceitual, e empiricamente, fomentando sua evolução, dadas as discussões contemporâneas sobre desigualdade e mudança social, as quais emergem cotidianamente e subsidiam até mesmo políticas organizacionais.
<i>A quem interessa?</i>	Pesquisadores das temáticas sociais, principalmente da inovação social, atores dos ecossistemas de inovação social, empreendedores sociais e a sociedade em geral, que é impactada social e economicamente pela implementação de inovações sociais e seus efeitos.
<i>Qual o lugar e objeto?</i>	Estado da Paraíba, por critérios justificados de acessibilidade e desenvolvimento local. Pesquisa junto à Rede Paraibana de Bancos Comunitários, por possuir estrutura adequada para a validação empírica do <i>framework</i> proposto.

Figura 2. Contribuições do Estudo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020) inspirado em Whetten (2003).

A Figura 2 descreve a importância do estudo proposto em suas particularidades. Apresenta-se a escolha metodológica de desenvolvimento do estudo no Estado da Paraíba, a fim de subsidiar o desenvolvimento local, sem prejuízo da possibilidade de extensão dos resultados da pesquisa a outras localidades.

Nesse sentido, justifica-se que a aplicação na Paraíba ainda traz casos emblemáticos e propiciadores das análises necessárias presentes no decorrer deste estudo, por se tratar de iniciativas de inovação social de base que integram a Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD), a partir de características e de processos que se alinham às representações do *framework* proposto.

Por fim, defende-se que, para atingir os objetivos pretendidos, o percurso deste trabalho é assegurado com a triangulação de dados, que garante validade e confiabilidade da proposta de pesquisa (Flick, 2004; Leão & Mello, 2011; Paiva Júnior, Leão, & Mello, 2011; Ullrich, Oliveira, Basso, & Visentini, 2013), descritas e justificadas a seguir.

1.4 Procedimentos Metodológicos

Uma pesquisa científica se dá por meio de atividades voltadas à estruturação sistematizada de um conhecimento, uma vez que ela tem como características a formalidade, a reflexão e a indução ao conhecimento da realidade ou às verdades parciais desta (Lakatos & Marconi, 2010). Diante disto, é necessária a apresentação da abordagem, do método, dos sujeitos e das formas de coleta e análise dos dados que serão utilizados neste estudo.

Pelo caráter subjetivo desta pesquisa, que necessita preponderantemente do conhecimento dos processos analisados e das concepções dos sujeitos, adota-se a abordagem qualitativa. Este direcionamento científico promove um estudo em profundidade e em detalhes (Patton, 2002) por partir de questões de interesses amplos, desenvolvidas e aprofundadas com a aproximação entre pesquisador e realidade estudada (Godoy, 1995).

Quanto aos fins, este estudo caracteriza-se como exploratório, por ter como finalidade proporcionar maiores informações sobre como o desenvolvimento de capacidades ocorre nos processos de inovação social, a partir dos níveis de análise propostos por Ibrahim (2017), uma vez que o tema ainda é pouco explorado.

A seguir, tem-se os procedimentos utilizados por cada artigo gerado pela pesquisa.

1.4.1 Artigo 1

Para abordar a congruência entre o campo científico da inovação social e a abordagem das capacidades (Sen, 1990, 2001), realizou-se uma análise sistemática da literatura, a partir de

técnicas de análise relacionais baseadas em análise de dados de texto (Roig-Tierno, Gonzalez-Cruz, & Llopis-Martinez, 2017).

O portfólio bibliográfico foi construído por meio da *methodi ordinatio*, uma adaptação metodológica do método *ProKnow-C* que ranqueia trabalhos relevantes a partir do fator de impacto, do número de citações e do ano de publicação de cada um deles (Pagani, Kovaleski, & Resende, 2015, 2017).

Por meio de uma abordagem integrativa e de acordo com os principais itens para revisão sistemática indicados pela recomendação PRISMA (MOHER et al., 2009, 2015), a estrutura desse artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura que identifica, seleciona e dá suporte à meta-análise dos estudos incluídos.

1.4.2 Artigo 2

Sob a ótica da abordagem das capacidades (*capabilities approach*) de Sen (1990, 2001), utilizou-se a revisão da literatura para a construção de um ensaio teórico, que, inspirado no Modelo 3C de Ibrahim (2017), discute o desenvolvimento de capacidades coletivas nas iniciativas de inovação social.

Para isso, acrescenta-se à discussão as concepções de capital (Bourdieu, 1986) e habilidade social (Fligstein, 2007) como respostas às lacunas presentes no modelo anterior, culminando na proposição de um *framework*.

1.4.3 Artigo 3

Pelo caráter investigativo deste estudo, definiu-se o estudo de caso como método de pesquisa, por reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre o fenômeno. Este método é preferível quando os pesquisadores querem entender questões importantes para um processo: “por que” e “como” ocorre um fenômeno estudado (Freitas & Jabbour, 2011; Llewellyn & Northcott, 2007; Yin, 2015).

A coleta de dados da pesquisa contará com a triangulação de dados para maior validade e confiabilidade, pois supera as limitações de um método único e oferece relevância (Flick, 2004; Paiva Júnior et al., 2011; Ullrich et al., 2013). Para isso, serão utilizadas, além da revisão da literatura, as entrevistas semiestruturadas e a análise documental.

Nas entrevistas realizadas, utiliza-se, como instrumento de coleta de dados, um roteiro de questões sobre o processo de desenvolvimento de capacidades dos atores de inovação social, elaborado a partir do *framework* proposto pelo artigo 2. Esse roteiro é aplicado junto aos atores sociais envolvidos na Rede Paraibana de Bancos Comunitários (sujeitos desta pesquisa), até o atingimento da saturação teórica. A análise documental, por sua vez, ocorreu a partir de publicações e de relatórios da mesma iniciativa.

Por fim, os dados serão analisados a partir da utilização da técnica de análise de conteúdo, definida como um conjunto de técnicas de análise que envolve procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das informações coletadas (Bardin, 2011), cujo delineamento geral é exposto a seguir.

1.4.4 Estrutura da Dissertação

Além dos aspectos introdutórios, esta dissertação está estruturada em três artigos. O primeiro artigo mapeia as produções científicas sobre a inovação social com uma perspectiva de capacidades e fornece a base teórica para o início do estudo, bem como uma agenda para pesquisas futuras. A partir disso, lacunas do modelo desenvolvido por Ibrahim (2017), o modelo 3C para inovações de base, inspira o segundo artigo a propor um *framework*, intitulado Ciclo 5C. Por fim, com o objetivo de validar esta proposição, surge o terceiro artigo no sentido de analisá-la empiricamente com evidências de múltiplos casos.

Ao final deste trabalho, tem-se as conclusões da pesquisa, suas limitações e sugestões para futuros estudos. Para sintetizar todo o percurso da pesquisa, a Figura 3 apresenta a matriz metodológica que delinea a elaboração da presente dissertação.

MODALIDADE: TRÊS ARTIGOS					
DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS: ANÁLISE DA REDE PARAIBANA DE BANCOS COMUNITÁRIOS					
PROBLEMA DE PESQUISA: Como ocorre o desenvolvimento de capacidades coletivas em iniciativas de inovação social?					
OBJETIVO GERAL DA PESQUISA: Compreender o processo de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais.					
OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA	ARTIGOS DESENVOLVIDOS	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	NATUREZA E MÉTODOS DA PESQUISA	COLETA DE DADOS	ANÁLISE DE DADOS
Mapear a congruência entre Inovação Social e a Abordagem das Capacidades para a construção de uma agenda de pesquisas	ARTIGO 1 A Abordagem das Capacidades para o Desenvolvimento de Inovações Sociais: Uma Revisão Sistemática	Recorte de estudos eleitos pela metodologia <i>methodi ordinatio</i>	Revisão Sistemática da Literatura (PRISMA)	Extração de informações e de artigos indexados na <i>Web of Science</i>	Análise bibliométrica e Análise de Conteúdo
Propor um <i>framework</i> com as variáveis de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais	ARTIGO 2 Development of Collective Capabilities in Social Innovations: The 5C Cycle	1. Teoria da Inovação Social 2. Abordagem das Capacidades 3. Modelo 3C 4. Habilidade Social 5. As Formas de Capital	Abordagem qualitativa - ensaio teórico	Revisão de literatura	Discussão teórica
Analisar empiricamente o <i>framework</i> de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais	ARTIGO 3 Capacidades Coletivas de Inovações Sociais à Luz do Ciclo 5c: Uma Análise da Rede Paraibana de Bancos Comunitários	Modelo proposto no artigo 2 e suas bases teóricas	Abordagem qualitativa – análise empírica a partir do <i>framework</i> proposto	Revisão da literatura, entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental (triangulação de dados)	Análise de conteúdo (<i>software</i> ATLAS.ti)

Figura 3. Matriz de Percurso Metodológico da Pesquisa.

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Conforme descrito na Figura 3, a matriz metodológica apresentada exprime uma síntese dos suportes teórico e metodológico empregados para o atingimento dos objetivos pretendidos e da estrutura deste trabalho. Ainda apresenta a relação entre os três artigos resultantes, a correspondência sequencial entre eles e a consecução de cada objetivo específico da pesquisa.

Desse modo, esta dissertação apresenta: revisão sistemática da literatura, ensaio teórico com proposição de *framework* e artigo empírico. Ambos atendem aos objetivos específicos do trabalho e, conseqüentemente, ao objetivo geral.

Capítulo 1

A ABORDAGEM DAS CAPACIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE INOVAÇÕES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

A ABORDAGEM DAS CAPACIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE INOVAÇÕES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar os percursos e tendências da utilização da abordagem das capacidades (Sen, 1990, 2001) para o desenvolvimento do campo científico da inovação social. Em termos metodológicos, realizou-se uma análise sistemática da literatura orientada pela recomendação PRISMA (Moher et al., 2009, 2015). Foram analisados 16 artigos da base *Web of Science*, cujo recorte teórico foi feito por meio da *methodi ordinatio*, que utiliza como critérios o fator de impacto, número de citações e ano de publicação. Nesse sentido, a literatura aponta a congruência entre o campo da inovação social e a abordagem das capacidades como uma compreensão incremental da atuação dos atores sociais que provocam mudanças nas bases das estruturas sociais e/ou organizacionais e o desenvolvimento de suas capacidades. Dessa forma, os estudos expressam principalmente os processos de inclusão e interação dos atores sociais que estão enquadrados em três frentes de pesquisa: inovações de base, processos para inovação social e ações de cidadania e políticas públicas.

Palavras-chave: Inovação social. Abordagem das Capacidades. Inovação de Base.

The Capabilities Approach for The Development of Social Innovations: A Systematic Review

Abstract

This article aims to address the paths and trends in the use of the capabilities approach (Sen, 1990, 2001) to develop the scientific field of social innovation. In methodological terms, a systematic analysis of the literature was carried out, guided by the PRISMA recommendation (Moher et al., 2009, 2015). Sixteen articles from the Web of Science database were analyzed, whose theoretical approach was made using the methodi ordinatio, which uses as criteria the impact factor, a number of citations, and year of publication. In this sense, the literature points to the congruence between the field of social innovation and the approach to capabilities as an incremental understanding of the role of social actors that cause changes in the bases of social and/or organizational structures and the development of their capabilities. Thus, the studies mainly express the inclusion and interaction of social actors framed in three research fronts:

¹ Artigo de autoria de Leonardo Ferreira Batista e Suzanne Érica Nóbrega Correia, encaminhado à REAd - Revista Eletrônica de Administração (Qualis CAPES: B1 – A2 no novo Qualis) em 22/07/2020, conforme comprovante em anexo.

grassroots innovations, processes for social innovation, and actions of citizenship and public policies.

Keywords: *Social Innovation. Capabilities Approach. Grassroots Innovation.*

El Enfoque de Capacidad Para El Desarrollo de Innovaciones Sociales: Una Revisión Sistemática

Resumen

Este artículo tiene como objetivo abordar los caminos y las tendencias en el uso del enfoque de capacidades (Sen, 1990, 2001) para el desarrollo del campo científico de la innovación social. En términos metodológicos, se realizó un análisis sistemático de la literatura, guiado por la recomendación de PRISMA (Moher et al., 2009, 2015). Se analizaron 16 artículos de la base de datos de Web of Science, cuyo enfoque teórico se realizó utilizando el método ordinatio, que utiliza el factor de impacto, el número de citas y el año de publicación como criterios. En este sentido, la literatura señala la congruencia entre el campo de la innovación social y el enfoque de las capacidades como una comprensión incremental del papel de los actores sociales que causan cambios en las bases de las estructuras sociales y/o organizativas y el desarrollo de sus capacidades. De esta forma, los estudios expresan principalmente los procesos de inclusión e interacción de los actores sociales que se enmarcan en tres frentes de investigación: innovaciones de base, procesos de innovación social y acciones de ciudadanía y políticas públicas.

Palabras clave: *Innovación social. Enfoque de capacidades. Innovación de Base.*

1 Introdução

Na última década, devido ao crescente interesse da comunidade científica em questões sociais, as pesquisas sobre inovação social (IS) têm sido fortalecidas, especialmente em temáticas relacionadas à gestão e ao empreendedorismo (Biggeri, Testi, & Bellucci, 2017; Biggs, Westley, & Carpenter, 2010; Maclean, Harvey, & Gordon, 2013; Phillips et al., 2015; Portales, 2019).

Assim, o conceito de inovação social se expandiu, vinculado ao desejo de uma transformação social (Abad & Ezponda, 2019), na captura de novas combinações ou configurações sociais emergentes em alguns contextos da sociedade (Howaldt & Schwarz,

2017). Justifica-se, então, que as particularidades da inovação social diferem-se e, dessa forma, se faz necessário o avanço em novos paradigmas e novas perspectivas teóricas (Cajaíba-Santana, 2014; Scopetta, Butzin, & Rehfeld, 2014; Ziegler, 2017b), uma vez que ainda não possui delimitação de seus processos, sobre o qual diferentes abordagens coexistem (Voorberg, Bekkers, & Tummers, 2015) e abrem o seu campo para contribuições teóricas e empíricas (Cajaíba-Santana, 2014; Pel, Wittmayer, Dorland, & Jørgensen, 2018; van der Have & Rubalcaba, 2016).

Destarte, o fenômeno da inovação social pertence a um campo fragmentado, com um conjunto de contribuições teóricas emergentes (Caroli, Fracassi, Maiolini, & Pulino, 2018) e multidisciplinares (Foroudi, Akarsu, Marvi, & Balakrishnan, 2020), avançando em pesquisas que lidam frequentemente com problemas sociais e econômicos.

Um dos enfoques é a relação da inovação social com a abordagem das capacidades de Sen (1990, 2001). Nessa abordagem, discute-se como os atores sociais agem nas mais variadas práticas das suas vidas e como se relacionam por meio dos “efetivações”, a partir de suas liberdades e propósitos individuais e coletivos (Deneulin & McGregor, 2010; Sferrazzo & Ruffini, 2019).

Com a combinação dessas efetivações (seres e ações), surge a compreensão do conceito de capacidades, bem como das limitações e atuações existentes nas capacidades humanas para o alcance de seus objetivos (Deneulin & McGregor, 2010; Sen, 1990, 2001), sendo um entendimento pertinente ao desenvolvimento de diversas práticas sociais, inclusive de cunho gerencial (Sferrazzo & Ruffini, 2019).

Diante do caráter emergente das pesquisas relacionadas à inovação social e à abordagem das capacidades (Howaldt & Schwarz, 2017; Tiwari, 2017; Ziegler, Molnár, Chiappero-Martinetti, & von Jacobi, 2017), surge a necessidade de discussões que explorem a contribuição dessa congruência temática e o impulsionamento de novas pesquisas para o seu desenvolvimento, uma vez que os limites dos processos de inovação social ainda não foram completamente estruturados (Cajaíba-Santana, 2014; Pel et al., 2018) e podem contar com o enfoque de capacidades para sua estruturação (Howaldt & Schwarz, 2017; Tiwari, 2017; Ziegler et al., 2017).

Algumas revisões sistemáticas têm sido apresentadas na literatura a partir de um esforço para conceituar e esclarecer as abordagens teóricas da inovação social (Foroudi et al., 2020), mas com lacunas sobre um entendimento da inovação social relacionada a outras teorias que a amparam. Assim, se faz necessária uma abordagem integrativa como instrumento para refletir

o processo de construção social marcado por um contexto de relações sociais individual e coletivizada (Cajaíba-Santana, 2014; Jessop, Moulaert, Hulgård, & Hamdouch, 2013; Klein & Harrison, 2006; Moulaert, 2009; Nicholls & Murdock, 2012), que ocasiona a expressão da identidade e da autonomia de pessoas e de comunidades na formação e análise de soluções para problemas de exclusão social e no desenvolvimento de novas estratégias de integração social (Gerometta, Haussermann, & Longo, 2005).

Nesse intuito, este artigo tem como objetivo realizar uma análise bibliométrica orientada pela recomendação PRISMA (Moher et al., 2009, 2015), a fim de abordar os percursos e tendências da utilização da abordagem das capacidades (Sen, 1990, 2001) para o desenvolvimento do campo científico da inovação social.

No sentido de alcançar o objetivo, conta-se com a metodologia *methodi ordinatio*, pelos critérios de fator de impacto dos periódicos utilizados, número de citações e ano de publicação, para a construção de um portfólio relevante e atual sobre a temática em análise. Busca-se, assim, incentivar a pesquisa em inovação social com a perspectiva de capacidades e, conseqüentemente, fortalecer a inovação social como instrumento possível de desenvolvimento econômico e social (Portales, 2019; Schubert, 2018; Souza, Lessa, & Silva Filho, 2019).

Estruturalmente, além dessa parte introdutória, são apresentados os aspectos teóricos, metodológicos, e a revisão sistemática da literatura. Por fim, estudos futuros e uma síntese da pesquisa por meio de considerações finais dos autores são apresentados.

2 Inovação Social e o Enfoque de Capacidades

Os últimos anos revelaram um crescente interesse de pesquisadores de vários países na pesquisa em inovação social (Adro & Fernandes, 2020), principalmente pela perspectiva de resolução de problemas sociais e pela conseqüente necessidade de mudança na relação entre os seres humanos e o ambiente em que vivem. Com a evolução dos estudos realizados, tornou-se necessário o aprofundamento conceitual e metodológico para um melhor entendimento das inovações sociais (Cajaíba-Santana, 2014; Foroudi et al., 2020; Neumeier, 2012; van der Have & Rubalcaba, 2016).

O termo inovação social percorreu várias abordagens, a exemplo da geração e da implementação de novas ideias por meio de interações sociais, seja a criação de novos tipos de instituições sociais, a formação de novas ideias sobre o governo ou o desenvolvimento de novos

movimentos sociais (Cajaíba-Santana, 2014; Portales, 2019; Schubert, 2018; van der Have & Rubalcaba, 2016).

Assim, percebe-se que os estudos sobre a temática necessitam de imersão em interdisciplinaridade para uma maior compreensão do fenômeno (Cajaíba-Santana, 2014; Ziegler, 2017b), uma vez que a falta de capacidade de transferência de informações entre as áreas do conhecimento podem separar inovações sociais locais de amplas transformações do sistema (Moore & Westley, 2011; Portales, 2019; Schubert, 2018).

Uma perspectiva comum é o entendimento da inovação social como um processo de mobilização e acumulação de recursos e capacidades, através da aprendizagem coletiva de atores direta e indiretamente envolvidos nos vários estágios dos fenômeno (Nicholls & Murdock, 2012), bem como as relações e sinergias que surgem entre eles, na busca da criação de valor social (Lee, Spanjol, & Sun, 2019). Assim, surge a reflexão sobre a melhoria dos processos para a estruturação de trabalho, introdução de novas práticas sociais e sistemas de participação horizontal e compartilhada para a criação de estratégias e medidas estabelecidas entre os decisores políticos, a comunidade acadêmica e demais cidadãos interessados (Abad & Ezponda, 2019).

Por meio da visão institucional, concebe-se a inovação social como resultado das trocas de conhecimento e recursos entre atores mobilizados em atividades de legitimação, ao passo que na perspectiva de estruturação, a inovação social é socialmente construída por indivíduos coletivamente envolvidos em ações intencionais, capazes de monitorar reflexivamente o resultado das suas ações (Cajaíba-Santana, 2014; Schubert, 2018). Ambas as percepções podem ser absorvidas em equilíbrio para a compreensão do fenômeno, uma vez que o foco exaustivo no entendimento sobre a capacitação dos agentes em reflexão e ação promove mudança social (Cajaíba-Santana, 2014; Lee et al., 2019; Schubert, 2018).

Observa-se que, em contextos de crise, gerada pelos novos interesses sociais, a sociedade civil tem a capacidade de alterar a visão do estado e consegue incorporar o interesse geral que representa, suplementando o papel dos estados locais e gerando bem-estar social (Correia, Melo, & Oliveira, 2019; Gerometta et al., 2005; Portales, 2019). Todavia, se a inovação social for enxergada como um potencial contido em um ambiente socioeconômico aparentemente hostil, as condições sociopolíticas exigirão uma mobilização mais ampla (Scott-Cato & Hillier, 2010)

Essa mobilização pode ser concebida como um mecanismo que aumenta o bem-estar dos seus agentes em comparação com o *status quo* (Young, 2011). Pode ser modelado como

um jogo de coordenação em uma rede, nos quais os indivíduos experimentam uma nova estratégia que melhoraria suas condições de vitória desde que também seja adotada por seus vizinhos. Então, para que a rede inteira conheça os esforços a serem empreendidos, são necessários três componentes: a topologia da rede e, em especial, a extensão interação dos agentes em pequenos aglomerados locais, a mudança inovadora em relação ao status quo dos agentes envolvidos e a quantidade de ruído no melhor processo de resposta.

Dessa forma, entende-se que uma inovação social surge quando uma rede de atores modifica seu modo de pensar e de fazer coisas, resultando em algum tipo de melhoria tangível para a rede ou até mesmo para a sociedade (Schubert, 2018). Não se trata apenas de uma melhoria tangível, mas a transformação nas atitudes, comportamentos ou percepções, que resulta em uma nova forma de ação colaborativa. Isso também explica por que as inovações sociais, diferentemente das inovações técnicas e econômicas, são bastante difíceis para se identificar (Neumeier, 2012), representando eventos relativamente raros e difusos (Mumford, 2002).

Em todas as concepções, inovações sociais são encontradas como partes do processo e/ou produtos das mudanças sociais geradas (Avelino et al., 2019). Estão nos níveis organizacional, institucional e processual e são direcionadas tanto nos assuntos internos dos atores envolvidos quanto em questões da sociedade em geral (Neumeier, 2012; Van Wijk et al., 2018). Defende-se que um aumento na tendência de inovação social pode alterar a estrutura dos sistemas de inovação, identidades e estratégias corporativas, bem como a governança pública e privada, apresentando novos desafios para a política e prática de gestão.

Estudar e desenvolver teoricamente esse tema contribui para aplicações empíricas que podem ajudar significativamente na melhoria de vida em sociedade, uma vez que funciona como motor de mudança social, acionado por atores em alternativas contra-hegemônicas impactantes, seja por meio de discursos ou ações de vários âmbitos, inclusive o comunitário (Moulaert, Martinelli, González, & Swyngedouw, 2007). Compreende-se, então, que a inovação social resulta no desenvolvimento de economias e que seu escopo não se restringe à tecnologia de ponta e avança para a solução de problemas sociais.

2.1 Capacidades coletivas

Diante da perspectiva seminal de Sen (1990, 2001), o conceito de capacidades (ou capacidades humanas) adentrou o campo científico da inovação social como um caminho

teórico possível para a compreensão de desenvolvimento a partir da base, os atores sociais envolvidos nas iniciativas de propósito social (Ibrahim, 2017; Martin, Upham, & Budd, 2015). Sob o enfoque de Sen (1990, 2001), as singularidades destes participantes são evidenciadas e expressam que a liberdade de participação e atuação pode gerar desenvolvimento e expansão das estruturas, por meio de capacidades que são desenvolvidas coletivamente (Ziegler, 2010).

Assim, a *capabilities approach* (abordagem das capacidades) enxerga o ator social como sujeito ativo de realizações com diversos fins em todas as áreas da vida e discute como a contribuição desse ator em uma estrutura social pode ser desenvolvida a partir das relações com outros atores sociais para a resolução de seus próprios problemas coletivos, sendo um processo alternativo às concepções do pensamento econômico preponderante (Burchardt, 2004; Orton, 2011), considerando a base como sujeito e público das ações executadas (Sferrazzo & Ruffini, 2019; Ziegler, 2010).

Com esse entendimento, surgem as discussões entre a perspectiva de capacidades introduzida pelos trabalhos de Sen (1990, 2001) e a inovação social, pela aproximação de propósitos, que, em último fim, traduz-se em transformação social (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Sferrazzo & Ruffini, 2019), ao passo que cumulativamente pode contribuir para o desenvolvimento de processos gerenciais (Sferrazzo & Ruffini, 2019).

Embora haja uma nítida congruência entre a abordagem das capacidades e os postulados da inovação social, o caminho ainda apresenta um percurso emergente (Howaldt & Schwarz, 2017; Tiwari, 2017). No contexto organizacional, por exemplo, pode-se aplicar essa perspectiva na reorientação de processos para que os envolvidos tenham mais liberdade de atuação e possam colaborar cada vez mais com os objetivos daquela estrutura (Sferrazzo & Ruffini, 2019).

No entanto, precisa-se de um correto uso de três elementos principais da abordagem, definidos como “efetivações”, “capacidades” e “agência” (Deneulin & McGregor, 2010; Sferrazzo & Ruffini, 2019). As efetivações constroem o escopo de ações que uma pessoa almejar ter como resultado e representam a crença humana do que é necessário realizar para este fim, posteriormente refletida nas capacidades, que estão relacionadas com a liberdade com que se empreende a ação ou as combinações alternativas provenientes destas para melhores práticas em suas vidas – embora limitadas pelos seus contextos propícios (Sen, 1990, 2001). A agência, por sua vez, é o esforço empreendido para o alcance dos objetivos refletidos e valorizados (Sen, 1990, 2001), que são evidentes nas estruturas organizacionais de inovações sociais pelo seu escopo alternativo de transformação social (Biggeri et al., 2017; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Ibrahim, 2017; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017) .

3 Procedimentos Metodológicos

Este artigo tem como objetivo abordar os percursos e tendências da utilização da abordagem das capacidades (Sen, 1990, 2001) para o desenvolvimento do campo científico da inovação social. Para tanto, realizou-se uma análise sistemática da literatura, utilizando técnicas de análise relacionais baseadas em análise de dados de texto (Roig-Tierno, Gonzalez-Cruz, & Llopis-Martinez, 2017).

Este estudo seguiu os principais itens para revisão sistemática indicados pela recomendação PRISMA (Moher et al., 2009, 2015), que fornece ao pesquisador uma metodologia para construir um portfólio bibliográfico de pesquisa. Os componentes propostos por essa metodologia oferecem a possibilidade de uma revisão sistemática capaz de identificar, selecionar e analisar dados dos estudos, bem como dar suporte à meta-análise nos estudos incluídos na revisão para integrar os resultados (Moher et al., 2009).

Na operacionalização dessa revisão, o PRISMA foi amparado pelo *methodi ordinatio*, metodologia adaptada do método *ProKnow-C* que classifica os trabalhos a partir das relevâncias evidenciadas pelo fator de impacto, número de citações e ano de publicação (Pagani, Kovaleski, & Resende, 2015, 2017), a partir da fórmula:

$$\text{InOrdinatio} = (\text{Fi} / 1000) + \alpha * [10 - (\text{AnoPesq} - \text{AnoPub})] + (\Sigma \text{Ci})$$

Em que “Fi” é o valor referente ao fator de impacto, obtido na mesma base utilizada, “ α ” é um valor referente ao recorte temporal que varia de 1 a 10 atribuído pelo pesquisador, “AnoPesq” é o ano em que a pesquisa é feita, “AnoPub” é o ano em que o estudo foi publicado e “Ci” é o número de citações que o estudo possui.

Antes da aplicação dessa metodologia, o escopo inicial de estudos foi retirado da *Web of Science*, base mundial considerada de alta confiabilidade (Bar-Ilan, 2008; Dzikowski, 2018; Rossetto, Bernardes, Borini, & Gattaz, 2018), sendo o resultado refinado por tipo de documento (artigos) e alinhamento de títulos e resumos ao tema.

Para a definição do portfólio teórico, a *methodi ordinatio* de Pagani et al. (2015, 2017) conduziu nove etapas, que foram estabelecidas e seguidas da seguinte forma:

Etapa 1 – Estabelecimento da intenção da pesquisa: A congruência entre as temáticas de inovação social e abordagem das capacidades nos estudos científicos mundiais.

Etapa 2 - Busca preliminar na base *Web of Science* (base escolhida a critério do pesquisador): Foi encontrado o maior resultado de artigos sobre a temática com um alcance mundial, o que representa uma síntese sistemática de estudos.

Etapa 3 - Definição e combinação de palavras-chave e bases de dados: pesquisa com os termos “*social innovation\$ AND capabilit**” na base, utilizando os caracteres “\$”, para presença ou ausência de plural, e “*”, para variação de sufixos.

Etapa 4 - Busca final nas bases de dados: Foi realizada a busca final de dados na base escolhida, em que se obteve o resultado inicial de 91 estudos. Buscou-se, inicialmente, estudos de todos os anos de publicação para efeito de contagem.

Etapa 5 - Procedimentos de filtragem: nesta etapa, foram escolhidos os estudos em formato de artigo (74 artigos). Em seguida, pesquisou-se a presença de trabalhos duplicados e/ou com título/resumo desalinhados com a temática, resultando em 17 artigos.

Etapa 6 – Identificação do fator de impacto, ano de publicação e número de citações: A partir do fator de impacto (JCR), do número de citações e do ano de publicação, por meio do software Excel, foi gerado o índice InOrdinatio correspondente a cada artigo.

Etapa 7 – Ordenação dos *papers* usando o InOrdinatio: Utilizou-se a ordenação prevista pelo *methodi ordinatio* para a construção do portfólio teórico. Nesta pesquisa, deu-se o valor 10 para α , na intenção de se considerar os últimos 10 anos de publicação como recorte. Então, elegeu-se o portfólio de 16 artigos.

Etapa 8 – Encontrando os artigos completos: esta etapa foi parcialmente realizada de maneira simultânea com a 6ª etapa. Somente ficaram para serem localizados na íntegra aqueles artigos cuja localização na íntegra não foi possível anteriormente.

Etapa 9 - Leitura e análise sistemática dos artigos selecionados.

A Figura 1 representa a síntese de seleção do portfólio teórico:

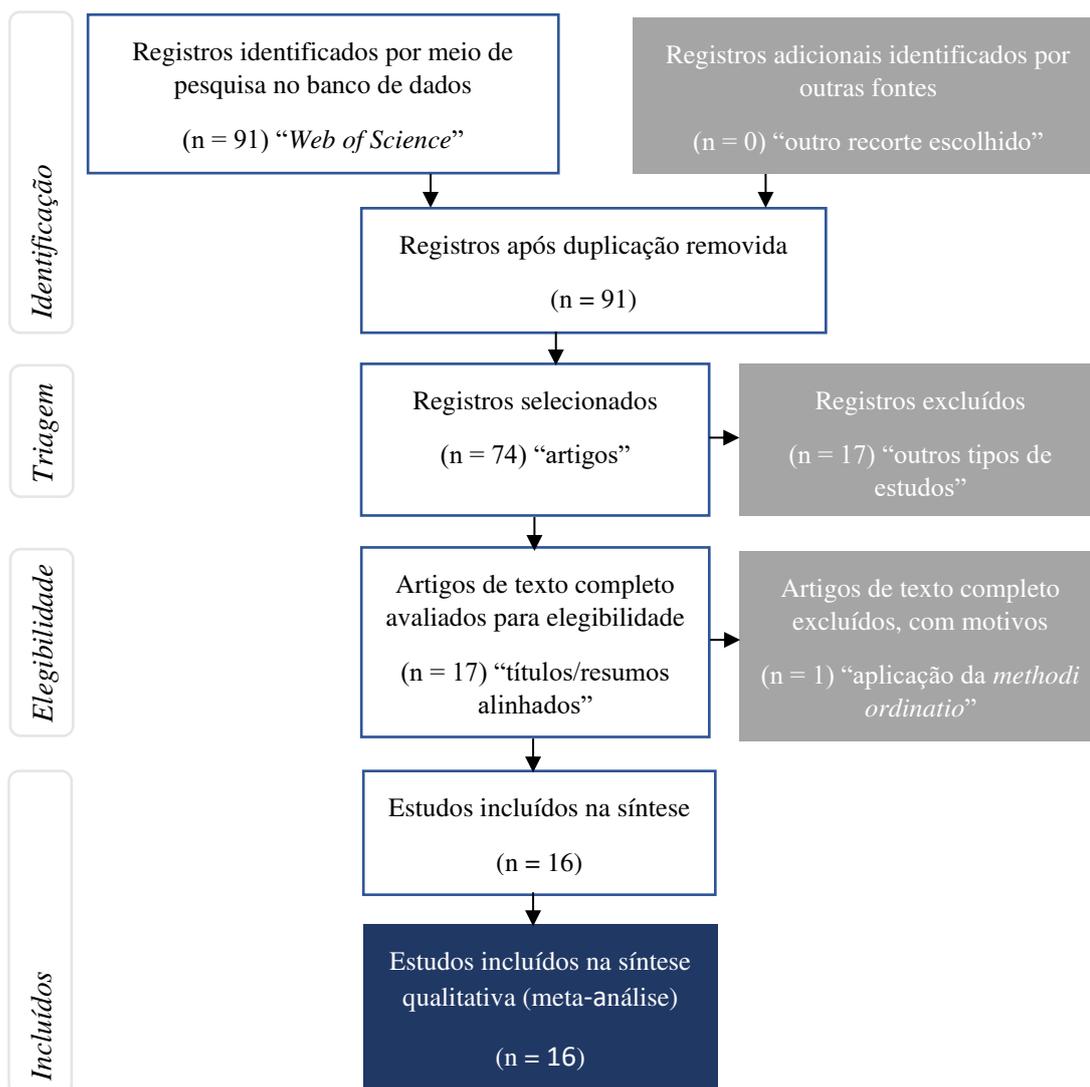


Figura 1. Síntese Sistemática de Seleção dos Estudos.

Fonte: Elaborado a partir da recomendação PRISMA (Moher et al., 2009, 2015).

Dessa forma, o portfólio apresentado permite uma revisão sistemática da literatura e constrói um cenário categorizado a partir das palavras-chave presentes nos estudos em análise. Para a análise e interpretação dos resultados, comparou-se os dados evidenciados na análise dos artigos, e mapeou-se as possíveis lacunas do conhecimento. Dentro de uma abordagem qualitativa, adotou-se a análise de conteúdo de Bardin (2011) para categorizar as variáveis identificadas nesse mapeamento. Em seguida, apresenta-se as discussões sobre as contribuições e limitações desses estudos.

4 Perspectivas de Estudos sobre Inovação Social e o Desenvolvimento de Capacidades

Após a sistematização da pesquisa na base de dados escolhida, a *Web of Science*, foi aplicada a *methodi ordinatio* e 16 artigos apresentaram relevância para este estudo. Os estudos apresentam diferentes métodos e enfoques e têm como pesquisador de maior interesse na temática o professor da Universidade de Greifswald na Alemanha, Rafael Ziegler, autor que discute a inovação social como conceito colaborativo, cujas aplicações permeiam temas como sustentabilidade, criação de espaço econômico, combate à marginalização, política e desenvolvimento humano (Von Jacobi, Edmiston, & Ziegler, 2017; Ziegler, 2017b; Ziegler et al., 2017; Ziegler, Karanja, & Dietsche, 2013).

4.1 Criação do Portfólio Teórico

A Tabela 1 apresenta em grau de classificação pelo InOrdinatio, os estudos mais relevantes para discussão:

Tabela 1

Recorte de estudos dos últimos 10 anos que utilizam abordagem das capacidades no campo da inovação social ranqueados pela *Methodi Ordinatio*

<i>Título</i>	<i>Autor(es)</i>	<i>Ano de publicação</i>	<i>Número de Citações</i>	<i>Fator de Impacto (JCR)</i>	<i>Valor de InOrdinatio</i>
<i>Social Innovation in Disability Nonprofits: An Abductive Study of Capabilities for Social Change</i>	Taylor, Torugsa e Arundel	2020	0	1,925	101,925
<i>Comparison of Four Different Livelihood Programmes for Urban Refugee Women in Durban, South Africa: Insights from the Capability Approach</i>	Van Raemdonck	2019	0	0	90
<i>A Cook's tour: Towards a framework for measuring the social impact of social purpose organisations</i>	White	2018	4	3,806	87,806
<i>Tackling Marginalisation through Social Innovation? Examining the EU Social Innovation Policy Agenda from a Capabilities Perspective</i>	von Jacobi, Edmiston e Ziegler	2017	16	1,516	87,516
<i>Enabling Ecosystems for Social Enterprises and Social Innovation: A Capability Approach Perspective</i>	Biggeri, Testi e Bellucci	2017	11	1,516	82,516

<i>How to Build Collective Capabilities: The 3C-Model for Grassroots-Led Development</i>	Ibrahim	2017	10	1,516	81,516
<i>Grassroots Social Innovation for Human Development: An Analysis of Alternative Food Networks in the City of Valencia (Spain)</i>	Pellicer-Sifres, Belda-Miquel, Lopez-Fogues e Aristizabal	2017	10	1,516	81,516
<i>Transformative innovation. Proposals from grassroots innovations towards a human development</i>	Boni, Belda-Miquel e Pellicer-Sifres	2018	1	0	81
<i>Social Innovation and Human Development How the Capabilities Approach and Social Innovation Theory Mutually Support Each Other</i>	Howaldt e Schwarz	2017	8	1,516	79,516
<i>Promoting Social Innovation Through Action Research: Evidence from an Empirical Study in the Fisheries Sector of Ukerewe District in Tanzania</i>	Mazigo	2017	4	1,516	75,516
<i>Exploring the Role of the Capability Approach in Social Innovation</i>	Tiwari	2017	3	1,516	74,516
<i>Citizen Innovation as Niche Restoration - A Type of Social Innovation and Its Relevance for Political Participation and Sustainability</i>	Ziegler	2017	3	0	73
<i>Capability building combined with microcredit: the loan alone is insufficient</i>	Molnár	2017	3	0	73
<i>Creating (Economic) Space for Social Innovation</i>	Ziegler, Molnár, Chiappero-Martinetti e von Jacobi	2017	1	1,516	72,516
<i>Theorizing Social Innovation to Address Marginalization</i>	von Jacobi, Nicholls e Chiappero-Martinetti	2017	1	0	71
<i>Toilet Monuments: An Investigation of Innovation for Human Development</i>	Ziegler, Karanja e Dietsche	2013	3	1,516	34,516

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da *Methodi Ordinatio* (Pagani et al., 2015, 2017).

O artigo com o maior índice de InOrdinatio, *Social Innovation in Disability Nonprofits: An Abductive Study of Capabilities for Social Change*, tem em seu escopo a identificação dos recursos aproveitados pelas organizações sem fins lucrativos à medida que desenvolvem inovações sociais. Desse modo, recorre à perspectiva de habilidade dos recursos ou

“efetivações”, como prevê a abordagem das capacidades (Sen, 1990, 2001), uma vez que os atores sociais são enxergados pela ótica de suas capacidades de gerenciamento.

Nesse enfoque em atores sociais, um estudo ganha destaque ao revelar que as organizações sem fins lucrativos conseguem desenvolver a capacidade de lidar contingencialmente com questões sociais complexas, cujas soluções são perenemente os principais desafios enfrentados (Sen, 1990, 2001; Taylor, Torugsa, & Arundel, 2020), a exemplo da inclusão de pessoas com deficiência por meio de processos centrados nos indivíduos e nas estruturas sistêmicas, que traçam um percurso do nível individual até o institucional, uma vez que tanto o público-alvo quanto as várias partes envolvidas, a exemplo de instituições parceiras, mostram-se interessados em absorver de todas as formas as dinâmicas da inovação social (Taylor, Torugsa, & Arundel, 2020).

Nessa perspectiva, o estudo *Comparison of Four Different Livelihood Programmes for Urban Refugee Women in Durban, South Africa: Insights from the Capability Approach* corrobora com a defesa das parcerias institucionais como caminho para fortalecimento das iniciativas de inovação social (Van Raemdonck, 2019). E é nesta reflexão que se discute a importância da identificação das barreiras a estes processos como fator primordial para a otimização das estratégias e ações executadas, aplicando o entendimento de capacidades para revisar aspectos que aprimoram ou prejudicam programas de subsistência para mulheres refugiadas com relação as suas capacidades e suas agências de estabelecimento em um contexto urbano (Van Raemdonck, 2019).

Após a geração dessas estratégias, muitas iniciativas de inovação social não se preocupam ou não conseguem mensurar o impacto de suas ações na sociedade (von Jacobi, Edmiston et al., 2017; White, 2018). Nesse sentido, há uma significativa contribuição do estudo *A Cook's tour: Towards a framework for measuring the social impact of social purpose organisations*, que desenvolve uma estrutura para medir o impacto de organizações de propósito social a partir da abordagem das capacidades, utilizando também a teoria configuracional (White, 2018) ao analisar as organizações como estruturas e práticas relacionadas dotadas de um propósito em comum (Fiss, 2007). Esta teoria assemelha-se à teoria de sistemas, mas tem como diferencial a previsão da possibilidade de variação de relacionamentos internos, uma vez que as configurações não são estáticas (Miller, 1990).

Defende-se, então, que a abrangência da abordagem das capacidades oferece vários benefícios conceituais e avaliativos para a compreensão da inovação social (von Jacobi, Edmiston et al., 2017). O trabalho de Von Jacobi, Edmiston et al. (2017), intitulado *Tackling*

Marginalisation through Social Innovation? Examining the EU Social Innovation Policy Agenda from a Capabilities Perspective, por exemplo, defende a capacidade da inovação social em combater a marginalização por meio da inclusão econômica de atores e transformação de suas vidas. Justifica-se, nesse sentido, a necessidade de aplicações práticas da IS, uma vez que esse tipo de inovação pode continuar a ser tratado como meio e não como fim, gerando falta de atenção específica e prejuízo nas relações institucionais e nas redes de atores envolvidos (Von Jacobi, Edmiston et al., 2017).

Nessa perspectiva, a aplicação do enfoque de capacidade pode provocar discussões acerca de processos empíricos de inclusão (Molnár, 2017; Von Jacobi, Edmiston et al., 2017). É o exemplo do estudo *Toilet Monuments: An Investigation of Innovation for Human Development*, publicado em 2013, que discute sobre inclusão ao defender o papel das capacidades no desenvolvimento humano, utilizando uma reflexão sobre como banheiros públicos dos centros urbanos e das favelas podem representar notável desigualdade e oportunamente possibilidade de atuação (Ziegler et al., 2013).

Seguindo o mesmo entendimento, o estudo de Molnár (2017), *Capability building combined with microcredit: the loan alone is insufficient*, analisa as características específicas de uma inovação social, em especial, uma corporação sem fins lucrativos que fornece microcrédito que visa auxiliar grupos sociais socialmente excluídos.

Observa-se, então, que existem várias lentes para a visualização das possíveis efetivações humanas no sentido de favorecer os processos de inclusão na sociedade. Contudo, para que haja efetividade nesses processos, a inovação social necessita da criação de um espaço econômico próprio que fortaleça seu escopo de atuação. Assim preveem os estudos: de Ziegler et al. (2017), *Creating (Economic) Space for Social Innovation*, com a proposição desse espaço na perspectiva de capacidades com ênfase em aspectos culturais, econômicos e políticos; e de Biggeri et al. (2017), *Enabling Ecosystems for Social Enterprises and Social Innovation: A Capability Approach Perspective*, que apresenta sugestões de políticas específicas, a fim de criar um ecossistema para empresas sociais e promover suas capacidades de inovação social (Biggeri et al., 2017).

Biggeri et al. (2017), no entanto, defendem que ecossistemas também podem prejudicar as organizações no alcance de seus objetivos, porque, para que sejam alcançados os objetivos desses agrupamentos, são necessárias estratégias que contornem a falta de recursos, a falta de comprometimento da rede de atores e estrutura institucional e as dificuldades de contexto

político desfavorável, o que motiva a utilização da perspectiva de capacidades para auxiliar nesse intento (Biggeri et al., 2017).

Na intenção de propor melhorias nos processos que supram essas lacunas, Ibrahim (2017) desenvolveu um modelo conceitual para descrever o processo de desenvolvimento de capacidades dos atores das inovações sociais, considerados como base sedimentar. São apresentados três processos como condições seminais para suprir as lacunas discutidas e promover escalabilidade e sustentabilidade das inovações sociais: (1) Conscientização, a partir da visão individual; (2) Conciliação; a partir da soma de interesses; e (3) Colaboração, a partir da cooperação. Assim, o trabalho *How to Build Collective Capabilities: The 3C-Model for Grassroots-Led Development* destaca-se pelas discussões importantes para a consolidação do enfoque das capacidades em IS.

Assim também ocorre com o trabalho de Pellicer-Sifres, Belda-Miquel, López-Fogués e Boni-Aristizábal (2017), *Grassroots Social Innovation for Human Development: An Analysis of Alternative Food Networks in the City of Valencia (Spain)*, que explora a contribuição da literatura sobre a abordagem das capacidades para uma melhor compreensão da complexidade, riqueza e especificidade dos processos ascendentes de inovação social, a partir de uma perspectiva empírica de inovação de base.

Uma discussão sobre esse tipo de inovação social merece destaque. A literatura defende que as inovações de base podem conseguir impulsionar a transformação de regimes sociotécnicos, regras correlacionadas que orientam as atividades dos grupos sociais e vão além da tecnologia, coordenando aspectos culturais, científicos, políticos, de mercado e de dimensões industriais (Geels, 2011). Esse processo é explorado no estudo de Boni, Belda-Miquel e Pellicer-Sifres (2018), *Transformative innovation. Proposals from grassroots innovations towards a human development*, que mostra o alinhamento possível entre esse tipo de iniciativa com o desenvolvimento humano expresso pela perspectiva de capacidade.

Diante dessa perspectiva e do necessário entendimento empírico da inovação social, há uma tendência de produção em estudos empíricos sobre a temática (Mazigo, 2017; Pellicer-Sifres et al., 2017; Van Raemdonck, 2019; Von Jacobi, Edmiston et al., 2017). Nesse caminho, o estudo *Promoting Social Innovation Through Action Research: Evidence from an Empirical Study in the Fisheries Sector of Ukerewe District in Tanzania* apresenta a pesquisa-ação como colaborativa para o desencadeamento e promoção dos processos de inovação social nas comunidades (Mazigo, 2017).

Embora essa necessidade de estudos empíricos seja consensual entre alguns autores (Mazigo, 2017; Von Jacobi, Edmiston et al., 2017), há uma relevância significativa no desenvolvimento teórico da temática em análise, uma vez que ainda apresenta lacunas e necessita de evolução teórica. São exemplos desse entendimento os estudos de Howaldt e Schwarz (2017) - *Social Innovation and Human Development - How the Capabilities Approach and Social Innovation Theory Mutually Support Each Other* -, que examina a necessidade de desenvolvimento de um conceito de inovação social como uma categoria analítica apoiada pelo desenvolvimento humano, o de Tiwari (2017) - *Exploring the Role of the Capability Approach in Social Innovation* -, que semelhantemente utiliza a abordagem das capacidades para entender as dimensões humanas da inovação social, e o de Ziegler (2017a), que discute o conceito de inovação cidadã como restauração de nichos e suas implicações para participação política e sustentabilidade.

4.2 Frentes de Pesquisa sobre a Abordagem das Capacidades para Inovação Social

De forma geral, pesquisas que utilizam a perspectiva de capacidades para a inovação social representam um cenário de pesquisas a partir de três percursos principais:



Figura 2. Percursos Principais da Abordagem das Capacidades para Inovação Social.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A partir desses percursos, possibilita-se ao campo temático uma contribuição quanto ao seu desenvolvimento teórico-empírico. Para isso, nas seções a seguir, apresenta-se as sugestões de estudos futuros em cada frente de pesquisa analisada.

4.2.1 Inovações de Base

Dentre esses estudos da categoria “Inovações de Base”, o trabalho de Boni et al. (2018) destaca-se pela discussão teórica na defesa da necessidade de estudos com ênfase em atores sociais. Com essa perspectiva seguem lacunas suscitadas pelos estudos:

<i>Estudo</i>	<i>Lacunas suscitadas pelo estudo</i>
<i>Transformative innovation. Proposals from grassroots innovations towards a human development</i> (Boni et al., 2018)	Discussões sobre estratégias de transformação alternativas em diferentes dimensões a partir da transição sociotécnica.
<i>How to Build Collective Capabilities: The 3C-Model for Grassroots-Led Development</i> (Ibrahim, 2017)	A partir da apresentação do modelo 3C, são discutidos seu suporte teórico e limitações, que podem gerar novas discussões e aperfeiçoamentos em futuros estudos.
<i>Grassroots Social Innovation for Human Development: An Analysis of Alternative Food Networks in the City of Valencia (Spain)</i> (Pellicer-Sifres et al., 2017)	A partir da apresentação do Modelo GSI4HD, é discutida uma forma de abordar as inovações de base para o desenvolvimento humano. Novos estudos podem discutir um aperfeiçoamento das dimensões deste modelo.
<i>Citizen Innovation as Niche Restoration - A Type of Social Innovation and Its Relevance for Political Participation and Sustainability</i> (Ziegler, 2017a)	Discussões sobre os conceitos apresentados podem ser aprofundadas e podem contar com o suporte teórico dos trabalhos de Juuti e Katko (2005), Sedlak (2014) e Scheuerle et al. (2016)

Figura 3. Sugestões de Estudos Futuros - Inovações de Base.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Nessa categoria, estão presentes estudos sobre inovações que partem dos atores sociais comunitários, tratando-os como princípio do processo de transformação social empreendido pelas iniciativas de inovação social.

4.2.2 Processos para Inovação Social

Na segunda categoria, “Processos para Inovação Social”, são discutidas práticas para a melhoria dos processos que envolvem inovações sociais utilizando uma perspectiva de capacidades como suporte para o desenho de novas atuações.

Seguem sugestões de estudos futuros que enfoquem os processos relevantes para a IS:

<i>Estudo</i>	<i>Lacunas suscitadas pelo estudo</i>
<i>Enabling Ecosystems for Social Enterprises and Social Innovation: A Capability Approach Perspective</i> (Biggeri et al., 2017)	Pesquisas sobre a simplificação da estrutura legal para incentivar indivíduos e organizações a estabelecerem novos ecossistemas de empresas sociais e novos acordos entre outras organizações afins e sobre programas especiais e métodos de ensino no sistema educacional que promovam sensibilidade às questões sociais e ambientais (habilidade social que aprimora a colaboração, o altruísmo, a solidariedade e a empatia)
<i>Social Innovation and Human Development How the Capabilities Approach and Social Innovation Theory Mutually Support Each Other</i> (Howaldt & Schwarz, 2017)	Estudos sobre papéis, funções, recursos e capacidades (além de restrições) dos atores que afetam fundamentalmente o potencial das inovações sociais, seus escopos e seus impactos
<i>How to Build Collective Capabilities: The 3C-Model for Grassroots-Led Development</i> (Ibrahim, 2017)	Obs. Ver na categoria “Inovações de Base”.
<i>Social Innovation in Disability Nonprofits: An Abductive Study of Capabilities for Social Change</i> (Taylor et al., 2020)	Análise mais aprofundada da inovação social dentro do institucionalismo com suporte conceitual do trabalho de Mahoney e Thelen (2009)
<i>Exploring the Role of the Capability Approach in Social Innovation</i> (Tiwari, 2017)	O entendimento das inovações lideradas por atores não mercantis e de mercado na distinção dos tipos de inovações e a reorganização do capital humano e social existente
<i>Comparison of Four Different Livelihood Programmes for Urban Refugee Women in Durban, South Africa: Insights from the Capability Approach</i> (Van Raemdonck, 2019)	O estudo é limitado ao trabalho de campo qualitativo com apenas uma organização não governamental sul-africana e um ou dois beneficiários foram entrevistados por programa. Pode inspirar aplicações em outros contextos e com outras formas de operacionalização.
<i>A Cook's tour: Towards a framework for measuring the social impact of social purpose organisations</i> (White, 2018)	Estudos sobre os processos participativos que envolvem a ótica de capacidades e inovação social como meios para a transformação social

Figura 4. Sugestões de Estudos Futuros - Ênfase em Processos de IS

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

O estudo de Ibrahim (2017), que figura também na categoria de inovações de base, é um exemplo significativo ao discutir o desenvolvimento de capacidades coletivas para inovação social, fornecendo um significativo impulso para o entendimento do processo. Dessa forma, entender como se dão essas práticas garante uma relevante contribuição para o desenvolvimento do campo, uma vez que neste desperta a possibilidade de ganhar novas formas e espaços de atuação.

4.2.3 Ações de Cidadania e Políticas Públicas

Por fim, a categoria “Ações de Cidadania e Políticas Públicas” reúne estudos com objetivo principal de subsidiar políticas públicas, especialmente políticas de inclusão de grupos marginalizados e/ou excluídos. Um estudo de destaque é o de Von Jacobi, Edmiston et al. (2017), com discussões sobre a IS como caminho para o combate à marginalização. Nesse entendimento, inclusive, defende-a como percurso para a solução de problemas sociais complexos.

Sugere-se as seguintes pesquisas suscitadas pela categoria:

<i>Estudo</i>	<i>Lacunas suscitadas pelo estudo</i>
<i>Promoting Social Innovation Through Action Research: Evidence from an Empirical Study in the Fisheries Sector of Ukerewe District in Tanzania</i> (Mazigo, 2017)	Discussões sobre estruturas alternativas para reflexão e entendimento dos desafios socioeconômicos das comunidades e das soluções inovadoras para a reparação dos problemas existentes
<i>Capability building combined with microcredit: the loan alone is insufficient</i> (Molnár, 2017)	Discussões sobre as características de uma iniciativa de inovação social e os recursos específicos necessários a cada tipo de iniciativa
<i>Tackling Marginalisation through Social Innovation? Examining the EU Social Innovation Policy Agenda from a Capabilities Perspective</i> (Von Jacobi, Edmiston et al., 2017)	A questão das capacidades seguras e suas influências na participação e nas políticas consideradas necessárias para promover uma relação entre participação e inclusão de grupos marginalizados
<i>Theorizing Social Innovation to Address Marginalization</i> (Von Jacobi, Nicholls, & Chiappero-Martinetti, 2017)	A relação entre inovação social e políticas públicas, os processos pelos quais a inovação social pode combater as desigualdades e reformular as oportunidades na sociedade e alternativas para mensuração do impacto causado por uma inovação social
<i>Citizen Innovation as Niche Restoration - A Type of Social Innovation and Its Relevance for Political Participation and Sustainability</i> (Ziegler, 2017a)	Obs. Ver na categoria “Inovações de Base”.
<i>Creating (Economic) Space for Social Innovation</i> (Ziegler et al., 2017)	<i>Evolução das discussões teóricas e/ou possíveis pesquisas empíricas sobre os seis pontos propostos pelo estudo acerca da criação do espaço para a inovação social</i>
<i>Toilet Monuments: An Investigation of Innovation for Human Development</i> (Ziegler et al., 2013)	Estudos com perspectivas avaliativas sobre inovação no contexto de desenvolvimento humano e com perspectiva explicativa sobre inovação numa abordagem de capacidades

Figura 5. Sugestões de Estudos Futuros - Ações de Cidadania e Políticas Públicas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

As sugestões listadas identificam possibilidades de pensamentos existentes em cada estudo que utiliza a abordagem das capacidades apresentada no presente trabalho, oferecendo

um pilar estruturado para o desenvolvimento de pesquisas futuras. Nessa perspectiva, o enfoque de capacidades fundamenta e subsidia várias aplicações, sempre pautadas em potencial desenvolvimento conceitual da inovação social.

Observa-se, além disso, que os estudos apresentados apontam significativos avanços para o desenvolvimento da inovação social com a integração entre teoria e prática, uma vez que abrem várias frentes de entendimento empírico do fenômeno e suas lacunas despertam futuros estudos com um maior aprofundamento.

5 Considerações Finais

Este artigo abordou os percursos e tendências da utilização da abordagem das capacidades (Sen, 1990, 2001) para o desenvolvimento do campo científico da inovação social. Usando a *methodi ordinatio*, uma análise foi guiada pela relevância dos trabalhos com base em seus dados de ano de publicação, fator de impacto e número de citações. Assim, o portfólio teórico construído direcionou um entendimento atual da literatura sobre inovações sociais e o suporte conceitual da perspectiva de desenvolvimento de capacidades para o auxílio na delimitação de processos e resultados das iniciativas sociais.

Nesse caminho, estudos em geral podem ser produzidos com mais consistência teórica, uma vez que os artigos investigados possuem reconhecimento científico e fornecem, em sua maioria, lacunas recentes. Outro fato observado é a escassez de trabalhos que se debruçam sobre a congruência entre as temáticas aqui tratadas, apresentando um agrupamento de apenas 16 artigos, o que indica um percurso favoravelmente aberto a mais contribuições.

Como principais resultados, a pesquisa sobre a temática, atualmente liderada pelo pesquisador Rafael Ziegler, da Universidade de Greifswald (Alemanha), identificou três categorias de estudos: “Inovações de Base”, com estudos que enfatizam atores sociais comunitários; “Processos para Inovação Social”, estudos que discutem processos para inovações sociais sob a perspectiva de capacidades; e “Ações de Cidadania e Políticas Públicas”, com discussões atuais sobre políticas públicas e processos de inclusão. Bem como, revelou a carência de estudos sobre a temática, apresentando tendência de pesquisa com ênfase nos atores sociais envolvidos nas organizações abarcadas e seus processos de inclusão.

Esta pesquisa assume um caráter exploratório no sentido de contribuir de forma inédita para uma abordagem integrativa que se fornece discussões e aplicações da abordagem das capacidades para o avanço do campo científico da inovação social. Dessa forma, os resultados

apresentados abrem oportunidades para um maior aprofundamento teórico e fornece um ponto de partida útil para novas perspectivas.

O efeito prático deste trabalho cria cenários para a identificação de caminhos úteis para o benefício das inovadoras sociais, ao enfatizar de forma explícita a importância do desenvolvimento de capacidades nessas iniciativas, cujos estudos em que é explorado tentam empreender conceitos e ações para uma melhor articulação de atores sociais (Boni et al., 2018; Ibrahim, 2017), desenvolvimento de processos organizacionais (Biggeri et al., 2017; Taylor et al., 2020; Van Raemdonck, 2019) e contribuições que alcançam a esfera pública e cidadã (Mazigo, 2017; Von Jacobi, Edmiston et al., 2017; Von Jacobi, Nicholls et al., 2017; Ziegler et al., 2013).

Como limitações, reforça-se que este artigo utilizou um recorte da literatura a partir da unicidade de base de dados, embora tenha sido suficiente para o propósito elencado pela pesquisa. Como sugestão para trabalhos futuros, pesquisadores podem avançar teoricamente nos modelos apresentados, a fim de incluir novas variáveis catalizadoras para as iniciativas sociais. Outro cenário futuro pode apresentar análises empíricas concretas das pesquisas identificadas em iniciativas de inovação social adequadas aos seus contextos específicos.

Capítulo 2

DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS: O CICLO 5C

DEVELOPMENT OF COLLECTIVE CAPABILITIES IN SOCIAL INNOVATIONS: THE 5C CYCLE²

ABSTRACT. From the perspective of the capabilities approach of (Sen, 1990, 2001), this theoretical essay starts from the 3C Model of Ibrahim (2017) to understand the capability development of the actors involved in social innovation initiatives. The focus on the capabilities approaches inspired the study that proposed the 3C Model in the design of three categories of capabilities to represent the dynamics of grassroots innovations: conscientisation, conciliation and collaboration. In addition to this contribution, it presented gaps concerning the scope of the development of these collective capabilities, giving rise to new possibilities for theoretical articulation. In this perspective, the concept of capital (Bourdieu, 1986) and the concept of social skill (Fligstein, 2007) were used in a theoretical articulation for the proposal of a framework. Thus, it offers a theoretical contribution by offering an array of qualitative variables that improve the previous model.

Keywords: Social Innovation; Capabilities Approach; Model 3C; Social Skill.

1. Introduction

In recent years, researchers have pointed out the importance of the scientific field of social innovation (Cajaiba-Santana, 2014; Ziegler, 2017b) as an instrument of social transformation (Abad & Ezponda, 2019; Boni et al., 2018; White, 2018). In order to provide solutions to existing social problems in their localities, the scientific community has resorted to several explanatory theories, organisational and entrepreneurship studies (Cajaiba-Santana, 2014; Pel et al., 2018; Van der Have & Rubalcaba, 2016), in addition to multidisciplinary approaches, such as the Capabilities Approach, introduced by the Indian economist Amartya Kumar Sen (Sen, 1990, 2001).

This approach focuses on human development as the predominant factor for a better society, having as its main element the human capability for achievement (Howaldt & Schwarz, 2017; Tiwari, 2017). With this understanding, several studies carried out to reveal the multiple possibilities of application of this theoretical scope (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Deneulin & McGregor, 2010; Ibrahim, 2017; Orton, 2011; Sferrazzo & Ruffini, 2019; Terlazzo,

² Artigo de autoria de Leonardo Ferreira Batista e Suzanne Érica Nóbrega Correia, encaminhado ao *Journal of Human Development and Capabilities* (Fator de Impacto 1200 em 2019) em 28/08/2020, conforme comprovante em anexo.

2019; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017). They present an alternative perspective to the merely utilitarian conception of the economy, in which the focus is on economic actors and liberal political thought (Burchardt, 2004; Orton, 2011).

Thus, several scientific approaches try to discuss and understand social innovation. However, it is still a theme that requires new paradigms and new theoretical perspectives to advance (Cajaiba-Santana, 2014; Scoppetta et al., 2014; Van der Have & Rubalcaba, 2016; Ziegler, 2017b), in their different aspects of the study (Voorberg et al., 2015). It is a constant exercise of conceptual clarification.

Ibrahim (2017) advanced his research on the topic, creating a model based on human capabilities. Called the 3C Model, the conceptual framework follows the understanding that the integration between the actors of social innovation initiatives breaks with a social fragmentation that limits possibilities (Schubert, 2018). While the strengthening of social relations that start from the bottom-up perspective, at the individual, collective and institutional levels of these initiatives, is the best starting point for formulations aimed at development (Ibrahim, 2017).

According to Ibrahim (2017), this model has limitations related to the variables that negatively influence the process: conflict and confrontation, capture, cooptation and context. The conflict promotes a break in the relationship between social actors, which can result in confrontation, or failure in cooperation between these actors. Capture as an imbalance in the equal participation of those involved. Cooptation is an imbalance in the positive interaction between the actors. Furthermore, finally, the context, which influences the entire cycle in several aspects (culture, resources, among other factors). These are invisible processes (invisible C's) to the central dynamics that can impair the effectiveness of the development of collective capabilities.

In this perspective, the categories provided for by the 3C Model, in addition to not being able to mitigate the effects of invisible processes, are not sufficient to present the entire procedural scope of the operation of social innovation initiatives and their performance in the development of collective capabilities in these initiatives. It is understood that the model does not have, in its scope, the forecast of using the necessary resources to finance the activities that generate collective capabilities and which processes are necessary for the prevention of called invisible C's.

Theoretical efforts, such as the discussion on the forms of capital (Bourdieu, 1986) and the concept of social skill (Fligstein, 2007), provide subsidies for the theoretical construction

of a self-sustainable cycle in broad perspective participation, exchange and emancipation of all involved and processes (Scott-Cato & Hillier, 2010; Voorberg et al., 2015).

Thus, the objective is to analyse the variables representing the process under analysis in order to build a conceptual model that expresses and improves capability development. A framework is then presented that suggests new variables for representing the development of capabilities of social innovation actors, developed collectively, enabling a presentation of the roles and capabilities derived from this process.

This theoretical essay seeks to contribute to the promotion of the development of social innovations from an approach of capabilities, whose congruence has been presented in studies with scientific impact (Biggeri et al., 2017; Taylor et al., 2020; Van Raemdonck, 2019; White, 2018). To this end, it is structured in five sections. In addition to these introductory aspects, in the next three sections, the theoretical discussions that underlie the study and subsequently subsidise and propose a conceptual model are presented. Finally, the final considerations are presented.

2. Capabilities Approach

Motivated by a context of poverty in developing countries and reflection on the consequent intensification of social problems, Sen (1990, 2001) discusses the relationship of the constituent elements of life and how the interaction of various effects human capabilities manage to change the lives of people and society (Deneulin & McGregor, 2010).

In alternative thinking based on a utilitarian approach of the economic view, Sen (1990, 2001) understands that each person becomes an active subject of different practices in his life at various levels of complexity, such as the ability to relate socially with others people (Burchardt, 2004; Orton, 2011). It also defends the capability for human fulfilment as the central character of its uniqueness, freedoms of being and doing and the consequent combinations of these acts (Ziegler, 2010).

Arranging the achievements that each being makes on a scale of complexity, however, becomes risky, because the functioning of human life and its intrinsic freedom is a significantly complicated job. In this sense, freedom of choice is a valuable feeling in a person's life, and the ability to exercise freedom can be related, predominantly, to the education received (Sen, 1990; 2001).

Comprehensively, the capabilities approach spells out social inequality and emphasise social, economic and environmental barriers to equality (Burchardt, 2004; Orton, 2011; Sen,

1990, 2001) with a reflection on well-being and a focus on change social (Robeyns, 2005; Taylor et al., 2020). It is a structure of thought, as a paradigm that is still vaguely defined, that can be used in various contexts (Robeyns, 2005; Ziegler, 2010). Such as, for example, studies on economics and social policy (Taylor et al., 2020; Van Raemdonck, 2019; Ziegler et al., 2017), non-profit organisations (Taylor et al., 2020), citizenship and public policies (Molnar, 2017; Van Raemdonck, 2019; Ziegler, 2017a; Ziegler et al., 2013).

In this sense, it is reinforced that this approach seeks to boost people's capabilities from the true freedom they have to choose life and to continually improve it under the sieve of the reason (Robeyns, 2005; Sferrazzo & Ruffini, 2019). Thus, it can be applied in the evolution of social actors in social and organisational structures (Howaldt & Schwarz, 2017; Tiwari, 2017).

A notable example is the application of Sen's Theory in the organisational context of people management, suggesting the provision of more freedom for employees, in order to see them as such, who can add value and bring contributions from the external environment to within the system. Thus, from reflections and behaviours endowed with freedom, which he describes as "workings" or skills of resources (Sen, 1990, 2001), it is possible to improve the field of management, explaining and developing some management processes (Sferrazzo & Ruffini, 2019).

Despite this, one should not confuse the capability approach with human capital management, since it is concentrated only on people as a means of production. At the same time, capabilities also see the end of the exercise of the actors involved (Sferrazzo & Ruffini, 2019). The aim is to acquire skills and knowledge that show the presence of freedom as the development and emancipation of structures, impacting the lives of those involved.

Terlazzo (2019) and Alkire (2005) argue that this view provides the understanding that a person's values determine his choices and override other decisive factors, such as external opinions that hurt him. For a better understanding, there are three main elements in this approach: functions, capabilities and agency (Deneulin & McGregor, 2010). Functions are the actions that a person values to perform. Capabilities are related to the freedom of choice that actors have to carry out actions independently of the context inserted. They are the combinations of functioning (beings and actions) that a person can achieve in what he proposes to do. Moreover, finally, the agency is the ability to persevere through belief in the goals it values (Sen, 2001).

A significant challenge emerges regarding the disparity in the conciliation of the different goals, individual and collective commitments of individuals (Alkire, 2005). In this

context, agency and freedom must be strongly related and are necessary to balance these commitments, since the agency is essential to achieve freedom (Sen, 2001).

In this way, the Capabilities Approach shows that social actors can arbitrate between their implementations. The possibility of focusing on well-being or freedom if they are divergent. However, ensuring full social well-being must always come first (Sen, 1990, 2001). Furthermore, new thinking and internalisation of this premise, in an attempt to solve social problems, is an ideal way that is easy to understand in practice.

Using this perspective, with practical effect, Ziegler et al. (2017) argue that the capabilities approach provides six key points, in summary, for the development of social innovations: (1) Create cultural space for social innovation; (2) Create cultural space for social innovation (the critique of innovation in favour of innovation); (3) Finance the economic space for social innovation I; (4) Finance the economic space for social innovation II (reproduction of marginalisation and multi-level options); (5) Create political space for social innovation (the ability to associate); (6) Create political space for social innovation (the heterogeneity of individuals and the focus on youth and migration). From the study by (Ziegler et al., 2017), it is understood that:

The creation of a cultural space for social innovation as an integrated structure of multiple capabilities places innovation in human capabilities and reduces the focus on the market for profit-oriented innovations. It also allows discussions about the pros of innovation and its procedural and purpose deficiencies, since self-criticism for social innovations requires an ethical view for reflections on the real purposes of social innovation;

In the financial field, although in a context of scarcity of resources, financing is needed for social innovations. It is emphasised that financial mechanisms focused on capability and operating results, especially for the underprivileged, avoid what he calls generalisation of implementation since social innovations need a focus of action and scope. Going further, it manages to modify power relations so that it contemplates three social forces: the structures of economic, ideological and political power, acting primarily in local cases to combat marginalisation, a theme that has gained prominence in some studies with this approach (von Jacobi, Edmiston, et al., 2017; von Jacobi, Nicholls, et al., 2017);

In the political space, social innovation needs the ability to associate all the social actors involved with the achievements of the phenomenon, since the social innovator is almost always an actor outside the community or the disadvantaged group. Therefore, it is necessary, at least

in the medium term, to involve beneficiaries as active co-trainers of the processes that will be carried out by the responsible initiatives.

In the European scenario, the author also predicts that the focus on the inclusion of young people in politics and the promotion of exchanges and migration are balancing factors in the local political scenario. This is due to high life expectancy. Moreover, it has the majority of voters from previous generations. However, it appears that the political issue must be analysed in a specific way under contextual aspects of other locations.

With this understanding of creating space for social innovation, the capabilities approach directs scholars and actors in social initiatives to the most critical aspects to be considered in optimising processes and preventing errors. Thus, it becomes a starting instrument for theoretical models and empirical analysis, like the 3C Model for grassroots innovations (Ibrahim, 2017).

3. Contribution by Ibrahim (2017): 3C Model and Its Limitations

Ibrahim (2017) proposed the 3C Model for the dynamics of grassroots social innovations based on Sen's Capabilities Approach (1990, 2001). This model considered the relevance of studies on collective capabilities and carried out a theoretical articulation intending to translate socially undertaken efforts to grassroots social innovations in a procedural perspective of human development.

In this perspective, grassroots social innovations confront present social needs, as well as create new needs, relationships, social networks and collaborations, to improve life in society (Boni et al., 2018; Pellicer-Sifres et al., 2017). It is a constant purpose of seeking social change (Caulier-Grice et al., 2012; White, 2018).

Corroborating with the understanding that social change is also caused by grassroots actors, from the bottom-up dynamics (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Correia et al., 2016; Portales, 2019), the 3C Model builds new reflective paths for social innovation. In this way, it leaves a restricted view and preaches social transformation in new ways of thinking about society (Ibrahim, 2017).

Thus, it is possible to understand how the analysis of capabilities can explain the success and failure of social innovations since the people involved in the process make a difference based on their realisations and freedoms. It starts with sociological roots to study the concept of social innovation until arriving at a specific study of capabilities (Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017).

However, it is necessary to understand that social structural properties have several inseparable rules that dictate whether each of the transformations of social systems are acceptable practices. What shows that being aware of these rules is the pillar of recognizability, the ability of a human agent to reflect and promulgate their social practices.

From this conception, Ziegler (2010) conceives social innovation as the realisation of new combinations of capabilities. If the social actors have different capabilities and interact with each other, the development of their capabilities is inevitable, and the emergence of social innovations created by them is favourable (Boni et al., 2018; Evans, 2002; Pellicer-Sifres et al., 2017).

Ibrahim (2017) sees capabilities in a more specific perspective. She discusses practices, reflective or active, that develop them in a social innovation initiative from the perspective of Sen's human development (1990, 2001). Based on this, it conceives three categories of collective capabilities, thus constituting a new model for grassroots social innovation, as shown in Figure 1.

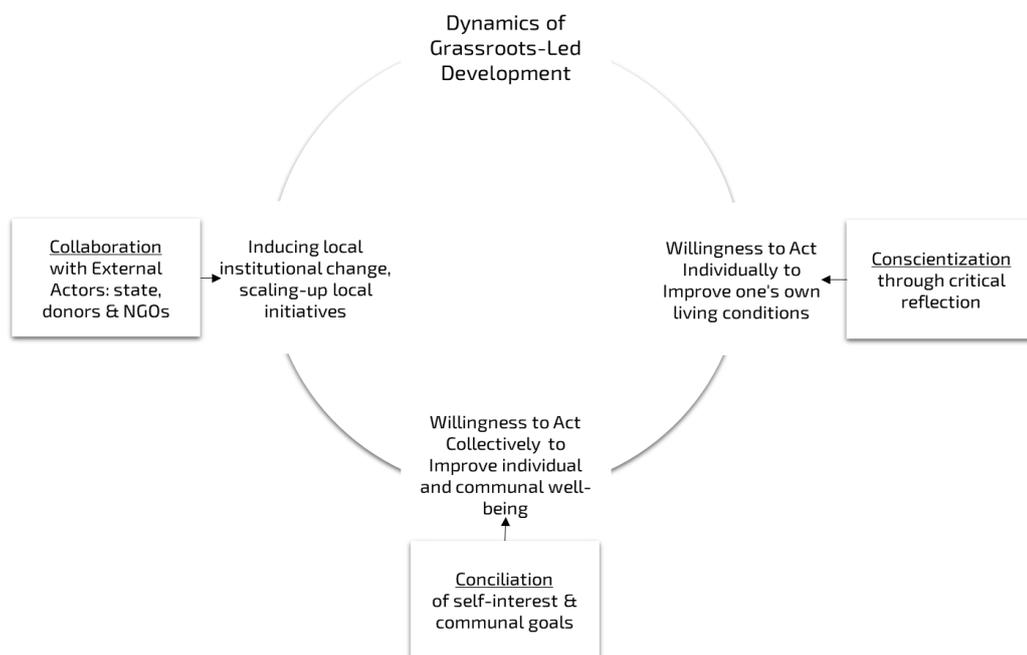


Figure 1. The 3C-model for GLD

Source: Ibrahim (2017).

The model created has a perspective of evolution from the collectivity. In this sense, the proposition evidences the understanding that the interaction between social actors is the basis of social change, as the excerpt of the proposing article defends.

The model focused on the process of change itself, viewing the 3C processes as means and ends for social change. By focusing on these three C-processes, the model presented

a clearer framework for conceptualising, operationalising and understanding the dynamics of social innovation processes at the grassroots. Adopting the CA as an evaluative framework for the model, the paper stressed the role of grassroots innovations in supporting collective agency, generating new collective capabilities and challenging unequal power relations within local communities and among development actors. (Ibrahim, 2017, p. 19).

Conscientisation acts on individuals, flourishing the critical thinking essential to the process, which disturbs and promotes the desire to improve their lives and the world as a whole from cognizably. With this, this ability makes it possible for the social actor to reflect on what the action plan is necessary to achieve his goals. Conciliation, in turn, is related to collective interests with the vision of the common good. The consensus is the end intended by this capability.

Finally, the capability for collaboration that everyone involved raises their capabilities when collaborating with each other. Although at different levels of capability, they achieve good results by combining them in different ways, with interaction as a primary tool. For that, it is necessary leadership that understands the importance of this capability among the actors and stimulates it, mainly with their social ability (Fligstein, 2007).

From the perspective of social innovation initiatives as fields (Bourdieu, 1989; Fligstein & McAdam, 2012), locus of a combination of resources, pre-established rules and development of social skills of the actors (Fligstein, 1997, 2007), who acting especially in confrontational situations, be they formal or informal, mitigating the adverse effects of this obstacle. This type of skill is also favourable in specific situations in which they can promote a favourable interpretation of these situations and determine actions that are in line with current interests and identities (Fligstein, 2007).

It is understandable that, if social innovations start from the grassroots, that is, from the social actors that generate it reflexively and actively, conscientisation, conciliation and collaboration, promote, to a greater or lesser degree, some social change, whether at the level individual, collective or institutional. Thus, they manage to provoke the development of the actors themselves, since they are directly impacted by the capabilities employed and acquired in their agencies and effectiveness.

Despite the significant contribution, Ibrahim brings in the scope of his work possible limitations of his model, called "invisible C's". They are not described in the model, but they are capable of determining the success or failure of the entire structure envisaged. They are

conflict and confrontation, capture, cooptation and context, providing a new structure of Model C (Ibrahim, 2017).

Conflict is the breach of capability most easily evidenced in a human relationship since it is inherent in social relationships (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Ziegler, 2010). When not well managed, it can result in confrontation, which is caused by the failure of cooperation between the actors and a dispute of values, motivations, sense of responsibility and interests, harming the result of the actions (Clever, 1999; Griewald & Rauschmayer, 2014).

The relationship between the powerful forces of the actors is decisive in the functioning and the choices they will make during the creation, implementation and monitoring of social innovation. In this sense, the dispute between them must be managed so that it always converges for the common good (Clever, 1999; Griewald & Rauschmayer, 2014). The 3C model (Ibrahim, 2017) still foresees other limitations:

Cooptation, in turn, translates into danger because it is a process of involving the actors without specific criteria, sometimes with divergent interests, like the State. This actor has regulatory and normative strength, which guarantees exaggerated control over the power relationship and may even distort the bottom-up character of the process. In this case, the author points out the transparency and responsibility between actors as prevention for cooptation.

As of last, and no less influential, are the limitations of the context - lack of resources, place of performance, among others - and of the capture - which generates winners and losers, causing the competition between the participants to intensify.

Therefore, it is crucial to think about how the 3C Model was significant in exploring the capabilities approach of social innovation actors. As well as seeing its gaps, it allowed seeing new possibilities for theoretical and empirical analyses on the phenomenon of social innovation from the base of the actors that promote it. The human approach, in this context, gains breadth and, in its complexity, allows the improvement and strengthening of the conceptual understanding of the processes.

4. Capabilities Building in Social Innovation Initiatives: The 5C Cycle

From the discussions of Sen's Approach to Capabilities (1990, 2001), since its initial conception, it is possible to construct theoretical thinking aimed at defining a scope of roles of social actors that represents the relationships between their capabilities as determinants for the success or failure of social innovations.

Ibrahim (2017) took an important step when he defined the three categories of capabilities that are developed collectively. However, for capabilities to interact and actors to be able to optimise them satisfactorily with a view to the engagement sought by social innovation initiatives, there is a need for improvement and in-depth understanding of the components that interact in this dynamic, with their own rules of operation and relationships between actors (Biggeri et al., 2017). Thus, progress is made in filling in the gaps raised by the previous model.

Using an understanding of all the components necessary for the processes developed in social innovation initiatives is the first undeniable point of discussion. In this sense, Bourdieu's (1986) understanding of the concept of capital is used to represent essential components of organisations, resources, whether tangible or intangible.

Bourdieu elucidates to the present reflection components that generically support any organisations. These are the financial resources necessary for the functioning and development of these, called economic capital, the intellectual subsidies that represent the dynamics of knowledge present in the organisation, called cultural capital, and the articulation between actors with reciprocity and cooperation, called of social capital.

For Bourdieu (1986), capital is directly related to power, since it is the force that subsidises any initiatives in society in different contexts. In this theoretical construction, the concept is related to both collectively constructed capabilities, which in each of their phases need resources in their most varied forms for their effectiveness.

Thus, the existing capital raises a vision of applicability in the financing of actions and projects in the context of social innovation initiatives as fields, spaces for the articulation of subjects, and endowment of power (Bourdieu, 1989; Fligstein, 2007; Portales, 2019; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017; Ziegler, 2017b).

In any case, just holding capital is not a safe alternative for social initiatives to be able to optimise their collective capabilities and obtain the different results that they want. They also need subsidies to be able to promote the articulation between their actors and a consequent search for the improvement of their internal and external processes (Ziegler et al., 2017). Thus, an alternative is to enhance the social skills of the actors based on the development of their capabilities.

It is possible to observe simultaneously that the powers of persuasion and induction of the most skilled actors are used to optimise or to weaken the results intended by the initiative or field of action (Baron & Markman, 2000; Fligstein, 1997, 2007; Fligstein & McAdam, 2012).

For this reason, it is necessary to understand what are the forces that interact within the field so that the description of a balanced cycle of development and capability building within that field is constructed (Bourdieu, 1989) - read here the formal structure of the initiative of social innovation.

According to this understanding, with socially skilled stakeholders, social initiatives have greater cooperation and, consequently, a greater propensity to achieve social change, since at least the process path reaches an optimised level of functioning and the actions of the actors gain the status of successful (Baron & Markman, 2000; Ibrahim, 2017). Thus, the development of the human capabilities of these actors occurs, which is one of the main objectives of social innovation (Mazigo, 2017).

In this scenario, social skills and effective combinations of capabilities and roles within the initiatives strengthen and maintain the cohesion of existing collective processes (Cajaiba-Santana, 2014; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Dawson & Daniel, 2010; Fligstein, 2007; Moore et al., 2012; Nicholls & Ziegler, 2017; Rey-García et al., 2019; Ziegler, 2017b).

With this perspective, from a literature review, a new scope of variables representing internal and external processes is presented. With this perspective, from a literature review, a new scope of variables representing internal and external processes is presented. The adverse limiting effects of the process are noted, the field in which the interaction between actors and their articulations occurs, the integration that allows a broader understanding of how the capabilities of social innovation actors can evolve in specific contexts.

Although they have limitations, most studies on the subject over time have proposed to offer various approaches to understanding and applications of social action (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Deneulin & McGregor, 2010; Ibrahim, 2017; Orton, 2011; Sferrazzo & Ruffini, 2019; Terlazzo, 2019; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017). In this sense, this theoretical essay stops at contributing to the understanding of significant capabilities in social innovation initiatives, which reflected in improvements in the structures created by them, their improvements and process components.

Figure 2 presents the capabilities of the actors of social innovation, as well as their corresponding roles, describing the co-existential relationship between them and their functions. Regardless of the type of innovation initiative, the literature generically points out some variables applicable as influencing an agent development cycle.

Capabilities	Descriptors	Roles	A cluster of studies that substantiate the variables presented
Conscientisation	Critical reflection	Role of critically reflecting generating strategies	Cajaíba-Santana, (2014); Correia et al. (2016); Ibrahim (2017); Robeyns (2005).
	Personal engagement	Discipline and adherence to tasks	Correia et al. (2019); Fligstein (2007); Ibrahim (2017); .Sen (1990, 2001); Young (2011).
	Desire to improve life	Desire to obtain results	Cajaíba-Santana (2014); Ibrahim (2017); Schubert (2018); Sen (1990, 2001); Tsakanika and Chaves-Ávila (2017); Voorberg et al. (2015).
Conciliation	Organisation of activities	Adequacy and division of activities	Ibrahim (2017); Mumford (2002); Tsakanika and Chaves-Ávila (2017); Schubert (2018); Sen (1990, 2001).
	Active voice of those involved	Democratic participation	Correia et al. (2019); Ibrahim (2017); Portales (2019); Scopetta et al. (2014); Scott-Cato and Hillier (2010); Voorberg et al. (2015); Ziegler (2017).
	Skills acquisition	Search for the development of social skills	Baron and Markman (2000); Correia et al. (2019); Fligstein (1997, 2007); Ibrahim (2017); Robeyns (2005); Sen (1990, 2001); Sferazzo and Ruffini (2019); Ziegler (2017).
Collaboration	Congregational leadership	Encouraging collaboration from leadership	Cajaíba-Santana (2014); Chiapero-Martinetti and Von Jacobi (2015); Correia et al. (2019); Fligstein (2007); Ibrahim (2017); Nicholls and Ziegler (2017); Schubert (2018); Voorberg et al. (2015); Ziegler (2017).
	Cooperation between actors	Cooperation between internal actors to achieve organisational goals	
Confluence	The confluence between factors of the organisational environment	A confluence of factors between various domains, such as external environment, operational context and culture, moderated by contingencies related to social/environmental concerns	Cajaíba-Santana, (2014); Chiapero-Martinetti and Von Jacobi (2015); Dawson and Daniel (2010); Moore et al. (2012); Nicholls and Ziegler (2017); Rey-García et al. (2019); and Ziegler (2017)

	Diffusion of practices as a confluence of knowledge	A confluence of financiers, visionaries, organisations, artists, academics and civil society in general that share interests related to social innovations.	Borges et al. (2020); Cajaiba-Santana (2014); Correia et al. (2018, 2019); Dawson and Daniel (2010); Huddart (2010); Ibrahim (2017); Nicholls and Ziegler (2017); Oliveira et al. (2018); Rey-García et al. (2019); Ziegler (2017)
Capital	Economic Capital	Resources available.	Bourdieu (1986).
	Social Capital	Networks of trust and reciprocity.	
	Cultural Capital	Culture (education, style, intellect) linked to social actors.	

Figure 2. Descriptive and Explanatory Framework of 5C Cycle.

Source: Elaborated by the authors (2020).

In addition to the capabilities present in the Ibrahim Model 3C (2017), "conscientisation", "conciliation" and "collaboration", the categories "confluence" and "capital" are added to the scope. Capital is seen as the use of resources - financial, cultural and social - that support the stages of capability development. It is observed that they promote a locus of articulation and expand the scalability of projects and actions of social initiatives (Cajaiba-Santana, 2014; Howaldt et al., 2015; Moore & Westley, 2011; Portales, 2019).

Confluence, unlike collaboration, does not refer to cooperation between actors to carry out activities. It is related to the process of institutional contribution, the confluence of information and the confluence of organisational factors concerning the external environment, the local culture and the operational context, moderated by contingencies related to social/environmental concerns, which build the scope of social innovation initiatives (Cajaiba-Santana, 2014; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Dawson & Daniel, 2010; Moore et al., 2012; Nicholls & Ziegler, 2017; Rey-García et al., 2019; Ziegler, 2017b). In this perspective, its scope is directed to the advancement of practices in spaces with which its habitual field maintains relations, foreseen by some studies such as Cajaiba-Santana (2014), Correia, Batista and Motta (2019), Howaldt et al. (2015), Moore & Westley (2011) and Portales (2019).

With this understanding, the capability for confluence also has, in its broad sense, the diffusion of knowledge, strategies and practices among the components of social innovation initiatives and towards civil society in order to stimulate projects that facilitate the maximum absorption of opportunities that those involved can obtain with this relationship (Borges et al., 2020; Cajaiba-Santana, 2014; Correia et al., 2018, 2019; Dawson & Daniel, 2010; Huddart,

2010; Ibrahim, 2017; Nicholls & Ziegler, 2017; Oliveira et al., 2018; Rey-García et al., 2019; Ziegler, 2017b).

For this, social skill (Baron & Markman, 2000; Fligstein, 1997; Fligstein & McAdam, 2012), previously discussed, behaves as an agent capable of acting significantly in the cycle and ensuring the effectiveness of this capability, given its genesis based on reciprocity and trust between the actors, favouring the strengthening of ties, in a productive, managed and necessary articulation.

From these reflections, the understanding of the dynamics of developing collective capabilities in social innovation initiatives becomes clearer. It supports the construction of a framework with a sustainable and balanced cycle that descriptively highlights the hidden subprocesses within the capabilities already studied and brings new variables applicable to different contexts, as shown in Figure 3.

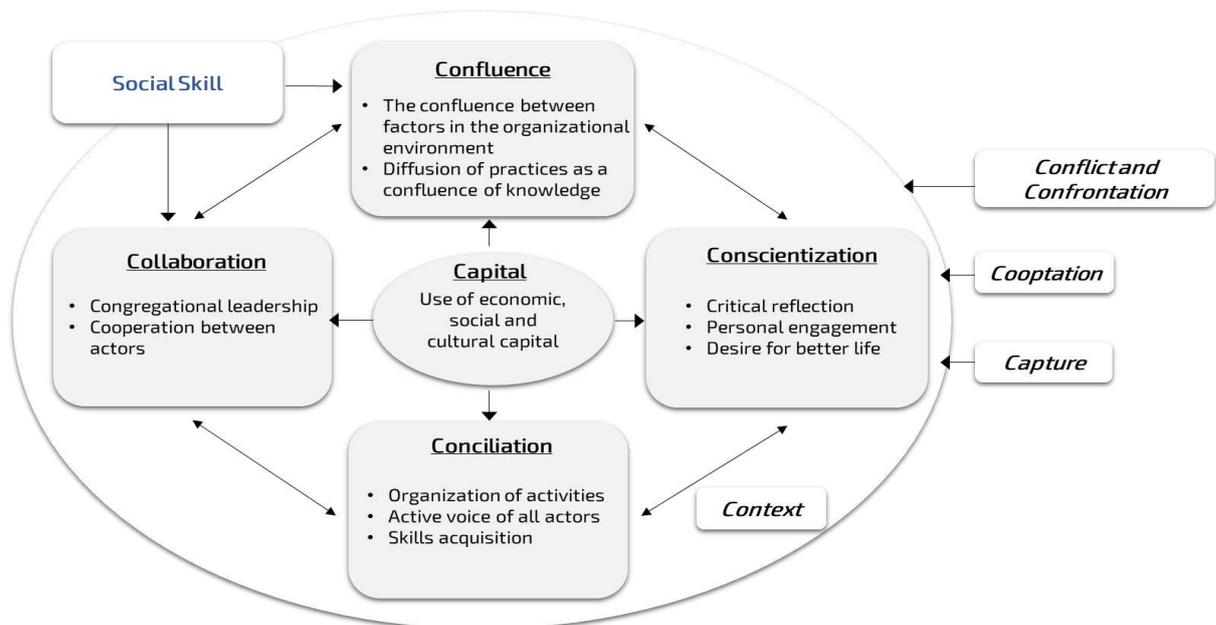


Figure 3. 5C-Cycle of Collective Capabilities Development in IS Initiatives
Source: Elaborated by the authors (2020).

In the conceptual framework called 5C Cycle, named after the initial letter of the presented capabilities, capital is the starting point of the functioning of the system as it represents resources that subsidise the effectiveness of the capability development cycle of the actors involved. Thus, the process follows an ascendancy that would end with the confluence capability, if it were not a cycle. Since the processes are integrated and represent capabilities developed collectively.

In this dynamic, some variables are considered unfavourable to the performance grassroots social innovations, foreseen by the 3C Model as invisible C's (Ibrahim, 2017). They are conflict and confrontation, cooptation and capture. However, social skill is an alternative to this obstacle, shown in Figure 4.

<i>Variables Influencing the Collective Capabilities Development Cycle in SI Initiatives</i>		
<i>Conflict and Confrontation</i>	Conflict suggests the breaking of the capability for human relationship and, when not well managed, results in a confrontation, a failure in cooperation between the actors from a dispute of values, motivations, sense of responsibility and self-interest.	Chiappero-Martinetti and Von Jacobi (2015); Cleaver (1999); Griewald and Rauschmayer (2014); Ziegler (2010).
<i>Cooptation</i>	Impairs impartiality in the choice and diversification of actors.	Foweraker (2001); Ibrahim (2017).
<i>Capture</i>	Unbalances the positive interaction between the actors.	Ibrahim (2017); Pel and Bauler (2014).
<i>Context</i>	Influences the entire cycle, positively or negatively (resources, location, culture, among other factors).	Gerometta et al. (2005); Ibrahim (2017); Moulaert et al. (2007); Robeyns (2005); Sen (1990, 2001); Ziegler (2010).
<i>Social Skill</i>	It helps the dynamics of the collective capability development cycle.	Baron and Markman (2000); Fligstein (1997; 2007); Fligstein and McAdam (2012).

Figure 4. Variables Influencing the Dynamics of 5C Cycle.

Source: Elaborated by the authors (2020).

Through the proposed model, the positions and interrelationships of each positive or negative component associated with the processes under analysis are evidenced, favouring the knowledge of a practical system of development of social innovations, represented in a cyclical process with interconnected and feedback stages. They can be recognised as a system because it has constant and internal functioning and still influenced by variables external to the cycle itself. Therefore, it presents a process in which it describes the field of action of social actors as a vector for the elaboration of projects, absorption of knowledge and generalised development of the structure.

It is still possible to conclude that studies with an emphasis on social innovation actors are not restricted to negotiations from merely economic actors, but as also based on the understanding of articulation and cooperation (Cajaíba-Santana, 2014; Correia et al., 2016; Howaldt et al., 2015; Moore & Westley, 2011; Portales, 2019). Thus, it is important to suggest a more comprehensive sphere of possibilities for optimisation in these relationships and the

subsequent results, mutual learning is a seminal example and represents a significant step in this process.

5. Final Considerations

This study analysed the qualitative variables on the process of developing collective capabilities in social innovation initiatives. For that, a framework was presented that suggests new capabilities, called 5 C's Cycle. The inspiration in the model created by Ibrahim (2017) allowed the improvement of the theoretical articulations raised and made possible a presentation of the roles and capabilities derived from this process.

In this way, this theoretical essay advances, in addition to theoretical discussions, with the promotion of the development of social innovations by offering an approach of capabilities, applied in processes, grassroots innovations and public policies, whose congruence has been presented in empirical studies of significant scientific relevance (Biggeri et al., 2017; Mazigo, 2017; Molnar, 2017; Pellicer-Sifres et al., 2017; Taylor et al., 2020; Van Raemdonck, 2019, 2019; White, 2018; Ziegler, 2017a; Ziegler et al., 2013).

Based on Sen's Capabilities Approach (1990, 2001), there is a significant understanding of the relationship between the actors of social innovation, translated into the interaction of several human activities that constitute capabilities. In such a way that grassroots achievements (social actors) characterise the uniqueness of a social innovation initiative and can be developed (Ibrahim, 2017; Ziegler, 2010).

The 3C Model brought a new reflexive path to social innovation by reinforcing that social change can be brought about by social actors (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015), overlapping a restricted top-down view and addressing the bottom-up view, locus of several reflections.

However, it is observed that for the dynamics of the 3C Model to work, it is necessary, in addition to considering its limitations, to reflect that socially skilled actor and available resources are necessary for this (Bourdieu, 1986; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Fligstein, 2007).

In this way, 5C Cycle describes possible capabilities and roles of social actors involved in social innovation initiatives, bringing confluence and capital, capabilities to significantly mitigating the adverse effects of the system and allowing more effective cooperation between the actors (Cajaíba-Santana, 2014; Correia et al., 2016; Howaldt et al., 2015; Moore & Westley, 2011; Portales, 2019).

Although there is a representation of an optimised cycle of processes, adverse and mitigating effects are part of the dynamics of the system and, therefore, their presence is permanent. In line with this understanding, the proposition presented used them as determinant points and was concerned with suggesting subsidiary interconnections of proactive management of the variables presented.

This model contributes to the understanding of the human capabilities approach (Sen, 1990; 2001) in social innovation initiatives (Ibrahim, 2017) based on concepts present in the literature, such as social skill (Fligstein, 2007) and capital (Bourdieu, 1986). The 5C Cycle simultaneously supplies the needs of a feedback process, which, after combinations of capabilities, solidifies as a social development process (Cajaíba-Santana, 2014; Chiapero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Ibrahim, 2017; Correia et al., 2016).

As a limitation, it is understood that the proposed model translates an overview and must be validated in a social innovation initiative so that it can be perfected and offer a greater theoretical and empirical contribution to the scientific community and the social innovation developers. As future suggestions, it is indicated to analyse the perceptions of the subjects involved about the capabilities discussed here and the practical forms of development of these, as well as the performance of comparative studies between social innovation initiatives from different approaches.

Acknowledgements

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) Finance Code 001.

Capítulo 3

**CAPACIDADES COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS À LUZ DO
CICLO 5C: UMA ANÁLISE DA REDE PARAIBANA DE BANCOS
COMUNITÁRIOS**

CAPACIDADES COLETIVAS EM INOVAÇÕES SOCIAIS À LUZ DO CICLO 5C: UMA ANÁLISE DA REDE PARAIBANA DE BANCOS COMUNITÁRIOS³

Collective Capabilities in Social Innovations in the Light of the 5C Cycle: An Analysis of the Paraibana Network of Community Banks

Capacidades Colectivas en Innovaciones Sociales a la Luz del Ciclo 5C: Un Análisis de la Red Paraibana de Bancos Comunitarios

Resumo:

Objetivo da pesquisa: Analisa-se empiricamente as variáveis de representação do Ciclo 5C de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais: Capital, Conscientização, Conciliação, Colaboração e Confluência.

Enquadramento teórico: Em uma abordagem de capacidades (Sen, 1990, 2001), com estudos relevantes sobre inovação social, discute-se as capacidades coletivas das inovações sociais (Ibrahim, 2017).

Metodologia: Construiu-se um estudo dos múltiplos casos da Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento. Para isso, contou-se com pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas, codificadas pelo *software* ATLAS.ti. Por fim, realizou-se análise de conteúdo.

Resultados: Evidenciou-se nos objetos de estudo os processos do Ciclo 5C, como a utilização do capital e as práticas de confluência, refletidas principalmente na difusão de práticas e expansão das iniciativas.

Originalidade: Apresenta-se contribuição original acerca da congruência entre Inovação Social e a Abordagem das Capacidades (Sen, 1990, 2001) com aplicação do Ciclo 5C e aperfeiçoamento das discussões.

Contribuições teóricas e práticas: Contribui-se teoricamente para o campo da inovação social, sob uma perspectiva de capacidades com a análise de um *framework* atual em contextos reais, que subsidiam práticas de desenvolvimento de capacidades coletivas e melhoria da gestão de iniciativas de inovação social e o consequente desenvolvimento local.

Palavras-chave: Inovação Social. Abordagem das Capacidades. Ciclo 5C. Bancos Comunitários de Desenvolvimento. Desenvolvimento Local.

Abstract:

Research objective: The variables representing the 5C Cycle for the development of collective capabilities in social innovations are analyzed empirically: Capital, Conscientization, Conciliation, Collaboration, and Confluence.

Theoretical framework: In a capabilities approach (Sen, 1990, 2001), with relevant studies on social innovation, the collective capacities of social innovations are discussed (Ibrahim, 2017).

Methodology: A study of the multiple cases of the Paraibana Network of Community Development Banks was constructed. For this, documentary research and semi-structured interviews were used, coded by the ATLAS.ti software. Finally, content analysis was performed.

³ Artigo de autoria de Leonardo Ferreira Batista e Suzanne Érica Nóbrega Correia, encaminhado à revista Administração Pública e Gestão Social (Qualis CAPES: B1 – A3 no novo Qualis) em 08/09/2020, conforme comprovante em anexo.

Results: The processes of Cycle 5C became evident in the objects of study, such as the use of capital and confluence practices, reflected mainly in the dissemination of practices and the expansion of initiatives.

Originality: Original contribution is presented about the congruence between Social Innovation and the Capabilities Approach (Sen, 1990, 2001) with the application of Cycle 5C and the improvement of discussions.

Theoretical and practical contributions: Contributes theoretically to the field of social innovation, from a capability's perspective, with the analysis of a current framework in real contexts, which subsidize practices of collective capabilities development and improvement of the management of social and innovation initiatives. the consequent local development.

Keywords: Social Innovation. Capabilities Approach. Cycle 5C. Community Development Banks. Local Development.

Resumen:

Objetivo de la investigación: Se analizan empíricamente las variables que representan el Ciclo 5C para el desarrollo de capacidades colectivas en innovaciones sociales: Capital, Conciencia, Conciliación, Colaboración y Confluencia.

Marco teórico: En un enfoque de capacidades (Sen, 1990, 2001), con estudios relevantes sobre innovación social, se discuten las capacidades colectivas de innovaciones sociales (Ibrahim, 2017).

Metodología: Se construyó un estudio de los múltiples casos de la Red Paraibana de Bancos de Desarrollo Comunitario. Para ello, se utilizó investigación documental y entrevistas semiestructuradas, codificadas por el software ATLAS.ti. Finalmente, se realizó un análisis de contenido.

Resultados: Los procesos del Ciclo 5C se evidenciaron en los objetos de estudio, como el uso de capital y prácticas de confluencia, reflejados principalmente en la difusión de prácticas y la expansión de iniciativas.

Originalidad: Se presenta una contribución original sobre la congruencia entre la Innovación Social y el Enfoque de Capacidades (Sen, 1990, 2001) con la aplicación del Ciclo 5C y la mejora de las discusiones.

Aportes teóricos y prácticos: Contribuye teóricamente al campo de la innovación social, desde una perspectiva de capacidades, con el análisis de un marco actual en contextos reales, que subsidian prácticas de desarrollo de capacidades colectivas y mejora de la gestión de iniciativas de innovación social y el consiguiente desarrollo local.

Palabras clave: Innovación social. Enfoque de capacidades. Ciclo 5C. Bancos de desarrollo comunitario. Desarrollo local.

1 Introdução

O campo da inovação social (IS) tem ganhado um caráter múltiplo com o avanço de suas pesquisas: desde simples ideias até a formalização de organizações sociais estruturadas (Cajaiba-Santana, 2014; Portales, 2019; Schubert, 2018; Van der Have & Rubalcaba, 2016), Demanda-se, então, interdisciplinaridade para uma maior compreensão do seu escopo (Cajaiba-Santana, 2014; Ziegler, 2017b). Nessa perspectiva, alguns estudos utilizam a abordagem das

capacidades humanas (Sen, 1990, 2001) para o direcionamento das discussões à base da IS, os atores sociais, considerados os pilares de amplas transformações a partir desse fenômeno (Abad & Ezponda, 2019; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Sferrazzo & Ruffini, 2019).

Essa congruência entre a abordagem das capacidades e a inovação social permite estudos centrados nas pessoas e nas suas capacidades de realização, os quais já se encontram na literatura (Howaldt & Schwarz, 2017; Tiwari, 2017; Ziegler et al., 2017). Defende-se, nesse sentido, que os atores sociais são vistos como agentes de efetivações e, portanto, constituem ponto fundamental das iniciativas de IS, conquistando o papel simultâneo de agentes e público das suas realizações (Sferrazzo & Ruffini, 2019; Ziegler, 2010).

A partir dessa perspectiva, propõe-se o Ciclo 5C de desenvolvimento capacidades coletivas em inovações sociais, aperfeiçoando o modelo 3C de Ibrahim (2017), que apresenta a construção de capacidades coletivas em IS de base. Discute-se, com o ciclo 5C, as categorias capital, conscientização, conciliação, colaboração e confluência, como processos fundamentais para aquela dinâmica. A partir desse entendimento, este artigo tem o objetivo de analisar os processos (variáveis qualitativas) dessas categorias nos bancos da Rede Paraibana de Bancos Comunitários, refletindo uma exploração e descrição empírica.

Justifica-se esta pesquisa no sentido de permitir o avanço da literatura acerca da congruência científica entre o campo da inovação social e a abordagem das capacidades, bem como o fornecimento de uma contribuição empírica para o estudo de estratégias e ações que desenvolvam as capacidades coletivas nas iniciativas de inovação social.

As articulações teóricas do *framework* estudado são atuais e necessitam de uma análise em contextos reais, que podem fornecer subsídios para as práticas apresentadas na literatura, com o intuito de melhorar a gestão das iniciativas de inovação social, promovendo o consequente desenvolvimento socioeconômico das comunidades em que estas estão inseridas. Para este fim, os casos escolhidos para exploração empírica são justificados pelas suas características de inovações sociais e suas estruturas essencialmente colaborativas.

Estruturalmente, além destes aspectos introdutórios, este estudo apresenta o referencial teórico adotado, os aspectos metodológicos, e, por fim, os resultados e considerações finais.

2 Abordagem das Capacidades para Inovação Social

Enxergando o campo da inovação social em perspectivas interdisciplinares (Cajaiba-Santana, 2014; Ziegler, 2017b), estudos têm dado ênfase aos atores sociais sob uma ótica de

capacidades (Sen, 1990, 2001). Essa abordagem apresenta uma clara congruência com a inovação social, cujos atores são a base das estruturas sociais com esta finalidade (Sferrazzo & Ruffini, 2019; Ziegler, 2010). Nesse sentido, a partir da mobilização dos recursos e capacidades desses agentes, visa-se à transformação social (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Nicholls & Murdock, 2012; Sferrazzo & Ruffini, 2019).

A abordagem de Sen (1990, 2001) conduz essencialmente à compreensão dos conceitos de “efetivações”, “capacidades” e “agência” (Deneulin & McGregor, 2010; Sferrazzo & Ruffini, 2019) dos atores sociais. O primeiro contempla as ações desses indivíduos em busca de seus propósitos. O segundo discute a liberdade de atuação para as ações pensadas. E o terceiro conceito reflete os esforços para a concretização dos anteriores. Ambos sugerem reflexões e aplicações para o desenvolvimento humano (Sen, 1990, 2001) e têm sido utilizados em diversas áreas, especialmente no campo da inovação social, por seu caráter humano, social e coletivo (Cajaiba-Santana, 2014; Ibrahim, 2017; Ziegler et al., 2017).

Essa perspectiva foi utilizada no modelo 3C de Ibrahim (2017), uma construção teórica sobre a promoção de capacidades coletivas pelas inovações de base em três processos: Conscientização, reflexão inerente ao âmbito individual do ator social; conciliação, esforço voltado ao consenso coletivo; e colaboração, a cooperação entre os atores envolvidos.

Com esta articulação teórica, desperta-se um novo entendimento para os processos existentes nas inovações sociais a partir da construção de capacidades coletivas, surgindo a necessidade de aperfeiçoamento do modelo 3C com vista ao seu aperfeiçoamento no sentido de descrever melhor seus processos e apresentar novos elementos essenciais à dinâmica que ele representa. Nessa mesma perspectiva, propõe-se o Ciclo 5C, exposto a seguir.

2.1 O ciclo 5C

O ciclo 5C destina-se à representação das capacidades coletivas geradas nas inovações sociais a partir de cinco processos (categorias): capital (enquanto mobilizador de recursos), conscientização, conciliação, colaboração e confluência. Defende-se, nesses processos, que a coletividade tem incidência direta no desenvolvimento de capacidades nas inovações sociais.

A dinâmica desse desenvolvimento é subsidiada pela mobilização de recursos consoante ao conceito de capital de Bourdieu (1986), que apresenta os elementos tangíveis ou intangíveis essenciais às organizações: o capital econômico, representado pelos recursos financeiros; o

capital social, relacionado à confiança e reciprocidade entre atores; e o capital cultural, que representa os aspectos relacionados à história, educação e diversidade cultural destes atores.

Segundo Bourdieu (1986), as formas de capital relacionam-se com poder, uma vez que refletem a força propulsora para quaisquer iniciativas na sociedade. Nesse sentido, apoiam de forma basilar o processo de desenvolvimento de capacidades em inovações sociais com financiando ações e projetos (Bourdieu, 1989; Portales, 2019; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017; Ziegler, 2017b).

No âmbito individual, apresenta-se o processo de conscientização, previsto pelo modelo 3C (Ibrahim, 2017) como uma transformação na esfera cognitiva com vista ao engajamento dos atores sociais. Trata-se da geração de pensamento crítico voltado à inquietação do indivíduo com o objetivo de melhoria de vida. São elementos intrínsecos propostos pelo ciclo 5C acerca desse processo: a reflexão crítica; o engajamento pessoal; e o desejo de melhoria de vida (Cajaíba-Santana, 2014; Correia et al., 2016; Ibrahim, 2017; Sen, 1990, 2001; Schubert 2018; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017).

Em seguida, tem-se a conciliação, categoria que se reflete em uma palavra-chave: consenso. Com esse propósito, os interesses coletivos orientam as ações conjuntas com o objetivo de um bem comum em três elementos: a organização de atividades; a voz ativa dos envolvidos; e a aquisição de habilidades (Baron & Markman, 2000; Ibrahim, 2017; Portales, 2019; Scoppetta et al., 2014; Sen, 1990, 2001; Sferrazzo & Ruffini, 2019; Voorberg et al., 2015). Esse processo é a base para a próxima categoria, que representa a colaboração entre atores com características diversas dentro das inovações sociais, capaz de provocar mudanças, como o fortalecimento das capacidades e dos papéis destes (Cajaíba-Santana, 2014; Chiapero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Ibrahim, 2017; Nicholls & Ziegler, 2017; Schubert, 2018; Ziegler, 2017b). São elementos: a liderança congregadora e a colaboração entre atores.

Por fim, apresenta-se a confluência como o último C do *framework*, em que se integra a confluência de informações e de fatores organizacionais em relação ao ambiente externo, a cultura local e o contexto operacional, moderados por contingências relativas às preocupações sociais/ambientais e a difusão de práticas com a consequente expansão das iniciativas e, como último fim, o desenvolvimento local (Borges et al., 2020; Correia et al., 2018; Dawson & Daniel, 2010; Huddart, 2010; Ibrahim, 2017; Moore et al., 2012; Rey-García et al., 2019). São elementos: a confluência entre fatores do ambiente organizacional e a difusão de práticas como confluência de conhecimento.

Com esta articulação teórica, defende-se a soma dos processos de conscientização, conciliação e colaboração (Ibrahim, 2017) a novos elementos fundamentais previstos por obras seminais como “As Formas de Capital” (Bourdieu, 1986) e “Habilidade Social e Teoria dos Campos” (Fligstein, 2007). Apresenta-se, a seguir, a descrição dos elementos da proposição:

Categorias	Subcategorias	Descritores	Recorte de estudos que consubstanciam os processos
Conscientização	<i>Reflexão crítica</i>	Papel de refletir criticamente e gerar estratégias	Cajaiba-Santana, (2014); Correia et al. (2016); Ibrahim (2017); Robeyns (2005).
	<i>Engajamento pessoal</i>	Disciplina e aderência às tarefas	Correia et al. (2019); Fligstein (2007); Ibrahim (2017); Sen (1990, 2001); Young (2011).
	<i>Desejo de melhora de vida</i>	Desejo de obtenção de resultados	Cajaiba-Santana (2014); Ibrahim (2017); Schubert (2018); Sen (1990, 2001); Tsakanika e Chaves-Ávila (2017); Voorberg et al. (2015).
Conciliação	<i>Organização de atividades</i>	Adequação e divisão de atividades	Ibrahim (2017); Mumford (2002); Tsakanika e Chaves-Ávila (2017); Schubert (2018); Sen (1990, 2001).
	<i>Voz ativa dos envolvidos</i>	Participação democrática	Correia et al. (2019); Ibrahim (2017); Portales (2019); Scopetta et al. (2014); Scott-Cato e Hillier (2010); Voorberg et al. (2015); Ziegler (2017).
	<i>Aquisição de habilidades</i>	Busca por desenvolvimento de habilidades sociais	Baron and Markman (2000); Correia et al. (2019); Fligstein (1997, 2007); Ibrahim (2017); Robeyns (2005); Sen (1990, 2001); Sferrazzo e Ruffini (2019); Ziegler (2017).
Colaboração	<i>Liderança congregadora</i>	Estímulo da colaboração a partir da liderança	Cajaiba-Santana (2014); Chiapero-Martinetti e Von Jacobi (2015); Correia et al. (2019); Fligstein (2007); Ibrahim (2017); Nicholls e Ziegler (2017); Schubert (2018); Voorberg et al. (2015); Ziegler (2017).
	<i>Cooperação entre atores</i>	Cooperação entre atores internos para o atingimento de objetivos organizacionais	
Confluência	<i>Confluência entre fatores do ambiente organizacional</i>	Confluência de fatores entre vários domínios, como ambiente externo, contexto operacional e cultura, moderados por contingências relativas às preocupações sociais/ambientais	Cajaiba-Santana, (2014); Chiapero-Martinetti e Von Jacobi (2015); Dawson and Daniel (2010); Moore et al. (2012); Nicholls e Ziegler (2017); Rey-García et al. (2019); Ziegler (2017)
	<i>Difusão das práticas como confluência de conhecimento</i>	Confluência de financiadores, visionários, organizações, artistas, acadêmicos e sociedade civil em geral que compartilham interesses relacionados às inovações sociais	Borges et al. (2020); Cajaiba-Santana (2014); Correia et al. (2018, 2019); Dawson e Daniel (2010); Huddart (2010); Ibrahim (2017); Nicholls e Ziegler (2017); Oliveira et al. (2018); Rey-García et al. (2019); Ziegler (2017)
Capital (utilização)	<i>Capital Econômico</i>	Recursos disponíveis.	Bourdieu (1986).
	<i>Capital Social</i>	Diz-se de redes de confiança e reciprocidade.	
	<i>Capital Cultural</i>	Diz-se da cultura (educação, estilo, intelecto) ligada aos atores sociais.	

Figura 1. Descritores do Ciclo 5C.

Fonte: Elaboração própria.

Avançando nas discussões, apresenta-se ainda no ciclo as chamadas “variáveis influenciadoras”. Dentre elas, a mais significativa é o contexto, uma vez que é capaz de influenciar todo o ciclo, positivamente ou negativamente (recursos, localidade, cultura, entre outros fatores) (Gerometta et al., 2005; Ibrahim, 2017; Moulaert et al., 2007; Robeyns, 2005; Sen, 1990, 2001; Ziegler, 2010). As demais variáveis são: o conflito/confronto, uma quebra da capacidade de relação humana que gera a falha na cooperação, a cooptação, escolha tendenciosa dos atores participantes, e a captura, desequilíbrio na interação positiva entre atores por meio de uma competição.

Essas variáveis que induzem perdas ou ganhos no processo, também chamadas de C’s invisíveis, já estavam previstas no modelo de Ibrahim (2017). No entanto, para atenuar estes efeitos, o ciclo 5C sugere a habilidade social (Fligstein, 2007) como potencializadora da cooperação em termos de confiança e de reciprocidade, favorecendo a articulação produtiva entre os atores relacionados. Vide Figura 3.



Figura 2. Ciclo 5C.
Fonte: Elaboração própria.

Por último, destaca-se a confluência como o conjunto de atividades voltadas à difusão de práticas, à escalabilidade e às estratégias de expansão e de desenvolvimento local, moderados por contingências relativas às preocupações sociais/ambientais, que constroem o escopo das iniciativas de inovação social (Cajaiba-Santana, 2014; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Dawson & Daniel, 2010; Moore et al., 2012; Nicholls & Ziegler, 2017; Rey-García et al., 2019; Ziegler, 2017b).

Nesse esforço de representar empiricamente os processos apresentados, essa articulação teórica sugere uma exploração empírica no sentido de fornecer contribuições para o desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais a partir de contextos reais das práticas dos atores sociais envolvidos.

3 Procedimentos Metodológicos

Em uma abordagem qualitativa, este estudo de casos múltiplos explora e descreve as categorias previstas pelo Ciclo 5C, apresentando informações detalhadas sobre o fenômeno estudado (Freitas & Jabbour, 2011; Llewellyn & Northcott, 2007; Yin, 2015). Assim, essa estratégia de pesquisa aperfeiçoa a teoria a partir de uma análise em um contexto real (Freitas & Jabbour, 2011).

Por critério de acessibilidade e de desenvolvimento local e por características de associação alinhadas aos processos apresentados no Ciclo 5C, escolheu-se como objetos de estudo os bancos da Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento. Com o suporte da literatura, coletou-se os dados desses casos por meio de entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro foi elaborado a partir da construção teórica em análise, e contou com questões que refletem cada categoria apresentada no *framework*.

O corpus construído contou com 7 entrevistados (E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7), atores-chave dos 4 bancos estudados, descritos na Tabela 1. A estrutura de colaboradores dos BCD's é enxuta e todos os sujeitos acessíveis foram entrevistados, cujas falas responderam às questões em pauta até a saturação teórica. Em seguida, documentos adicionais (materiais do *site* do objeto, fotos e documentos internos) também foram utilizados para o enriquecimento da análise, formando uma triangulação de dados para minimizar a subjetividade e garantir validade e confiabilidade da pesquisa (Flick, 2004; Paiva Júnior et al., 2011; Ullrich et al., 2012; Yin, 2015). Considera-se também a pandemia da COVID-19, que impediu a observação participante.

Tabela 1.

Dados das Entrevistas.

Identificação	BCD	Função	Data	Tempo
E1	Lagoa	Responsável pelo BCD (coordenador)	11/06/2020	01:22:16
E2	Cinco Lagoas	Responsável pelo BCD	11/06/2020	00:41:37
E3	Cinco Lagoas	Presidente do BCD	09/06/2020	00:40:01
E4	Jardim Botânico	Responsável pela implantação dos BCD's	09/06/2020	00:33:25
E5	Lagoa	Agente de crédito	10/06/2020	00:22:18

E6	Lagoa	Ex-agente de crédito	10/06/2020	00:54:46
E7	Maringá	Responsável pelo BCD	19/06/2020	00:48:20

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Por fim, realizou-se uma análise de conteúdo (Bardin, 2011). Desse modo, as transcrições das entrevistas foram feitas de forma desnaturalizada, uma vez que se buscou entender o conteúdo das comunicações e possíveis deduções inerentes, em detrimento de detalhes de comunicação das falas dos sujeitos (Nascimento & Steinbruch, 2019).

4 Resultados e Discussões

Discute-se, nesta seção, os resultados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas junto aos atores-chave da pesquisa e de documentos fornecidos pelos BCD's paraibanos. Assim, tem-se as principais informações colhidas junto à Rede Paraibana de Bancos Comunitários.

4.1 Caracterização do objeto de estudo

Por meio de princípios de economia solidária, em uma prática alternativa à concepção meramente utilitarista da economia de produtos e serviços financeiros, especificamente no campo das finanças solidárias (Singer, 2002), atores sociais criam as iniciativas de inovação social, denominadas de Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD's).

Essas instituições são solidárias e de natureza associativa e comunitária e têm o intuito de reorganizar economias locais, desenvolvendo trabalho e renda, com a busca de uma nova lógica financeira nos seus locais de atuação, resultando em desenvolvimento social e econômico local. Representam, assim, instrumentos importantes das comunidades em que estão inseridos (Melo Neto Segundo & Magalhães, 2009; Mostagi et al., 2019).

Na Paraíba, essas iniciativas integram a Rede Paraibana de Bancos Comunitários, uma aliança entre os bancos que ocorre de forma não apenas estrutural, mas dotada de parcerias e de atividades colaborativas. Essa associação se deu em 17 de dezembro de 2016, durante a realização do primeiro Curso Estadual de Finanças Solidárias BCD's e Mudança Financeira, construindo uma rede de estrutura comunitária de desenvolvimento, que consolida iniciativas locais e fortalece as frentes de atuação envolvidas na troca de experiências entre os atores institucionais.



Figura 3. Identidades Visuais dos BCD's Paraibanos.

Fonte: Rede Paraibana de Bancos Comunitários (n.d.).

Com essa perspectiva de mobilização da comunidade, a Rede Paraibana de Bancos Comunitários reflete uma iniciativa de inovação social, cujos integrantes são os bancos comunitários de desenvolvimento Jardim Botânico, pertencente à Comunidade São Rafael em João Pessoa/PB, o banco Lagoa, da Cidade de Lagoa de Dentro, o banco Maringá, da Cidade de Pombal e o banco Cinco Lagoas, da cidade de Remígio/PB (Rede Paraibana de Bancos Comunitários, 2017?). Ambos com suas características específicas culturais e socioeconômicas, mas com funcionamentos que seguem a mesma dinâmica de atuação.

Um instrumento essencial para esse tipo de iniciativa e que dá a tônica de movimentação financeira defendida, é a moeda social, com a qual se pretende indiretamente o alcance da transformação social e o desenvolvimento local da comunidade. Criada como um instrumento alternativo de incentivo à promoção do consumo local e sustentável, cuja troca por dinheiro é proibida, é reconhecida por produtores, consumidores e comerciantes (Brito & Oliveira, 2019; Silva Júnior, 2007), sendo utilizada também em âmbito digital, no aplicativo *e-dinheiro*.



Figura 4 – Moedas Sociais Paraibanas
 Fonte: Rede Paraibana de Bancos Comunitários (n.d.).

Esse tipo de moeda, também chamada de moeda solidária ou moeda local, não permite a troca por dinheiro devido a sua finalidade social, que corrobora os seguintes princípios: 1. Democracia participativa: gestão realizada pela própria comunidade, com transparência na administração e partilha de responsabilidades; 2. Continuidade: permanência nas relações de troca; 3. Confiança: crença na efetividade da moeda; 4. A moeda como meio de circulação e não como um fim lucrativo: sem juros ou prêmio pela retenção da moeda; 5. Promoção do bem-estar social: foco na coletividade (Brito & Oliveira, 2019; Soares, 2016). Esse entendimento consolida, conjuntamente com as práticas descritas nas próximas seções, a iniciativa como uma inovação social e como lócus de desenvolvimento de capacidades coletivas.

Desse modo, a utilização da moeda social e os demais processos relacionados ao funcionamento dos BCD's estão em consonância com os postulados da inovação social, em diversas vertentes (Cajaiba-Santana, 2014; Portales, 2019; Schubert, 2018; Van der Have & Rubalcaba, 2016), e atuam em sinergia em práticas que expressam a dinâmica do desenvolvimento liderado pela base, discutida pela perspectiva de capacidades (Ibrahim, 2017; Sen, 1990, 2001).

4.2 Evidências do ciclo 5C na Rede Paraibana de Bancos Comunitários

Os dados coletados pela pesquisa representam a dinâmica do ciclo 5C nos BCD's paraibanos. Para isso, são discutidos os processos de cada categoria desse instrumento e os chamados C's invisíveis enquanto variáveis influenciadoras, imersas nas discussões. Ambos os elementos estão descritos a partir das redes de códigos geradas pelo *software* ATLAS.ti.

Desse modo, as falas dos sujeitos e as informações dos documentos auxiliares compõem a análise apresentada a seguir. Nas redes de citações, as letras G corresponde à quantidade de menções ao código referido. A letra D refere-se à densidade e não implica na análise.

4.2.1 Capital

Iniciou-se a análise da categoria capital com o desmembramento das falas dos entrevistados em três tipos de capital: econômico, social e cultural (Bourdieu, 1986), cujas citações estão dispostas nos códigos apresentados pela Figura 5. Esses códigos (ou assuntos) demonstraram aspectos confirmadores dos elementos presentes nas categorias do Ciclo 5C. Os assuntos citados pelos entrevistados estão dispostos dentro de cada descritor das categorias. Como se vê na figura a seguir.



Figura 5. Rede Gerada sobre a Categoria Capital.

Fonte: Dados das entrevistas processados pelo software ATLAS.ti (2020).

Observa-se que a subcategoria mais robusta da rede é “Capital Econômico” (13 citações). Na exploração deste grupo, evidenciou-se na fala unânime dos sujeitos entrevistados a menção ao um elemento dos BCD’s chamado de **lastro**. Segundo Rigo e França Filho (2017),

trata-se de um sistema – exigência do Banco Central do Brasil – que prevê um fundo de crédito presente nos cofres ou em conta bancária específica do banco comunitário e corresponde em real a cada moeda social que circula na comunidade.

Como um meio de quebra de barreiras sociais (Burchardt, 2004; Orton, 2011; Sen, 1990, 2001), a moeda social é o principal instrumento para a formação dos lastros dos bancos comunitários. Para esse propósito, os atores sociais preocupam-se em obter recursos por meio de empréstimos, pagamentos, compras e trocas da moeda social dentro de suas comunidades (Rigo, França Filho, & Leal, 2015).

Observa-se, então, que a formação desse fundo de crédito também faz parte do processo de desenvolvimento de capacidades, como evidencia este sujeito: “Cada banco tem que criar seu lastro. Nós fizemos bingos, bazares, algumas instituições ajudam também. Quando a gente faz esse empréstimo, quando o comerciante vem fazer o câmbio também.” (E4). Isso ocorre porque os BCD’s criam estratégias de incentivos para que os atores comunitários usem a moeda social (Rigo et al., 2015).

Dentre outros fins, esses recursos servem para custear as próprias **despesas do banco**, que “[...] vão desde aluguel, de local onde funciona a sede, até a manutenção de equipamentos, pagamento de energia, de água, as contas que são comuns do dia-a-dia de qualquer instituição” (E1). Com a criação desses mecanismos, objetiva-se a minimização de um dos problemas ocasionados pela variável **contexto**, o problema da captação de recursos pelas iniciativas de cunho social (Biggeri et al., 2017), quando utilizam os meios necessários para ação em um contexto adverso. Evidencia-se, então, o esclarecimento sobre esse elemento:

Se eu abro um empreendimento, preciso de capital para investir na compra de produtos ou para fazer com que aquele comércio possa se movimentar. Então, para um banco funcionar, ele tem que ter uma certa quantia no seu cofre, no seu caixa. A gente chama de lastro, que é aquela proteção para ele não “quebrar” na primeira semana que abrir (E1).

A utilização desse recurso se dá principalmente pela relação de confiança e de reciprocidade entre os atores sociais que o utilizam, uma vez que o processo de circulação dessa moeda é voltado ao bem coletivo. Desse modo, é necessária uma aderência da comunidade para o funcionamento efetivo dessa dinâmica de geração de fundos de crédito. Enfatiza-se aqui o entendimento teórico do **capital social** previsto por Bourdieu (1986), em que se refletem a coesão social refletida nesse molde de economia, bem como os pilares da **habilidade social**, na garantia de relações satisfatórias entre os inovadores sociais (Fligstein, 2007).

Observa-se, nesse sentido, que o capital social das iniciativas estudadas é considerado satisfatório e, sem ele, várias ações realizadas não existiriam: “[...]o banco só funciona se houver confiança, se houver reciprocidade. E não adianta querer que o banco promova qualquer atividade achando que a gente é a figura principal e mais importante.” (E1).

Por último, assim como preleciona a literatura (Bourdieu, 1986), enxerga-se a presença do capital cultural nos casos analisados. Trata-se de componente relacionado diretamente aos atores sociais, inclusive em âmbito individual, que diz respeito à bagagem cultural e de conhecimento que esses atores fornecem aos BCD’s. Um exemplo significativo da valorização cultural nessas iniciativas são as informações presentes nas cédulas das moedas sociais, que remetem à história das comunidades, à representação cultural e ambiental e às conquistas de sua população, a exemplo das edificações públicas e das histórias populares.

Nosso município foi criado numa região onde existiam cinco lagoas. É por isso que o nome do banco comunitário é Cinco Lagoas. E o nome da nossa moeda, reis, porque o nosso primeiro habitante do município chamava-se Remígio dos Reis. Então, são referências históricas que marcam (E2).

Quanto à diversidade cultural, os sujeitos discorrem sobre os benefícios de sua presença: “É sempre importante ter diversidade cultural. [...] às vezes, o problema que nós não conseguimos enxergar, uma pessoa com uma visão diferente do acontecimento pode conseguir enxergar e trazer uma solução de forma mais prática e mais plausível” (E5).

Nas falas dos sujeitos, o capital cultural é evidenciado nas menções à **diversidade cultural** presente nessas organizações, na necessidade de realização de um **processo de formação** dos indivíduos e efetiva realização desse processo, bem como referências à **história e cultura local**, subsídios constituintes de um dos espaços econômicos férteis para a inovação social (Ziegler et al., 2017). Inclusive, para a escolha dos nomes e representações gráficas dos bancos e das moedas sociais, este último fator é decisivo.

Portanto, nesse tipo de iniciativa social, há a presença das três formas de capital previstas por Bourdieu (1986), articuladas em vários elementos, desde o processo de formação dos bancos até a realização das atividades operacionais. E os envolvidos nessas atividades reforçaram a importância desses recursos para a efetividade dessas organizações. O que revela os subsídios fundamentais à dinâmica do ciclo 5C.

4.2.2 Conscientização

Nessa categoria, foram explorados o papel de refletir criticamente e de gerar estratégias, a aderência às tarefas e o desejo de obtenção de resultados alinhados com a causa defendida pelos bancos comunitários. Todos esses processos são defendidos como frutos de um processo de conscientização que ocorre nos atores sociais. Os elementos relacionados estão dispostos na figura a seguir.

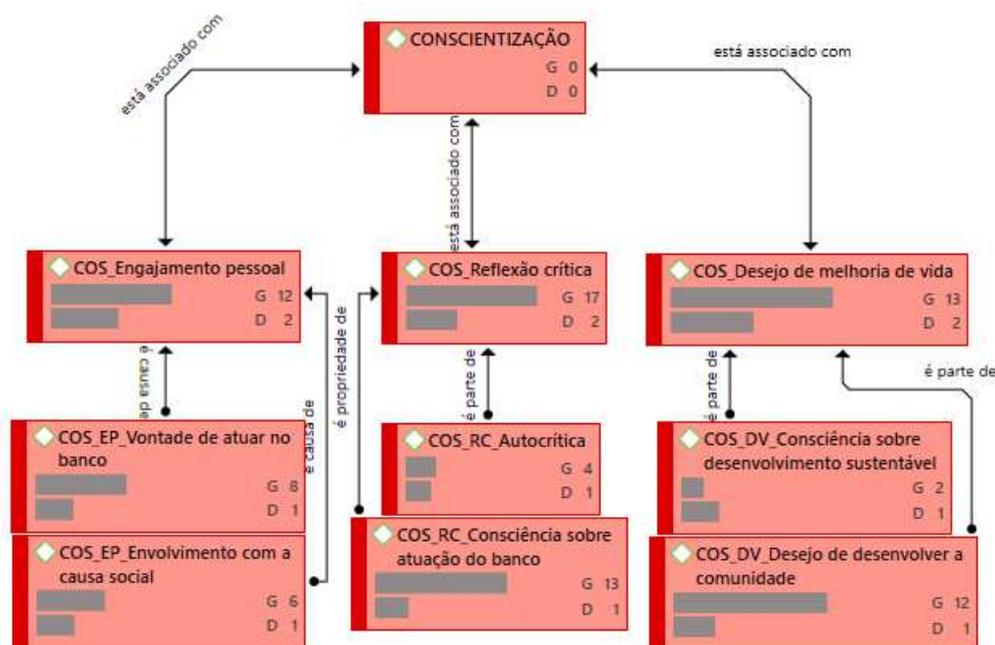


Figura 6. Rede Gerada sobre a Categoria Conscientização.

Fonte: Dados das entrevistas processados pelo software ATLAS.ti (2020).

Em concordância com o ideal da inovação social (Cajaiba-Santana, 2014; Oliveira et al., 2018; Schubert, 2018; Van der Have & Rubalcaba, 2016), os atores dos bancos comunitários acreditam que “para trabalhar no banco, é importante engajamento, [...] ligação com a comunidade” (E4) e uma maior preocupação da instituição em “[...] trabalhar o desenvolvimento de forma sustentável, com consumo mais correto, um consumo mais consciente, um consumo justo” (E1), uma consciência construída por esses participantes.

Embora os sujeitos entrevistados tenham idades, níveis culturais e estejam em contextos distintos, observou-se, ao longo das entrevistas, um alinhamento significativo no discurso desses entrevistados. Todos demonstraram conhecimento acerca do funcionamento dos seus bancos comunitários e dos outros bancos da rede ao qual pertencem. Entende-se, assim, que há um processo efetivo de conscientização nessas iniciativas. Nesse sentido, apresenta-se como principal impulsionador dessa conscientização o sentimento e a prática de engajamento pessoal.

Os sujeitos pontuam como deve ser os atores com **engajamento pessoal**:

Uma pessoa que acredite, que bote fé no negócio, que coloque ele para frente. É o que a gente espera, no mínimo. Porque, se eu acredito e tem outras duas pessoas que não acreditam, fica difícil a gente colocar para frente. Tem que ser tudo em conjunto (E3).

[...] por buscar transformação social, pode incluir pessoas que são excluídas do sistema financeiro tradicional e não tem conta em banco, não tem acesso a crédito, coisas do tipo. Esse é um dos fatores que me motivam bastante e me fazem estar engajado nesse projeto dos bancos comunitários: incluir essas pessoas, possibilitar o desenvolvimento social e econômico do município (E6).

É possível observar que o engajamento pessoal dos atores participantes nesses bancos comunitários está diretamente relacionado a um genuíno **desejo de melhoria de vida**, representado pelo desejo de desenvolvimento de suas comunidades, cuja representação está na oportunidade de crescimento socioeconômico para os usuários dos serviços oferecidos pelo banco, além de garantia de fomento da economia local a partir do fortalecimento da moeda social, dentre outros fatores. Essas concepções são enxergadas como motores de mudança social (Moulaert et al., 2007), voltadas a diversos fins comunitários, como melhoria de renda, de educação e de alimentação, por exemplo, a partir de uma constante **reflexão crítica**.

Com essa visão, o que se busca é uma ampla transformação social (Biggeri et al., 2017; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Ibrahim, 2017; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017), que consiga abranger a comunidade em que eles vivem e um possível alcance de escalabilidade global, levando as práticas bem-sucedidas e concentradas localmente a outras comunidades. Para esse avanço, a conscientização e a aderência da população são etapas primordiais e constantes no processo, fazendo também parte da transformação social prevista pela inovação social, cujos agentes são também os próprios beneficiados (Cajaiba-Santana, 2014; Jürgen Howaldt et al., 2015; Moore & Westley, 2011; Portales, 2019).

4.2.3 Conciliação

Essa categoria faz referência à conciliação entre os interesses individuais e os interesses coletivos dos atores sociais, relacionados ao contexto da comunidade em que estão inseridos. Em uma visão de bem comum, por meio do consenso entre os envolvidos e dos esforços conjuntos nas atividades desempenhadas, evita-se posteriores **conflitos** e **confrontos** no processo de colaboração (Ibrahim, 2017). Expressa-se os elementos desse consenso na figura a seguir.

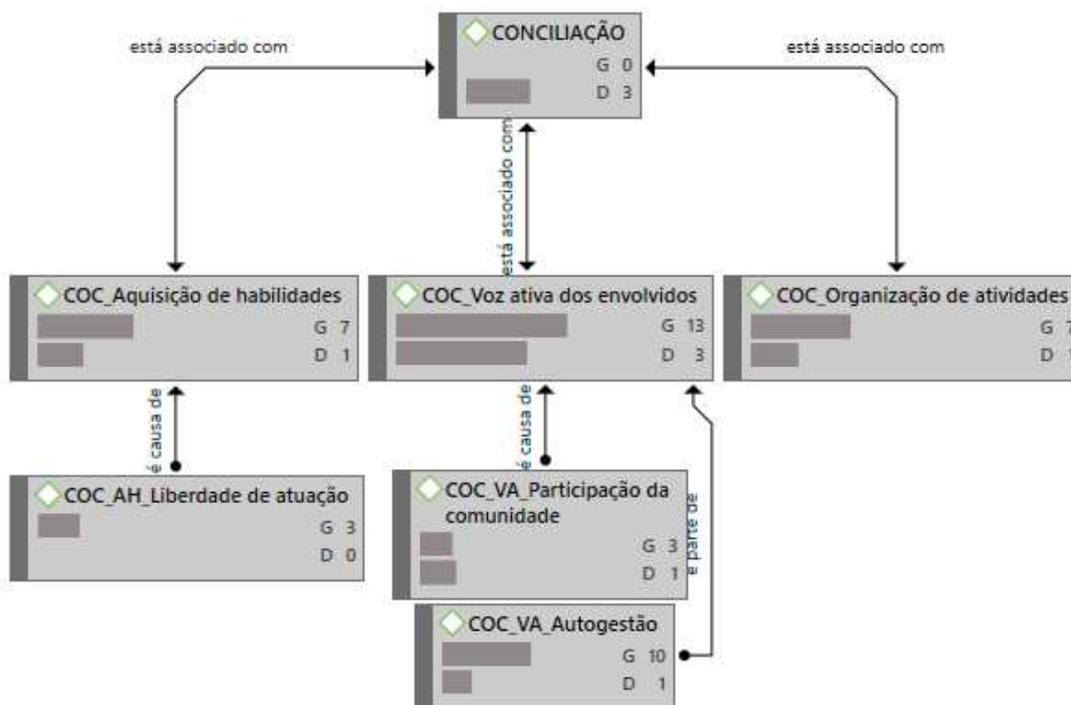


Figura 7. Rede Gerada sobre a Categoria Conciliação.

Fonte: Dados das entrevistas processados pelo *software* ATLAS.ti (2020).

Em termos de **organização de atividades**, os integrantes da Rede paraibana de Bancos Comunitários possuem uma estrutura definida de organização, cujas diretrizes nascem a partir de políticas das chamadas entidades gestoras, que podem ser organizações comunitárias como associações, fóruns, igrejas, ONG's e sindicatos, por exemplo, desde que tenham alinhamento com o propósito da rede. A elas, competem a formação e o planejamento da implementação das atividades de cada banco comunitário. De modo descentralizado, surgem também os conselhos gestores, que determinam os detalhes sobre o funcionamento, nome, produtos oferecidos, características de gestão e parcerias relacionados às iniciativas geridas.

Exemplos de atividades iniciais comuns a todos os BCD's são as chamadas formações especializadas com ênfase em gestão interna. Essas formações são voltadas à definição de estratégias para articulação com novos parceiros, à gestão operacional do banco, aos produtores locais, aos agentes de crédito e aos consumidores. Ainda nesse sentido de conciliação de interesses, é oferecido aos participantes o curso de Marketing Social, no intuito de promover educação sobre os fundamentos em que o banco se apoia.

Como atividade-fim essencial aos bancos comunitários, estão os processos de avaliação e de concessão de crédito. Esse processo segue um trâmite padronizado entre os integrantes da rede paraibana, como descreve de forma sucinta um dos sujeitos:

A pessoa chegou ao banco para solicitar um crédito. [...] Tem um agente de crédito que, primeiro, faz uma sondagem para saber a real necessidade para isso, fazendo uma visita a pessoa que está solicitando. Depois, ele traz essa solicitação e a gente reúne o conselho, que vê a viabilidade, se libera ou não (E7).

A estrutura dos BCD's é enxuta e basicamente composta pelos líderes e agentes de crédito. Além de serem responsáveis pelas atividades de concessão de crédito, estes executam atividades operacionais: mapeamento socioeconômico da comunidade, atendimento ao público, eventuais articulações com parceiros do banco e trocas de moedas. Engajam-se também nos projetos de divulgação das atividades promovidas pela instituição, num processo consensual, chamado por eles de “envolvimento local sustentável”.

Nessas estruturas, prevalece o caráter de inclusão da inovação social (Boni et al., 2018; Ibrahim, 2017; Pellicer-Sifres et al., 2017; Ziegler, 2017a), em detrimento da **cooptação**, em que o consenso garante a participação ativa e opinativa de todos os participantes das atividades, uma vez que, para a definição de suas políticas de implementação, manutenção e funcionamento, “os bancos sempre recebem bem as críticas e novas ideias” (E5), a partir do direito à voto e **voz ativa dos envolvidos**: [...] é um espaço de tomadas de decisões coletivas, em que as pessoas não vão poder agir de forma separada ou beneficiar alguém. Então, a gente deixa isso claro, logo no início, para quem queira participar (E1).

Esse processo vai além de uma significação do processo de inclusão desses atores sociais, há a **liberdade de atuação** que garante a **autogestão**, prevista pela economia solidária (Singer, 2002). Trata-se de uma participação ativa com aquisição de habilidades sociais importantes para desenvolvimento profissional e pessoal, assegurando o caráter real de transformação desses atores em detrimento do mero desenvolvimento das estruturas as quais eles pertencem.

Um dos entrevistados pontua esse processo:

O banco comunitário transforma a vida e as habilidades das pessoas. Os próprios envolvidos enxergam um desenvolvimento das suas carreiras participando das atividades. Eu mesmo enxergo que o banco, de fato, contribui para que as pessoas possam ver uma economia diferente (E2).

Nesse contexto, o processo de conciliação das diversas metas, revelados por práticas em seus contextos reais apresenta eficácia nos casos analisados. Evidencia-se a possibilidade de alinhamento entre os compromissos individuais e os compromissos coletivos dos indivíduos (Alkire, 2005), que contemplam a adequação e divisão de atividades, a participação

democrática e a busca por desenvolvimento de habilidades sociais (Fligstein, 2007; Ibrahim, 2017; Schubert, 2018; Tsakanika & Chaves-Ávila, 2017; Ziegler, 2017b), adquirindo vitalidade quando demonstra a esses indivíduos a importância da causa que eles perseguem e as recompensas sociais das suas ações.

4.2.4 Colaboração

Nessa categoria, concentra-se o processo de colaboração entre os atores envolvidos em dois níveis: a liderança que congrega e mobiliza os participantes das iniciativas, enxergados como incentivadores e controladores da execução das atividades, e a cooperação entre os demais integrantes durante as atividades. Descreve-se o corpus relacionado na figura a seguir.

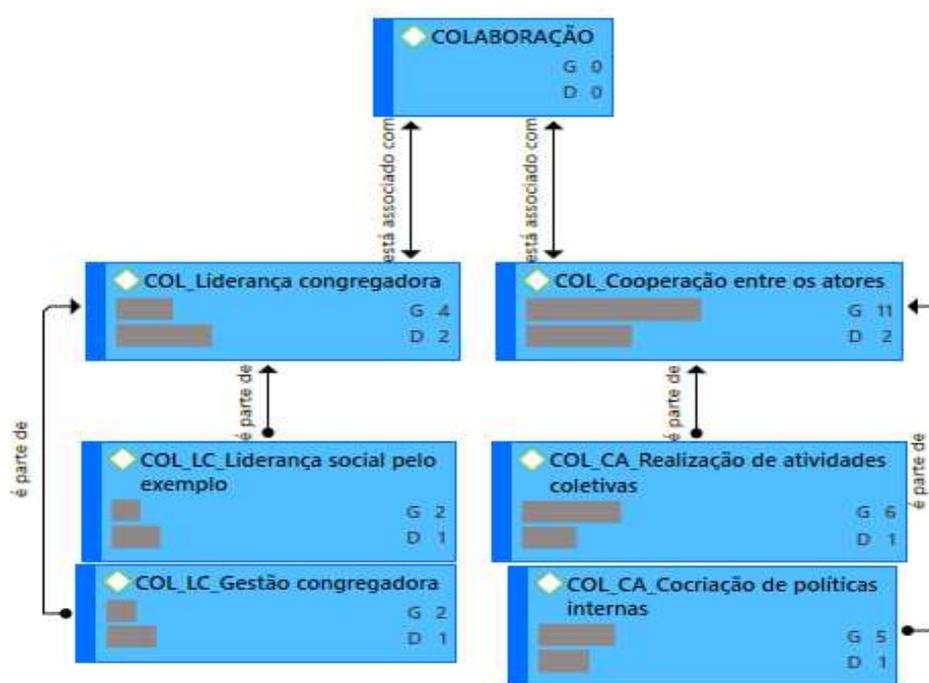


Figura 8. Rede Gerada sobre a Categoria Colaboração.

Fonte: Dados das entrevistas processados pelo software ATLAS.ti (2020).

Nos bancos comunitários de desenvolvimento paraibanos, o processo de colaboração é iniciado pelo líder dessas iniciativas de inovação social, uma vez que ele próprio, por meio de seu conhecimento, experiência e aderência à causa, torna-se um exemplo. Esse processo começa na formação desses líderes junto aos bancos já implementados. Nas palavras do E1, “todo projeto quando se inicia sempre tem que ter um mentor, uma pessoa que tá ali por perto, que apresenta a ideia, que acompanha”. Referindo-se ao seu líder, outro sujeito corrobora: “No

exemplo dele eu acredito. Ele sempre compra tudo com a moeda, com o tintim. Ele é um exemplo para motivar as pessoas e fazerem circular mais a moeda social” (E5).

Contudo, vale salientar que a estrutura é formada a partir da base, uma vez que os líderes não são de estruturas organizacionais já consolidadas. São atores sociais engajados com a causa comunitária e que participam de formações junto aos bancos em funcionamento para que adquiram o conhecimento necessário para a implementação de um novo banco, contando com a ajuda de outros envolvidos que se agregam ao projeto.

Reforça-se, então, que “em um negócio comunitário, o trabalho em equipe é essencial para o bom desenvolvimento das ações de pensar coletivamente e pensar no bem da comunidade” (E6). Nesse sentido, o processo de **cooperação entre os atores** acontece de forma imprescindível e essencial no desenvolvimento das atividades desempenhadas pelos atores envolvidos em um banco comunitário, uma vez que o propósito não é eleger “ganhadores” ou “perdedores”, efeito da **captura**, mas minimizar essa variável negativa e promover mudança social coletiva (Ibrahim, 2017; Portales, 2019).

O espírito de cooperação é um espírito que tem que ser trabalhado. O que está posto aí na sociedade é competição, não é a cooperação, então vou trabalhar nas organizações sociais e, com o tempo, ter apoio de grupos de trabalho em forma de cooperação (E2).

Diante das evidências, tem-se a colaboração, em detrimento da competição, como principal meio de atuação para o atingimento dos objetivos organizacionais e coletivos dentro dos bancos comunitários, uma vez que, respectivamente, uma busca mudança social, preponderantemente por meio da cooperação, e outra, benefício puramente financeiro ou de poder (Portales, 2019). Desse modo, com vista aos objetivos sociais dessas iniciativas estudadas, a colaboração é apresentada como um elemento básico.

4.2.5 Confluência

Essa categoria tem como atividade central a difusão das práticas das iniciativas de IS entre os atores sociais e instituições de todas as esferas, no sentido de construção de esforços para aderência popular das causas defendidas, articulação de parcerias e de investimentos e escalabilidade dos projetos executados, bem como a confluência de fatores organizacionais que, como último fim, promovem a expansão das iniciativas e o desenvolvimento local (Cajaiba-Santana, 2014; Howaldt et al., 2015; Moore & Westley, 2011; Portales, 2019; Souza et al., 2019).

Todos esses esforços são apoiados nas preocupações sociais/ambientais, gerando as transformações pretendidas pelas inovações sociais na minimização de problemas sociais, numa pretensão de transformação social (Cajaiba-Santana, 2014; Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Dawson & Daniel, 2010; Moore et al., 2012; Nicholls & Ziegler, 2017; Rey-García et al., 2019; Ziegler, 2017b).

Tem-se, a seguir, os elementos citados pelos sujeitos:

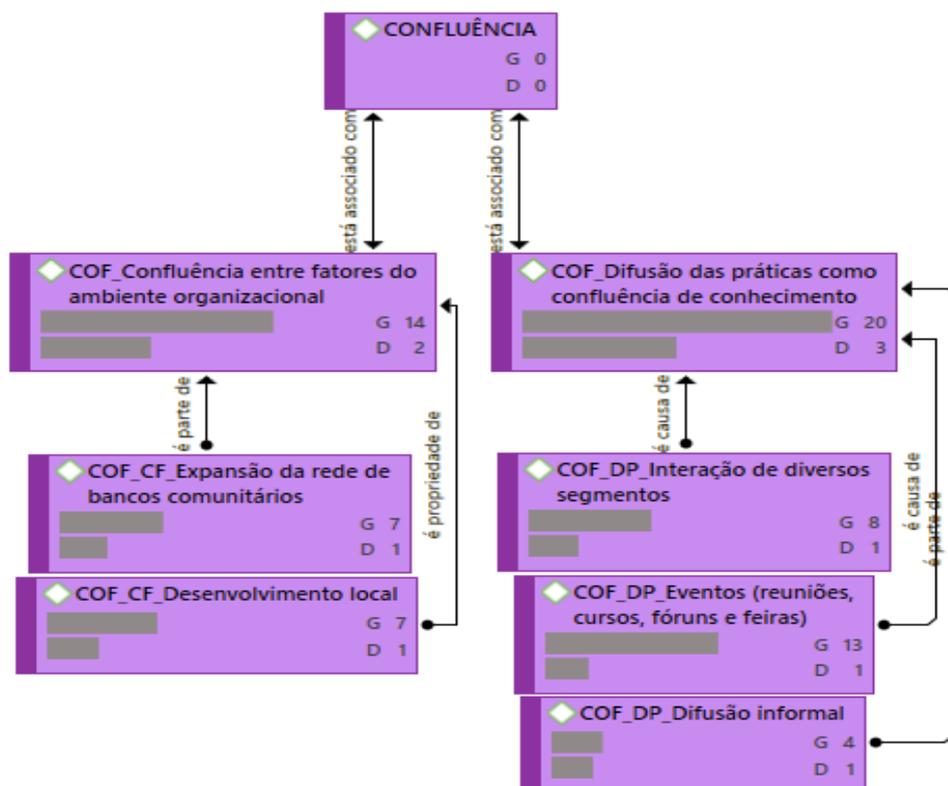


Figura 9. Rede Gerada sobre a Categoria Confluência.

Fonte: Dados das entrevistas processados pelo software ATLAS.ti (2020).

A partir da confiança e da reciprocidade geradas entre os envolvidos em uma aquisição de habilidade social (Baron & Markman, 2000; Fligstein, 1997; Fligstein & McAdam, 2012), estes avançam e fazem com que a organização da qual fazem parte atinja este ponto crucial do ciclo de capacidades. Nesse contexto, a partir capital e sua consequente utilização, inicia-se um processo de desenvolvimento de capacidades desses atores sociais, o qual chega a um último esforço coletivo de capacidades, previsto pela categoria denominada de confluência, cujo escopo é dotado de dois processos-base: a **confluência entre os fatores do ambiente organizacional** e a **difusão das práticas como confluência de conhecimento**.

No cenário dos bancos pertencentes à rede paraibana em análise, compreende-se que há um espaço de múltiplas atividades, mencionado por todos os entrevistados como principal meio

de difusão de informações e de relacionamento entre os atores institucionais, que projeta ainda mais os bancos comunitários e desenvolve os participantes, permitindo difusão de práticas e troca de experiências para o sucesso dos negócios, além da comercialização de produtos que movimentam a economia local: as feiras de economia solidária. Como discorre o E1: “A gente faz toda sexta-feira a feira de economia solidária, agricultura familiar, arte e cultura de Lagoa de Dentro. É um espaço onde a gente comercializa, aprende, ensina e forma.” (E1).

Além da feira de economia solidária, existem também os fóruns de economia solidária, lócus de debates sobre as melhores práticas executadas pelos bancos.

Nesse sentido, os eventos são espaços promissores estratégicos de articulação e difusão das práticas dos bancos comunitários. O trecho a seguir discorre o sentimento de um dos entrevistados com relação aos eventos promovidos pela banco ao qual pertence, enfatizando que se trata de uma prática comum a todos os outros bancos:

Eventos têm uma importância muito grande para nós. Em virtude das parcerias e contatos, a gente já conseguiu algumas ajudas. Isso fortalece nosso trabalho, porque a gente consegue melhorar a forma de funcionamento do banco, com equipamentos, compra de material para barracas, tendas, mesas, cadeiras para próximos eventos. Aqui em Lagoa de Dentro/PB, tem um evento em dezembro ou janeiro, o Seminário Estadual de Finanças Solidárias, que já está na quarta edição, vamos para quinta. Já recebemos gente do Brasil inteiro. Nos três dias de evento, 100 a 150 pessoas vêm conhecer a cidade, a feira, o banco e a moeda e dão visibilidade ao projeto (E1).

Nesse propósito de difusão, além dos espaços planejados formalmente e dos fóruns, existem práticas de **difusão informal**, a exemplo do envolvido no BCD, que pode ser agente de crédito, líder, produtor, comerciante, ou até mesmo o ator comunitário beneficiado, e “[...] sai espalhando informações aos familiares e amigos sobre o banco, na tentativa de ajudar as pessoas a entenderem como é o banco, como ele consegue engajar as pessoas a aderirem à causa que defende e como faz acontecer” (E3). Nesse sentido, existem também as instituições externas que compartilham conhecimento formal acerca das iniciativas comunitárias retratadas, a exemplo das instituições educacionais, em especial as universidades, que têm papel significativo segundo um dos sujeitos: “eu vejo a universidade como um espaço muito importante de disseminação dessas iniciativas inovadoras”.

Objetiva-se com todos os processos organizacionais dessas iniciativas um esforço de expansão de suas estruturas, sejam físicas ou na escalabilidade da transformação social, que se refletem em desenvolvimento comunitário, uma vez que “os bancos trazem todo o resgate, para além do desenvolvimento local. E isso se relaciona com o resgate cultural. É tanto que, no verso

das moedas, por exemplo, aparecem os grupos folclóricos da cidade, o rio, todos esses elementos envolvidos” (E7).

Com esse propósito de apelo cultural e desenvolvimento das comunidades, os bancos comunitários são criados. Inspiram-se em iniciativas semelhantes já existentes, que formam lideranças para as novas implantações. No Brasil, tem-se como banco comunitário de desenvolvimento precursor o Banco Palmas, localizado na cidade de Fortaleza/CE, e citado como referência por todos os sujeitos entrevistados. Assim, o processo de expansão da rede brasileira de bancos comunitários deu-se com os esforços iniciais do Banco Palmas:

O Banco Palmas, que hoje é o maior banco comunitário do país, é responsável por coordenar a Rede Brasileira de Bancos Comunitários e tem implementado várias ações. A gente pode dizer, com muito orgulho, que é neto do Banco Palmas, porque o banco Jardim Botânico é filho do Banco Palmas e nós somos filhos do Banco Jardim Botânico. Há uma ligação no processo de formação, de mobilização e de construção. Ele é referência para nós hoje (E1).

Essa **expansão da rede de BCD's** se dá com a reunião de vários segmentos da sociedade que possam contribuir para o enriquecimento das discussões ou com doações de quaisquer recursos, além de capacitações e trocas de experiências entre as instituições já consolidadas. Em Lagoa de Dentro/PB, por exemplo, o banco Lagoa reuniu a comunidade para uma capacitação em educação financeira com vista à facilitação do processo de abertura do banco, considerando a difusão de conhecimento como passo inicial para a mobilização dos atores. Pensa-se em sempre fortalecer as capacidades dos envolvidos como fator essencial para o desenvolvimento dos projetos realizados, evidenciando a ênfase nos atores sociais da base (Ibrahim, 2017).

Por fim, as práticas coletivas refletem-se no **desenvolvimento local** das comunidades impactadas (Souza et al., 2019), trazendo, além de desenvolvimento de capacidades e de habilidades dos atores sociais envolvidos, a criação do desejo de melhoria de vida nestes e o desenvolvimento socioeconômico das comunidades (Ibrahim, 2017; Melo Neto Segundo & Magalhães, 2009; Mostagi et al., 2019).

5 Considerações Finais

Este artigo analisou empiricamente o ciclo 5C de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais junto aos bancos da Rede Paraibana de Bancos Comunitários. Evidenciou-se a força do processo de conscientização a partir da apresentação de estratégias

alinhadas à causa dos BCD's, que se traduzem na promoção da reflexão crítica, no engajamento pessoal dos atores sociais e no sentimento comunitário de melhoria de vida. Nesse sentido, há uma notável consciência dos sujeitos sobre a atuação do banco no sentido de desenvolver a comunidade de modo sustentável.

Nessa exploração empírica, também foram evidenciados os elementos da categoria capital como subsídios para a dinâmica dos BCD's, a partir de evidências econômicas (lastro e moeda social), sociais (confiança e reciprocidade mediados por habilidade social) e culturais (história local e diversidade cultural), bem como o desenvolvimento local, iniciado na difusão de práticas e na expansão dessas iniciativas, previstos pela categoria “confluência”.

Como processo menos discutido, em termos de menções nas falas, aparece a colaboração, embora seja evidente a sua presença nas iniciativas estudadas. Nesse sentido, todos os processos previstos pelo ciclo 5C foram encontrados nos contextos em análise, caracterizando os casos estudados como celeiros para o desenvolvimento de capacidades.

Assim, a contribuição teórica desse estudo é a representação das capacidades coletivas promovidas pelos atores de inovação social, enxergados num prisma de agentes desenvolvimento (Chiappero-Martinetti & Von Jacobi, 2015; Ibrahim, 2017). Seguindo este percurso, como contribuição gerencial, apresentou-se práticas dos BCD's que podem inspirar modelos de gestão para inovações sociais e demais organizações que desejam desenvolver capacidades coletivas em suas estruturas humanas.

Como limitações, entende-se que o estudo utilizou um recorte transversal em uma exploração local e foi realizado no contexto da pandemia da COVID-19. Dessa forma, as entrevistas se deram de forma on-line. Assim, sugere-se que os estudos futuros realizem uma exploração longitudinal com comparações entre iniciativas de inovação social de distintos segmentos e contextos, bem como análises quantitativas que agreguem subsídios para mensuração dos processos descritos pelo *framework*.

Agradecimentos:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES - Código de Financiamento 001).

Capítulo 4

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

Esta dissertação buscou compreender o processo de desenvolvimento de capacidades coletivas em iniciativas de inovação social, bem como as práticas dos atores sociais envolvidos nesse intento. Para tanto, a pesquisa conduzida subsidiou a construção de três artigos, representando capítulos vinculados à consecução de cada objetivo proposto inicialmente. De modo geral, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa com distintas fases metodológicas: revisão sistemática da literatura, ensaio teórico e estudo de múltiplos casos.

O primeiro artigo mapeou a congruência entre a inovação social e a abordagem das capacidades (*Capabilities Approach*) de Amartya Sen (1990, 2001) por meio de uma revisão sistemática da literatura. Dessa forma, apresentou-se os percursos e tendências da abordagem das capacidades para o desenvolvimento do campo científico da inovação social, a partir de uma metodologia de construção de portfólio bibliográfico denominada de *methodi ordinatio*, em que se baseou em dados de ano de publicação, fator de impacto e número de citações. Observou-se que há uma escassez de trabalhos com essa perspectiva, cujo pesquisador de maior produtividade é Rafael Ziegler, da Universidade de Greifswald (Alemanha).

Ainda nesse primeiro estudo, foi possível classificar a congruência apresentada em três categorias: “inovações de base”, com estudos sobre atores sociais comunitários; “processos para inovação social”, que discutem processos para as inovações sociais sob uma perspectiva de capacidades; e “ações de cidadania e políticas públicas”, que contempla estudos com discussões atuais sobre políticas públicas e processos de inclusão. Essa construção teórica subsidiou a construção do artigo 2, principalmente, com o trabalho de Ibrahim (2017), que inspirou o problema de pesquisa desta dissertação.

O segundo artigo propôs um *framework* para a representação do desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais a partir de cinco processos (categorias), sinteticamente descritos como: 1) capital: mobilização de recursos tangíveis e intangíveis das iniciativas de IS; 2) conscientização: processo cognitivo de reflexão e engajamento dos atores sociais; 3) conciliação: consenso entre os atores e organização de atividades; 4) colaboração: cooperação entre os atores; e 5) confluência: difusão de práticas, expansão das iniciativas e desenvolvimento local. Essa proposição, intitulada de Ciclo 5C, não somente contribuiu com a descrição dos elementos pertencentes ao processo de desenvolvimento das capacidades coletivas, como também descreveu os papéis dos atores sociais que executam esses processos.

Para finalizar a pesquisa, o artigo 3 realizou uma análise do *framework* construído junto à Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento, cujos participantes dos bancos Jardim Botânico (João Pessoa/PB), Cinco Lagoas (Remígio/PB), Lagoa (Lagoa de Dentro/PB) e Maringá (Pombal/PB) e documentos da própria rede forneceram uma significativa contribuição na validação do processo previsto pelo ciclo 5C, que foi evidenciado nos objetos de estudo.

Desse modo, a consecução dos objetivos desta pesquisa foi alcançada e o estudo demonstrou a emergência do campo da inovação social, principalmente relacionada aos estudos com ênfase em seus atores. Nessa perspectiva, o entendimento das capacidades humanas fornece uma contribuição teórica pertinente e abre discussões benéficas à resolução de problemas de ordem econômica, social e ambiental, alvos dos processos de inovação social. Além disso, este trabalho fornece contribuições gerenciais acerca da dinâmica do *framework* proposto e das suas evidências nos bancos comunitários no sentido de inspirar novos modelos de gestão com enfoque em capacidades humanas.

Embora tenha alcançado seu objetivo geral, este trabalho apresentou algumas limitações. Realizou-se uma análise transversal em um contexto local com casos de mesmo segmento de atuação. Nesse sentido, futuros estudos podem enriquecer essa discussão a partir de comparações entre casos de contextos distintos, em uma análise longitudinal, bem como aplicações do ciclo 5C para análise e realizações dos atores de inovação social voltadas a fins específicos. Também são indicados estudos quantitativos que mensurem os processos e seus impactos.

REFERÊNCIAS

- Abad, A. G., & Ezponda, A. G. (2019). Recursos y dilemas de la innovación social: Un concepto problemático. *RES. Revista Española de Sociología*, 28(3), 135–150.
- Adro, F., & Fernandes, C. I. (2020). Social innovation: A systematic literature review and future agenda research. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 17(1), 23–40.
- Alkire, S. (2005). Why the capability approach? *Journal of human development*, 6(1), 115–135.
- Avelino, F., Wittmayer, J. M., Pel, B., Weaver, P., Dumitru, A., Haxeltine, A., Kemp, R., Jørgensen, M. S., Bauler, T., & Ruijsink, S. (2019). Transformative social innovation and (dis) empowerment. *Technological Forecasting and Social Change*, 145, 195–206.
- Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo 4aed. *Lisboa: Edições*, 70, 1977.
- Bar-Ilan, J. (2008). Which h-index?—A comparison of WoS, Scopus and Google Scholar. *Scientometrics*, 74(2), 257–271.
- Baron, R. A., & Markman, G. D. (2000). Beyond social capital: How social skills can enhance entrepreneurs' success. *Academy of Management Perspectives*, 14(1), 106–116.
- Biggeri, M., Testi, E., & Bellucci, M. (2017). Enabling Ecosystems for Social Enterprises and Social Innovation: A Capability Approach Perspective. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 299–306. <https://doi.org/10.1080/19452829.2017.1306690>
- Biggs, R., Westley, F. R., & Carpenter, S. R. (2010). Navigating the back loop: Fostering social innovation and transformation in ecosystem management. *Ecology and society*, 15(2).
- Boni, A., Belda-Miquel, S., & Pellicer-Sifres, V. (2018). Transformative innovation. Proposals from grassroots innovations towards a human development. *Recerca-Revista De Pensament & Anàlisi*, 23, 67–94. <https://doi.org/10.6035/Recerca.2018.23.4>
- Borges, M. A., Dandolini, G. A., & Soares, A. L. (2020). O processo de formação de parcerias intersetoriais em iniciativas de inovação social em Portugal. *Análise Social*, 234, 118–143.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital.
- Bourdieu, P. (1989). A gênese dos conceitos de habitus e de campo. O poder simbólico, 5, 59–73.
- Brito, E. C., & Oliveira, C. M. (2019). Bancos Comunitários de Desenvolvimento e Moedas Sociais: A Experiência Pioneira do Banco de Palmas. *Orbis Latina*, 9(2), 23–36.
- Burchardt, T. (2004). Capabilities and disability: The capabilities framework and the social model of disability. *Disability & society*, 19(7), 735–751.
- Cajaiba-Santana, G. (2014). Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. *Technological Forecasting and Social Change*, 82, 42–51.

- Caroli, M. G., Fracassi, E., Maiolini, R., & Carnini Pulino, S. (2018). Exploring social innovation components and attributes: A taxonomy proposal. *Journal of Social Entrepreneurship*, 9(2), 94–109.
- Caulier-Grice, J., Davies, A., Patrick, R., & Norman, W. (2012). Defining social innovation. A deliverable of the project. *The Theoretical, Empirical And Policy Foundations For Building Social Innovation in Europe”(TEPSIE), European Commission–7th Framework Programme, European Commission and DG Research, Brussels, available at: <http://siresearch.eu/sites/all/modules/pubdlnet/pubdlnet.php>*.
- Chiappero-Martinetti, E., & Von Jacobi, N. (2015). How can Sen’s’ Capabilities Approach’Contribute to Understanding the Role for Social Innovations for the Marginalized?
- Cleaver, F. (1999). Paradoxes of participation: Questioning participatory approaches to development. *Journal of International Development: The Journal of the Development Studies Association*, 11(4), 597–612.
- Correia, S. É. N. Batista, L. F. Motta, V. M. O. (2019). Ecosistemas de Inovação Social e a Construção de Capacidades Coletivas: Uma Análise do Projeto Litro de Luz. *XLIII Encontro da ANPAD - EnANPAD 2019*. São Paulo, SP, Brasil.
- Correia, S. É. N., Melo, L. S. A., & Oliveira, V. M. (2019). Inovação Social e Sociedade Civil: Conteúdo, Processos e Empoderamento. *REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade*, 9(1), 50–62.
- Correia, S. É. N., Oliveira, V. M., & Gomez, C. R. P. (2016). Dimensões da Inovação Social e os Papeis do Ator Organizacional: A Proposição de um Framework. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 17(6), 102–133.
- Correia, S. É. N., de Oliveira, V. M., & Gómez, C. R. P. (2018). Inovações sociais e seus níveis de análise: O caso PATAC–PB. *Revista Gestão e Desenvolvimento*, 15(2), 157–180.
- Dawson, P., & Daniel, L. (2010). Understanding social innovation: A provisional framework. *International Journal of Technology Management*, 51(1), 9–21.
- Deneulin, S., & McGregor, J. A. (2010). The capability approach and the politics of a social conception of wellbeing. *European Journal of Social Theory*, 13(4), 501–519.
- Dzikowski, P. (2018). A bibliometric analysis of born global firms. *Journal of Business Research*, 85, 281–294.
- Evans, P. (2002). Collective capabilities, culture, and Amartya Sen’sDevelopment as Freedom. *Studies in comparative international development*, 37(2), 54–60.
- Fiss, P. C. (2007). A set-theoretic approach to organizational configurations. *Academy of management review*, 32(4), 1180–1198.
- Flick, U. (2004). Entrevistas semi-estruturadas. *U. Flick Introducción a la investigación cualitativa*, 89–110.

- Fligstein, N. (1997). Social skill and institutional theory. *American behavioral scientist*, 40(4), 397–405.
- Fligstein, N. (2007). Habilidade social e a teoria dos campos. *Revista de Administração de Empresas*, 47(2), 61–80.
- Fligstein, N., & McAdam, D. (2012). *A theory of fields*. Oxford University Press.
- Foroudi, P., Akarsu, T. N., Marvi, R., & Balakrishnan, J. (2020). Intellectual evolution of social innovation: A bibliometric analysis and avenues for future research trends. *Industrial Marketing Management*.
- Foweraker, J. (2001). Grassroots movements and political activism in Latin America: A critical comparison of Chile and Brazil. *Journal of Latin American Studies*, 839–865.
- Freitas, W. R., & Jabbour, C. J. (2011). Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: Boas práticas e sugestões. *Revista Estudo & Debate*, 18(2).
- Geels, F. W. (2011). The multi-level perspective on sustainability transitions: Responses to seven criticisms. *Environmental innovation and societal transitions*, 1(1), 24–40.
- Gerometta, J., Haussermann, H., & Longo, G. (2005). Social innovation and civil society in urban governance: Strategies for an inclusive city. *Urban studies*, 42(11), 2007–2021.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo/Fundação Getúlio Vargas, v. 35, n. 3, p. 21-28.
- Gordon, A., Becerra, L., & Fressoli, M. (2017). Potentialities and constraints in the relation between social innovation and public policies: Some lessons from South America. *Ecology and Society*, 22(4). doi:10.2307/26799018.
- Griewald, Y., & Rauschmayer, F. (2014). Exploring an environmental conflict from a capability perspective. *Ecological Economics*, 100, 30–39.
- Hillier, J., Moulaert, F. & Nussbaumer, J. (2004). Trois essais sur le rôle de l'innovation sociale dans le développement territorial. *Géographie, économie, société*, vol. 6(2), 129-152. doi:10.3166/ges.6.129-152.
- Howaldt, J., Kopp, R., & Schwarz, M. (2015). On the theory of social innovations: Tarde's neglected contribution to the development of a sociological innovation theory.
- Howaldt, J., & Schwarz, M. (2017). Social Innovation and Human Development How the Capabilities Approach and Social Innovation Theory Mutually Support Each Other. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 163–180. <https://doi.org/10.1080/19452829.2016.1251401>
- Huddart, S. (2010). Patterns, principles, and practices in social innovation. *The philanthropist*, 23(3), 221–234.
- Ibrahim, S. (2017). How to Build Collective Capabilities: The 3C-Model for Grassroots-Led Development. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 197–222. <https://doi.org/10.1080/19452829.2016.1270918>

- Jessop, B., Moulaert, F., Hulgård, L., & Hamdouch, A. (2013). Social innovation research: A new stage in innovation analysis. *The international handbook on social innovation: Collective action, social learning and transdisciplinary research*, 110–130.
- Juuti, P. S., & Katko, T. S. (2005). *Water, time and European cities-History matters for the futures*.
- Klein, J.-L., & Harrisson, D. (2006). *L'innovation sociale: Émergence et effets sur la transformation des sociétés*. Puq.
- Lakatos, E. M. Marconi, M. de A. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Lee, R. P., Spanjol, J., & Sun, S. L. (2019). Social innovation in an interconnected world: Introduction to the special issue. *Journal of Product Innovation Management*, 36(6), 662–670.
- Llewellyn, S., & Northcott, D. (2007). The "singular view" in management case studies. *Qualitative research in organizations and management*, 2(3), 194.
- Maclean, M., Harvey, C., & Gordon, J. (2013). Social innovation, social entrepreneurship and the practice of contemporary entrepreneurial philanthropy. *International Small Business Journal*, 31(7), 747–763. <https://doi.org/10.1177/0266242612443376>.
- Mahoney, J., & Thelen, K. (2009). *Explaining institutional change: Ambiguity, agency, and power*. Cambridge University Press.
- Martin, C. J., Upham, P., & Budd, L. (2015). Commercial orientation in grassroots social innovation: Insights from the sharing economy. *Ecological Economics*, 118, 240–251.
- Mazigo, A. F. (2017). Promoting Social Innovation Through Action Research: Evidence from an Empirical Study in the Fisheries Sector of Ukerewe District in Tanzania. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 239–257. <https://doi.org/10.1080/19452829.2016.1256276>
- Melo Neto Segundo, J. J. de, & Magalhães, S. (2009). *Bancos comunitários*.
- Miller, D. (1990). Organizational configurations: Cohesion, change, and prediction. *Human Relations*, 43(8), 771–789.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Group, P. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *PLoS med*, 6(7), e1000097.
- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., & Stewart, L. A. (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic reviews*, 4(1), 1.
- Molnar, G. (2017). Capability building combined with microcredit: The loan alone is insufficient. *Journal of Social Entrepreneurship*, 8(3), 354–374. <https://doi.org/10.1080/19420676.2017.1371632>

- Moore, M.-L., & Westley, F. (2011). Surmountable chasms: Networks and social innovation for resilient systems. *Ecology and society*, 16(1).
- Moore, M.-L., Westley, F. R., & Nicholls, A. (2012). The social finance and social innovation nexus. Taylor & Francis.
- Mostagi, N. C., Pires, L. de L., Mahnic, C. de L. P., & Santos, L. M. L. dos. (2019). Banco Palmas: Inclusão e desenvolvimento local. *Interações (Campo Grande)*, 20(1), 111–124.
- Moulaert, F. (2009). Social innovation: Institutionally embedded, territorially (re) produced. *Social innovation and territorial development*, 11–24.
- Moulaert, F., Martinelli, F., González, S., & Swyngedouw, E. (2007). Introduction: Social innovation and governance in European cities: Urban development between path dependency and radical innovation. Sage Publications Sage UK: London, England.
- Mumford, M. D. (2002). Social innovation: Ten cases from Benjamin Franklin. *Creativity research journal*, 14(2), 253–266.
- Neumeier, S. (2012). Why do social innovations in rural development matter and should they be considered more seriously in rural development research?—Proposal for a stronger focus on social innovations in rural development research. *Sociologia Ruralis*, 52(1), 48–69.
- Nicholls, A., & Murdock, A. (2012). The nature of social innovation. In *Social innovation* (p. 1–30). Springer.
- Nicholls, A., & Ziegler, R. (2017). An extended social grid model for the study of marginalisation processes and social innovation.
- Nascimento, L. da S., & Steinbruch, F. K. (2019). “The interviews were transcribed”, but how? Reflections on management research. *RAUSP Management Journal*, 54(4), 413–429.
- Oliveira, V. M., Correia, S. E. N., & Gomez, C. R. P. (2018). Inovações Sociais como Meio de Promoção do Consumo Sustentável: Possibilidades e Desafios. *Desenvolvimento em Questão*, 16(44), 383–416.
- Orton, M. (2011). Flourishing lives: The capabilities approach as a framework for new thinking about employment, work and welfare in the 21st century. *Work, employment and society*, 25(2), 352–360.
- Pagani, R. N., Kovaleski, J. L., & Resende, L. M. (2015). Methodi Ordinatio: A proposed methodology to select and rank relevant scientific papers encompassing the impact factor, number of citation, and year of publication. *Scientometrics*, 105(3), 2109–2135.
- Pagani, R. N., Kovaleski, J. L., & de Resende, L. M. M. (2017). Avanços na composição da Methodi Ordinatio para revisão sistemática de literatura. *Ciência da Informação*, 46(2).
- Paiva Júnior, F. G., de Souza Leão, A. L. M., & de Mello, S. C. B. (2011). Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. *Revista de Ciências da Administração*, 13(31), 190–209.

- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. Thousand Oaks, Cal.: Sage Publications.
- Pel, B., & Bauler, T. (2014). The institutionalisation of social innovation: Between transformation and capture. *TRANSIT working paper*, 2, 2–1.
- Pel, B., Wittmayer, J., Dorland, J., & Jorgensen, M. S. (2018). Unpacking the social innovation ecosystem: A typology of empowering network constellations. *Annals of the 100 International Social Innovation Research Conference (ISIRC)*.
- Pellicer-Sifres, V., Belda-Miquel, S., Lopez-Fogues, A., & Boni Aristizabal, A. (2017). Grassroots Social Innovation for Human Development: An Analysis of Alternative Food Networks in the City of Valencia (Spain). *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 258–274. <https://doi.org/10.1080/19452829.2016.1270916>
- Phillips, W., Lee, H., Ghobadian, A., O'Regan, N., & James, P. (2015). Social innovation and social entrepreneurship: A systematic review. *Group & Organization Management*, 40(3), 428–461.
- Portales, L. (2019). *Social innovation and social entrepreneurship. Fundamentals, Concepts, and Tools*. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan.
- Rede Paraibana de Bancos Comunitários (n.d.). Multimídia. Recuperado em 05 de setembro de 2020, de < <https://bcdpb.webnode.com/multimidia/>>.
- Rey-García, M., Calvo, N., & Mato-Santiso, V. (2019). Collective social enterprises for social innovation. *Management Decision*.
- Rigo, A. S., de França Filho, G. C., & Leal, L. P. (2015). Moedas sociais nos Bancos Comunitários de Desenvolvimento: a experiência das conchas em Matarandiba/BA. *Revista interdisciplinar de gestão social*, 4(2).
- Rigo, A. S., & França Filho, G. C. D. (2017). O paradoxo das Palmas: análise do (des) uso da moeda social no “bairro da economia solidária”. *Cadernos EBAPE*. BR, 15(1), 169-193.
- Robeyns, I. (2005). The capability approach: A theoretical survey. *Journal of human development*, 6(1), 93–117.
- Roig-Tierno, N., Gonzalez-Cruz, T. F., & Llopis-Martinez, J. (2017). An overview of qualitative comparative analysis: A bibliometric analysis. *Journal of Innovation & Knowledge*, 2(1), 15–23.
- Rossetto, D. E., Bernardes, R. C., Borini, F. M., & Gattaz, C. C. (2018). Structure and evolution of innovation research in the last 60 years: Review and future trends in the field of business through the citations and co-citations analysis. *Scientometrics*, 115(3), 1329–1363.
- Scheuerle, T., Schimp, G.-C., Glänzel, G., & Mildenerger, G. (2016). Report on Relevant Actors in Historic Examples and an Empirically Driven Typology on Types of Social Innovation.
- Schubert, C. (2018). Social Innovation. In *Innovation society today* (p. 371–391). Springer.

- Scoppetta, A., Butzin, A., & Rehfeld, D. (2014). Social innovation in the social economy and civil society. *Theoretical approaches to social innovation: A critical literature review (D1. 1)*. Internet: http://www.si-drive.eu/wp-content/uploads/2014/11/D1_1-Critical-Literature-Review_final.pdf [last accessed 29.03. 2016], 79–96.
- Scott-Cato, M., & Hillier, J. (2010). How could we study climate-related social innovation? Applying Deleuzian philosophy to Transition Towns. *Environmental Politics*, 19(6), 869–887.
- Sedlak, D. (2014). *Water 4.0: The past, present, and future of the world's most vital resource*. Yale University Press.
- Sen, A. (1990). Development as capability expansion. *The community development reader*, 41–58.
- Sen, A. (2001). *Development as freedom*. Oxford Paperbacks.
- Sferrazzo, R., & Ruffini, R. (2019). Are Liberated Companies a Concrete Application of Sen's Capability Approach? *Journal of Business Ethics*, 1–14.
- Silva Júnior, J. T. (2007). Bancos comunitários e desenvolvimento territorial: Analisando as singularidades destas experiências de microfinanças solidárias. *Cadernos Gestão Social*, 1, 1–18.
- Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. Fundação Perseu Abramo.
- Soares, C. L. B. (2016). Moeda social: Uma análise interdisciplinar de suas potencialidades no Brasil contemporâneo.
- Souza, A. C. A. A., Lessa, B. S., & Silva Filho, J. C. L. (2019). Social innovation and the promotion of local economic development. *Innovation & Management Review*.
- Taylor, R., Torugsa, N., & Arundel, A. (2020). Social Innovation in Disability Nonprofits: An Abductive Study of Capabilities for Social Change. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 49(2), 399–423. <https://doi.org/10.1177/0899764019873965>
- Terlazzo, R. (2019). How politically liberal should the capabilities approach want to be? *Politics, Philosophy & Economics*, 18(3), 282–304.
- Tiwari, M. (2017). Exploring the Role of the Capability Approach in Social Innovation. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 181–196. <https://doi.org/10.1080/19452829.2016.1271312>
- Tsakanika, L., & Chaves-Ávila, R. (2017). Building Social Innovation Ecosystems: A capability approach. Retrieved April, 29, 2019.
- Ullrich, D. R., de Oliveira, J. S., Basso, K., & Visentini, M. S. (2012). Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: Em direção à reflexividade analítica. *Análise*, 23(1).
- van der Have, R. P., & Rubalcaba, L. (2016). Social innovation research: An emerging area of innovation studies? *Research Policy*, 45(9), 1923–1935.

- Van Raemdonck, L. (2019). Comparison of Four Different Livelihood Programmes for Urban Refugee Women in Durban, South Africa: Insights from the Capability Approach. *Journal of International Migration and Integration*, 20(2), 497–519. <https://doi.org/10.1007/s12134-018-0618-5>
- van Wijk, J., Zietsma, C., Dorado, S., De Bakker, F. G., & Marti, I. (2019). Social innovation: Integrating micro, meso, and macro level insights from institutional theory. *Business & Society*, 58(5), 887–918.
- von Jacobi, N., Edmiston, D., & Ziegler, R. (2017). Tackling Marginalisation through Social Innovation? Examining the EU Social Innovation Policy Agenda from a Capabilities Perspective. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 148–162. <https://doi.org/10.1080/19452829.2016.1256277>
- von Jacobi, N., Nicholls, A., & Chiappero-Martinetti, E. (2017). Theorizing Social Innovation to Address Marginalization. *Journal of Social Entrepreneurship*, 8(3), 265–270. <https://doi.org/10.1080/19420676.2017.1380340>
- Voorberg, W. H., Bekkers, V. J., & Tummers, L. G. (2015). A systematic review of co-creation and co-production: Embarking on the social innovation journey. *Public Management Review*, 17(9), 1333–1357.
- Whetten, D. (2003). O que constitui uma contribuição teórica?. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 3, p. 69-73.
- White, L. (2018). A Cook's tour: Towards a framework for measuring the social impact of social purpose organisations. *European Journal of Operational Research*, 268(3), 784–797. <https://doi.org/10.1016/j.ejor.2017.06.015>
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso-: Planejamento e métodos*. Bookman editora.
- Young, H. P. (2011). The dynamics of social innovation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 108(Supplement 4), 21285–21291.
- Ziegler, R. (2010). Innovations in doing and being: Capability innovations at the intersection of Schumpeterian political economy and human development. *Journal of Social Entrepreneurship*, 1(2), 255–272.
- Ziegler, R. (2017a). Citizen Innovation as Niche Restoration—A Type of Social Innovation and Its Relevance for Political Participation and Sustainability. *Journal of Social Entrepreneurship*, 8(3), 338–353. <https://doi.org/10.1080/19420676.2017.1364286>
- Ziegler, R. (2017b). Social innovation as a collaborative concept. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 30(4), 388–405.
- Ziegler, R., Karanja, B. H. K., & Dietsche, C. (2013). Toilet Monuments: An Investigation of Innovation for Human Development. *Journal of Human Development and Capabilities*, 14(3), 420–440. <https://doi.org/10.1080/19452829.2012.693070>
- Ziegler, R., Molnar, G., Chiappero-Martinetti, E., & von Jacobi, N. (2017). Creating (Economic) Space for Social Innovation. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 293–298. <https://doi.org/10.1080/19452829.2017.1301897>

APÊNDICES

APÊNDICE I – Roteiro de entrevista

Orientações gerais: Este roteiro de entrevista deve ser aplicado junto aos principais atores da Rede Paraibana de Bancos Comunitários. Ele está alinhado aos objetivos e ao *framework* proposto pela pesquisa, podendo sofrer alterações por se tratar de pesquisa exploratória.

No início da entrevista:

- I. Solicitar autorização para gravação da entrevista. Ressaltar que será transcrita;
- II. Buscar consentimento acerca do uso do nome das organizações e dos respondentes quando das publicações;
- III. Coletar dados pessoais sobre o entrevistado (formação, banco comunitário ao qual pertence, cargo, tempo na função e experiências anteriores no mesmo ramo, quando for o caso);
- IV. Apresentar os objetivos da pesquisa:
 - **Objetivo geral da pesquisa:** Compreender o processo de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais.
 - **Objetivo específico orientador desta entrevista:** Analisar empiricamente o *framework* de desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais (aqui, trata-se de compreender o desenvolvimento de capacidades dos participantes envolvidos na Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento).

No final da entrevista:

- I. Questionar ao entrevistado se há mais alguma informação que acredite ser pertinente acrescentar.
- II. Solicitar indicação de novos entrevistados que possam agregar informações relevantes à pesquisa.

Questões de conhecimento geral

1. Fale um pouco sobre o seu envolvimento com a Rede Paraibana de Bancos Comunitários e o banco comunitário ao qual pertence.
2. Como o banco surgiu? Qual foi a motivação para que isso acontecesse?
3. Como o banco comunitário é enxergado pela comunidade a qual pertence?

Grupo 1: Conscientização

1. Quais são e como são pensadas as estratégias (ações) dos bancos comunitários?
2. Qual a importância de se sentir engajado nas atividades que executa?
3. Como ocorre o engajamento dos participantes no banco comunitário?
4. Quais os motivos que o leva a atuar no banco comunitário?

Grupo 2: Conciliação

1. Como ocorre a organização de atividades no banco comunitário ao qual pertence?
2. Fale se todos os envolvidos manifestam suas ideias e a importância disso.
3. De que forma os participantes desenvolvem suas habilidades ao atuarem no banco comunitário?
4. Como os envolvidos podem melhorar o relacionamento com os demais? Explique se considera isto importante.

Grupo 3: Colaboração

1. Quais são as instituições envolvidas no banco?
2. Como ocorre a cooperação entre os participantes? E entre as instituições?
3. Quais os impactos que a cooperação traz para um banco comunitário?
4. Quais os objetivos sociais e econômicos do banco comunitário e de que maneira os participantes ajudam para a consecução desses objetivos?

Grupo 4: Confluência

1. Como ocorrem as reuniões entre os envolvidos no banco comunitário e qual a frequência delas?
2. De que forma as decisões das reuniões são atingidas na prática?
3. Explique quais as contribuições de eventos, projetos em conjuntos e/ou parcerias entre os bancos comunitários.
4. Quais as formas de interação entre os bancos da Rede Paraibana de Bancos Comunitários?
5. Como ocorre a expansão dos bancos comunitários?
6. Como o banco comunitário contribui para o desenvolvimento da comunidade?

Grupo 5: Capital

1. Como ocorre a utilização de recursos financeiros no seu banco comunitário e como torná-la mais eficiente?
2. Qual a importância da confiança e da reciprocidade entre os participantes? Elas existem no banco comunitário ao qual pertence?
3. De que forma a diversidade cultural entre os participantes traz benefícios ao banco comunitário?
4. Qual a importância da contribuição por meio de ideias? Ela acontece por parte dos participantes? O banco comunitário é receptivo com relação a isso?

Grupo 6: Variáveis Influenciadoras

1. O que é feito para contornar as situações de conflito entre os participantes?
2. Explique se algum confronto entre os participantes já prejudicou alguma atividade e/ou resultado do banco comunitário e como ocorreu.
3. Como os participantes ingressam no banco comunitário?
4. De que forma a concorrência entre os participantes impacta no desempenho das atividades?

5. Quais os fatores facilitadores para a obtenção de recursos e operacionalização das atividades no banco?
6. Quais as barreiras na captação de recursos para o banco comunitário?
7. Como o local de atuação favorece o desempenho do banco comunitário ao qual pertence?
8. De que forma os líderes (formais ou informais) induzem os participantes a cooperarem entre si?
9. Quais as características que os participantes devem ter para atingirem os objetivos do banco comunitário?
10. Quais os impactos causados pelo banco na localidade e na vida das pessoas?

APÊNDICE II – Comprovante de Submissão do Artigo 1



Leonardo FB <leonardofb.leo@gmail.com>

[REAd] Agradecimento pela Submissão

1 mensagem

Guilherme Dornelas Camara <ea_read@ufrgs.br>
Para: Leonardo Ferreira Batista <leonardofb.leo@gmail.com>

22 de julho de 2020 02:58

Leonardo Ferreira Batista,

Agradecemos o envio do seu manuscrito "A ABORDAGEM DAS CAPACIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE INOVAÇÕES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA" para Revista Eletrônica de Administração.

O manuscrito passa por um processo de desk-review. Caso esta primeira avaliação seja positiva os autores serão informados e o manuscrito enviado para avaliação cega por pares.

Trabalhos fora das normas de submissão disponíveis no portal da Revista terão a submissão cancelada e os autores serão informados, podendo decidir-se por nova submissão atendendo às normas.

Através da interface de administração do sistema utilizado para a submissão será possível acompanhar o processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito: <https://seer.ufrgs.br/read/author/submission/105581>
Login: leonardoferreirab

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este e-mail. Agradecemos mais uma vez considerar nossa Revista para a publicação do seu trabalho.

Guilherme Dornelas Camara
Revista Eletrônica de Administração
REAd - Revista Eletrônica de Administração
Escola de Administração
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
e-mail para read@ufrgs.br

APÊNDICE III – Comprovante de Submissão do Artigo 2

29/08/2020

Gmail - Fwd: Journal of Human Development and Capabilities - Manuscript ID CJHD-2020-0158



Leonardo FB <leonardofb.leo@gmail.com>

Fwd: Journal of Human Development and Capabilities - Manuscript ID CJHD-2020-0158

Suzanne Correia <suzanne.enc@gmail.com>

28 de agosto de 2020 12:14

Para: Leonardo Ferreira Batista <leonardofb.leo@gmail.com>

----- Forwarded message -----

De: **Journal of Human Development and Capabilities** <onbehalfof@manuscriptcentral.com>

Date: sex., 28 de ago. de 2020 às 12:12

Subject: Journal of Human Development and Capabilities - Manuscript ID CJHD-2020-0158

To: <suzanne.enc@gmail.com>

28-Aug-2020

Dear Dr. Correia:

Your manuscript entitled "Development of Collective Capabilities in Social Innovations: The 5C Cycle" has been successfully submitted online and is presently being given full consideration for publication in Journal of Human Development and Capabilities.

Your manuscript ID is CJHD-2020-0158.

Please mention the above manuscript ID in all future correspondence or when calling the office for questions. If there are any changes in your street address or e-mail address, please log in to Manuscript Central at <https://mc.manuscriptcentral.com/cjhd> and edit your user information as appropriate.

You can also view the status of your manuscript at any time by checking your Author Centre after logging in to <https://mc.manuscriptcentral.com/cjhd>.

Thank you for submitting your manuscript to Journal of Human Development and Capabilities.

Sincerely,
Journal of Human Development and Capabilities Editorial Office

--

Suzanne Érica Nóbrega Correia, Dra.
Unidade Acadêmica de Administração e Contabilidade
Universidade Federal de Campina Grande

APÊNDICE IV – Comprovante de Submissão do Artigo 3

08/09/2020

Gmail - [APGS] Agradecimento pela submissão



Leonardo FB <leonardofb.leo@gmail.com>

[APGS] Agradecimento pela submissão

1 mensagem

Editor Chefe Antônio Carlos Brunozi Júnior <periodicos@ufv.br>
Para: Leonardo Ferreira Batista <leonardofb.leo@gmail.com>

8 de setembro de 2020 13:58

Leonardo Ferreira Batista,

Agradecemos a submissão do trabalho "Capacidades Coletivas em Inovações Sociais à Luz do Ciclo 5C: Uma Análise da Rede Paraibana de Bancos Comunitários" para a revista Administração Pública e Gestão Social. Acompanhe o progresso da sua submissão por meio da interface de administração do sistema, disponível em:

URL da submissão: <https://periodicos.ufv.br/apgs/authorDashboard/submission/11114>
Login: leonardoferreirab

Em caso de dúvidas, entre em contato via e-mail (apgs.ufv@gmail.com).

Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de compartilhar seu trabalho.

Editor Chefe Antônio Carlos Brunozi Júnior

Cordialmente, Editor Chefe Antônio Carlos Brunozi Júnior

Revista Administração Pública e Gestão Social - ISSN 2175 5787

<https://www.apgs.ufv.br/>